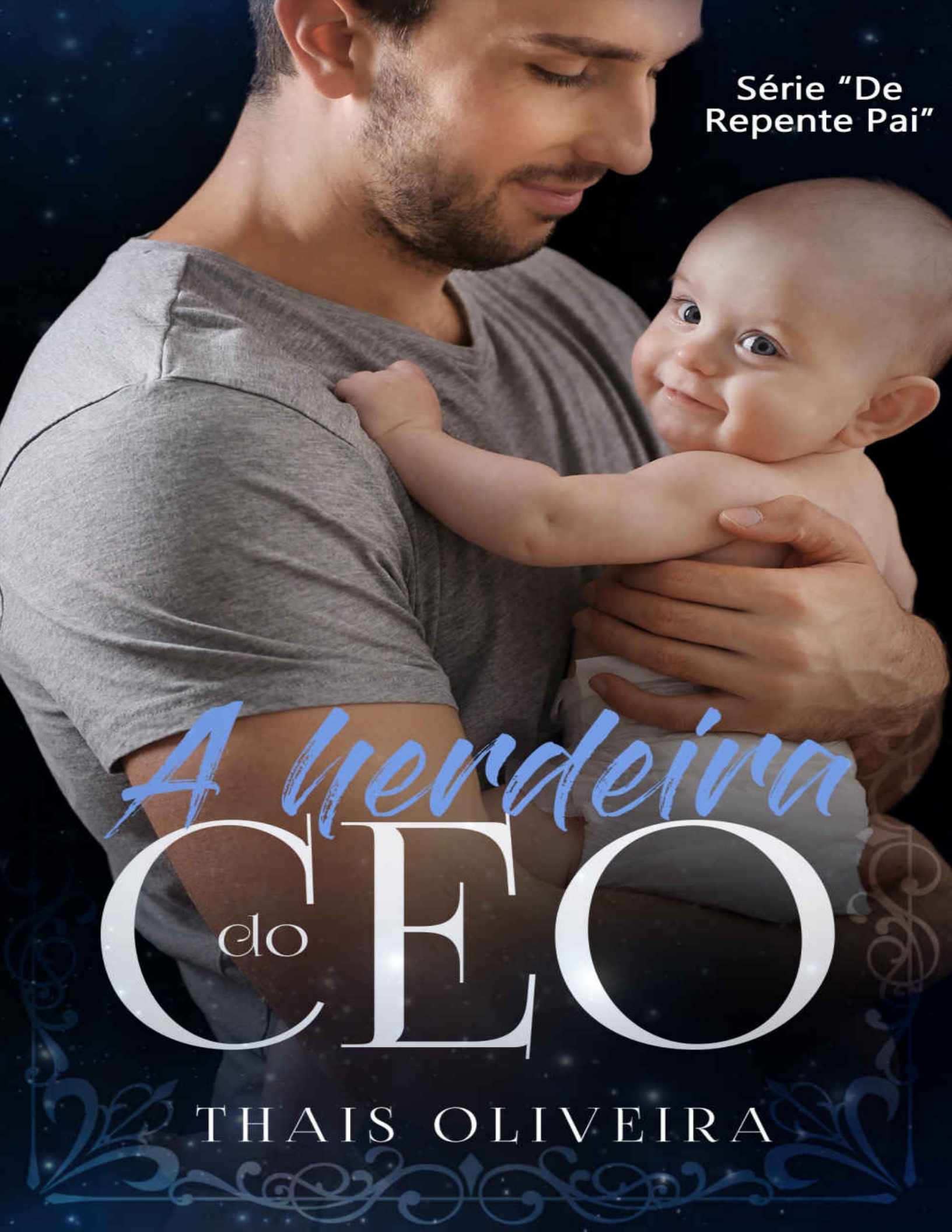


A man with a beard and short dark hair, wearing a grey t-shirt, is holding a baby. The man is looking down at the baby with a gentle expression. The baby is looking up at the man and smiling. The background is dark with some light specks, suggesting a night sky or a studio background.

Série "De
Repente Pai"

A herdeira
do CEO

THAIS OLIVEIRA



Série "De
Repente Pai"

A herdeira
do CEO

THAIS OLIVEIRA

Copyright © 2021 de Thais Oliveira

Todos os direitos reservados Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópias, gravações ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a previa autorização por escrito do editor, exceto em casos breves de citações em resenhas ou alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei de direitos autorais. Este livro é um trabalho de ficção. Todos os nomes, personagens, locais e incidentes são frutos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com a realidade, pessoas vivas ou mortas, é mera coincidência.

1º edição: 2021

Capa: TG Design.
Revisão: Lidiane Mastello.
Diagramação: TG Design.

Oliveira, Thais: A herdeira do CEO / Thais Oliveira
1. Romance | 2. Ficção brasileira
ALTAMIRA PARÁ

Sumário



[DEDICATÓRIA](#)

[SOBRE A SÉRIE](#)

[SINOPSE](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[EPÍLOGO](#)

[GOSTOU DO LIVRO?](#)

[PRÓXIMOS LANÇAMENTOS](#)

[SOBRE A AUTORA](#)



Eu geralmente sou conhecida por ter péssimos pais em meus livros e um dia alguém me perguntou o porquê. Acredito que pensam que isso é um reflexo da vida real, mas não é. Tenho ótimos pais. E é por isso que dedico Enrico e Helena á você, pai. Te amo. Obrigada por tudo.

Sobre a série



Não tem ordem certa de leitura, é uma série composta por três livros, cada um de uma autora diferente e as **histórias não estão ligadas**.

Os títulos são:

A herdeira do CEO, Thais Oliveira.



O bebê da minha melhor amiga, Lis Santos | 17.09.2021

Pai por (contrato) amor, Denilia Carneiro | 24.09.2021

Nota da autora



Olá, querido leitor, eu geralmente não faço notas, mas espero realmente que você pause sua leitura para ouvir o que tenho a falar. A proposta de A herdeira do CEO é exatamente para divertir, aquecer o coração e deixar a mente leve, não temos grandes dramas nem muitas reviravoltas, e eu espero realmente que isso tenha espaço na sua lista de leitura.

Espero que aprecie a viagem com Yu, Enrico e Helena. E nos vemos em breve.

Sinopse



Uma noite deixou consequências, mas Enrico não sabia disso. CEO de uma grande empresa Brasileira, não imaginou que uma noite há um ano e meio colocaria uma criança no mundo e que precisaria abrir mão de muitas coisas por ela.

Helena Park é uma jovem de vinte e dois anos que abandonou a faculdade para cuidar da sua sobrinha órfã. Depois da morte da irmã, a mulher prometeu que não deixaria nada acontecer com Yumi, porém as condições escassas a levam a tomar uma decisão perigosa, indo atrás de quem jurou nunca mais falar.

Enrico não sabia que era pai.

Helena o odiava.

E ambos tinham um longo impasse pela frente e pela felicidade de Yumi, era melhor ele ser solucionado.



Eu acho que a vida fazia testes para ver até onde nossa força ia. Só podia ser isso, pois enquanto eu encarava minha pequena bebezinha nos braços, sentia como se a qualquer momento fosse me desmanchar em lágrimas. Minha Yumi não tinha ninguém depois da morte da mãe, e eu peguei para mim a missão de fazer a vida da minha sobrinha a melhor possível.

Até não conseguir mais.

Até precisar ir atrás de quem prometi que nunca iria.

Enrico precisava saber da filha.

Mesmo que ele me odiasse, mesmo que dissesse não a paternidade, ele precisava dar apoio a ela.

Capítulo



ENRICO BERNARDI

A viagem de volta para o Brasil foi no mínimo irritante. Mas tentei focar no fato de que estava novamente em casa e que nada daquilo poderia me afetar, não precisaria lidar com os clientes irritantes Italianos que dava mais valor aos conceitos ultrapassados do que a qualidade do serviço.

Assim que fechei a porta do escritório, fechei os olhos, respirando fundo e focando no que tinha para fazer ali. Geralmente eu ia direto para casa, mas tinha que revisar a situação da Bernardi antes de descansar.

William chegou momentos mais tarde, cortando meus pensamentos.

— Oi, eu vim trazer uns documentos — falou ele colocando a pasta sobre a minha mesa. — Eu preciso falar que sua mãe está ligando desde que você chegou. Que pousou o avião. Ela disse que é urgente.

Assenti.

— Eu ligo mais tarde.

Will engoliu em seco.

— Ela disse que era realmente urgente. — Franzi o cenho.

— O que você sabe, Will? — William era meu homem de confiança. CFO da empresa, meu melhor amigo e sabia praticamente tudo sobre mim. Não era à toa que estava em todas as reuniões, viagens e morávamos lado a lado.

— Lembra daquela modelo, Mina Park? — indagou me fazendo franzir o cenho. Nada me vinha à mente.

— Não. — Will bufou diante minha resposta.

— Acho bom você lembrar. Foi há quase dois anos, ela estava naquela reunião de negócios conosco, na Itália. — Assenti. — Ela está na casa da sua mãe e quer falar com você, disse que só sai de lá se você for até ela. E caso não for, vem até a empresa.

Eu não me importava da mulher na casa da minha mãe, mas falou na empresa, já me deixou inteiramente tenso.

— Ok, vamos lá. — Peguei meu celular novamente e saí da sala. Vi que William não me seguia. — Vem, você vem comigo, disse que lembra dela e preciso de você para me dizer se é ou não alguém conhecido.

Ele bufou e me seguiu. Entramos no elevador e senti minha mão levemente instável. A irritação de um dia de merda começava a ativar minha ansiedade, me deixando perturbado.

— Não se lembra mesmo de ter dormido com ela?

— Não, eu estava bêbado. — Encolhi os ombros. Não costumava ficar bêbado em eventos do trabalho, mas aquele havia sido um dia muito ruim e assim que sentei no bar, foi uma dose atrás da outra. — Ela era como?

— Meio coreana, acho que era coreana. E brasileira, falava nossa língua estava ali a trabalho com alguns homens da empresa que estávamos negociando. — Assenti tentando lembrar, mas nada me vinha na mente. De fato, era terrível não ter memória. Ainda mais sem saber o que aquela mulher podia querer.

Eu não costumava enfiar meu pau em qualquer rabo de saia que via na frente, geralmente era um cara que preferia a estabilidade de uma foda fixa e tinha isso no Brasil. E eu juro, não era de trair, mas eu e Brenda nunca fomos exclusivos. Ela sabia disso.

— Fica calmo, ela só deve estar querendo fazer cena — Will falou. Fiz careta. — Podemos acertar isso e não vai sair em mídia nenhuma. Vai ficar tudo sob controle.

Engoli em seco, focando apenas nisso. Sim, ia ficar tudo bem.



Assim que estacionamos em frente à casa da minha mãe, saí do carro e adentrei o local, saudando o porteiro antes de alcançar a residência de dois andares, vendo a sala de estar tão impessoal que quase me sufocou. A primeira coisa que vi ao entrar na lateral da casa onde mamãe costumava receber visitas foi uma cabeleira loira descendo em ondas pelos ombros da mulher, e automaticamente soube que havia caído em uma armadilha.

É claro que aquela não era a mulher na qual eu havia dormido um ano atrás. Willian disse com clareza, ela era morena e coreana. A mulher em minha frente tinha cabelos loiros, e um pequeno bebê rechonchudo em seus braços. A criança foi a primeira a me ver, encostada no ombro da mãe, sorrindo de modo doce em minha direção.

Tinha os olhinhos puxados, as bochechas fofas, os cabelos castanhos escuros presos em duas xuxinhas e um vestidinho na cor rosa claro. Era adorável e eu me surpreendia ao pensar nisso, pois nunca achava muitos bebês fofos.

— Enrico, que bom que você chegou! — mamãe exclamou largando o bule de chá do outro lado da sala e caminhando rapidamente em minha direção. Os cabelos loiros dela estavam presos de modo rígido na cabeça e estava tão bem-vestida que nem parecia que recebeu uma visita de última hora. — Eu estou ficando louca — sussurrou me puxando pelo braço até me colocar em frente à mulher. Senti meu pomo de adão subir e descer quando a loira me lançou um olhar intenso, e meus

olhos passaram rapidamente pelo corpo pequeno e o rosto bonito.

Ok, eu tinha dormido com aquela mulher?

Franzi o cenho confuso.

Ah porra de memória.

— Essa menina tem uma coisa para te falar — mamãe falou e vi Will observando tudo de longe.

— Você disse que era Mina Park — falei. — E você não parece com ela.

A mulher engoliu em seco.

— Eu sou irmã de Mina — disse se levantando.

Sorri com isso.

— Não sei qual mentira você tem, mas eu me lembro de Mina e ela não era nada parecida com você — declarei irritado. Não queria ser prepotente nem nada do tipo, mas eu era um cara influente e aprendi com muito custo que as pessoas podiam ser mal-intencionadas.

A mulher bufou.

— Eu sou Helena. Se pesquisar as redes sociais de Mina vai ver fotos minhas com ela. — Arqueou a sobrancelha. — Eu só estou aqui por um motivo, Enrico — falou meu nome com tanto desprezo que me irritou. — E é minha sobrinha. Ela precisa de um pai.

Engasguei com isso. Que porra é essa? Sobrinha? Pai?

Ah caralho.

Olhei para Willian rapidamente e ele estava com o celular entre os dedos, balançando a cabeça em confirmação. Fiz sinal rápido com as mãos, pedindo que se aproximasse e ele colocou o aparelho em minha frente.

“Com a família”

A legenda da imagem era simples e direta. E era a imagem de uma mulher coreana, com um bebê nos braços e a mesma loira em minha frente brincando com o bebê. Enquanto uma segunda jovem estava segurando o aparelho e tirando a selfie.

Porra.

Não.

Encarei a bebê desta vez.

Era...

Era?

Minha?

— Ela disse que a bebê é sua, Enrico. — Mamãe pareceu entender minha confusão.

— Minha irmã faleceu há pouco tempo — a moça continuou falando. — Eu não sei o que fazer. Prometi cuidar de Yumi, mas estou sem emprego e eu não sei lidar muito bem com um bebê sozinha.

O ar parecia ter ficado escasso.

Virei de costas para poder respirar e senti a mão de mamãe em meu ombro. *Eu tinha uma filha.* Sim, claro, pensei nas probabilidades de tirar a limpo aquela história com um teste de DNA, mesmo assim, as datas combinavam, tudo encaminhava para aquela ser a realidade.

— Eu não estou pedindo que assumo tudo. — A voz da menina me tirou dos meus pensamentos. — Yumi só precisa de estabilidade. Não para mim, para sua filha. Eu consigo lidar comigo. Mas Yumi é só uma criança. — Tornei a encará-la. Os olhos azuis demonstravam uma força e ingenuidade sem igual, com toda certeza a tia da criança era anos mais nova, pois ela tinha isso estampado no rosto.

— Calma, vamos resolver isso com *calma* — mamãe falou me guiando até o sofá. Busquei me sentar, afundando o rosto entre minhas mãos. Por que aquela mulher nunca me disse que eu tinha

uma filha? Só de pensar em tudo que perdi, já me deixava irritado. E eu nem era um cara que desejava filhos.

— Sente-se, querida, você está tremendo — mamãe falou e senti o sofá afundar ao meu lado. Encarei a tal Helena confuso.

— Primeiro, por que ela nunca contou? — Vi quando seu rosto ficou ainda mais irritado.

— Ela tentou. Tentou te ligar, marcou diversos encontros na sua empresa, mas sempre que chegava o dia, você desmarcava. — Franzi o cenho. Nunca fiz isso. — Você até mesmo mandou um recado por um dos funcionários, dizendo para ela desistir, pois só tratava de assuntos profissionais na empresa. E não recebia... — ela engoliu em seco — vagabundas.

A palavra foi quase um sussurro e senti os olhos de mamãe sobre mim, recriando.

— Eu nunca fiz isso. Mas isso é história para depois — declarei. — Primeiro, preciso de um teste de DNA.

Vi quando os braços de Helena se apertaram mais ao redor da bebê, como se a protegesse.

— Vamos precisar tirar essa história a limpo. É minha condição.

Ela balançou a cabeça em confirmação.

— Isso vai explodir na mídia — mamãe falou colocando a mão sobre a testa. — Não vai ser legal. Ai meu Deus.

— Não. Vamos manter isso entre nós — dei a solução. — Até que confirmemos a paternidade, essa história não pode sair daqui.

— Podemos fazer isso — Will começou. — Consigo pedir que o médico venha a uma consulta em domicílio.

Deixei que Willian cuidasse disso e foquei em Helena, sentindo os olhos curiosos da bebê sobre mim.

— Você tem lugar para ficar? — indaguei e ela assentiu.

— Estou morando com uma amiga e o noivo.

— Você vem comigo para o apartamento, vai ficar lá até o resultado do exame. — A vi se encolher como se a ideia fosse ruim.

— Posso ficar na casa da Rafaela. Mais fácil — tagarelou.

— Não. Isso seria arriscado. Não quero mesmo que isso vaze, senão vai ser um caos sem fim.

— Não iria arriscar colocar a imagem da empresa a perder. Sempre tentei passar o máximo de seriedade para o papel de CEO e não colocaria tudo a perder.

Até meus encontros eram escondidos, nunca notificados. Não queria passar a ideia de um cafajeste.

— Acho bom. Vou pedir o carro. — Mamãe saiu da sala como se sua saia pegasse fogo e encarei a situação, observando Yumi segura nos braços da tia. Ela encarou a mulher, tentando se levantar do colo e quando fez isso, vi as perninhas curtas com pequenas curvinhas.

Era a coisa mais fofa que já havia visto.

— Will — chamei meu amigo e ele retornou. — Conseguiu?

— Sim, o doutor vai no fim do expediente no seu apartamento. — Assenti.

— E pode descobrir quem desmarcou todos meus encontros com Mina? Isso precisa de um fim. — Meu amigo concordou e não disse nada, saindo novamente. William não fazia papel de meu secretário, mas quando se tratava da minha vida pessoal, eu só confiava nele.

— Quando o teste sair. — Encarei Helena ao ouvir a pergunta. — Como vai ser?

— Caso positivo, vamos ver uma solução. Boa para ambos. — Me levantei alinhando meu terno. — Negativo, aí é outra história. E o resultado não pode ser bom.

Saí da sala irritado, caminhando em direção à cozinha e busquei um copo de água, bebendo

um gole generoso.

— Seu carro está esperando — mamãe falou entrando ali.

— Já estou indo. — Pousei meu copo sobre a mesa.

— O que vai acontecer caso ela seja sua filha? — Me encarou com os braços cruzados. —

Não vai ser bom assumir uma criança de outra mãe e ainda por cima, uma mulher falecida. Nossa, que confusão.

Não tinha mesmo como assumir tudo àquilo sem que saísse que a bebê era de outra pessoa. A única solução era a verdade.

Mas caso Yumi fosse minha, precisava dar estabilidade e cuidar de tudo.

— A solução é a mais óbvia possível, eu cuido da menina e ela cuida da menina. Eu não posso ser a mãe, o máximo que poderei ser é um pai ausente. — A frieza com que encarava aquela situação dizia muito sobre mim.

Sim, eu tinha achado Yumi adorável, mas eu não tinha uma conexão com ela.

Não podia exigir de mim ser um excelente pai.

— Estamos prontos — Will falou com Helena e Yumi lado a lado. A mulher ainda parecia uma criança cuidando de outra, mas ela tinha uma expressão de que poderia me matar a qualquer momento. E isso era assustador.

— Vamos lá — disse beijando a bochecha da mamãe e saindo da cozinha com eles em meu encalço.

A solução que havia colocado para mamãe não mexeria tanto com minha vida. Eu podia dar um local para Helena e Yumi morar, nunca deixar desamparadas, mas ia ser um limite.

Entrei no banco de trás com elas, vendo Will ir à frente. Assim que me sentei ao lado da mulher, vi a mãozinha pequena, cheia de curvas e com os dedinhos roliços buscando minha gravata e quando alcançou, segurou com firmeza. Encarei o rostinho redondo, mas o sorriso doce que me

lançou me fez desmontar. Yumi era linda.

Capítulo 2



HELENA PARK

Eu já esperava pela frieza, distanciamento e falta de emoção. Mas não pela beleza, nem pelo jeito que ele olhava para os outros, quase como se conseguisse ver minha alma. Enrico Bernardi era um monumento, daqueles que você olhava e demorava, não conseguia afastar o olhar, pois o homem era sensacional. Porém ele ainda seguia sendo o pai cretino da minha doce Yumi.

Assim que descemos em frente a um condomínio da zona nobre de São Paulo, senti meu coração acelerar. Não acreditava mesmo que estava destinada àquilo.

Eu sempre soube quem era o pai de Yumi, mas criei uma raiva tão grande da forma que ele tratou minha irmã depois de dormir com ela que nunca quis que Mina o procurasse, mesmo quando ela começou a perder trabalhos e eu tive que deixar minha faculdade para ajudar com os trabalhos em casa.

Mina sempre foi minha melhor amiga. E eu a amava o suficiente para abrir mão de tudo por elas.

Assim que o tal William saiu dali nos deixando sozinhos em meio a uma cobertura luxuosa e espaçosa. Olhei ao redor, observando a decoração aconchegante e imaginando o que passava na cabeça de Enrico.

— Venha. — A voz dele me fez voltar e encarei seu rosto. Ele tirava o terno e começava a desabotoar a camisa social, mostrando as tatuagens por baixo dos panos. Desviei o olhar, seguindo quando ele começou a andar em direção a uma pequena escada. — Pode ficar à vontade. Eu não costumo ficar muito tempo em casa.

Yumi ainda estava encaixada em minha cintura e Enrico só olhou para ela duas vezes. O que era bom, não queria que minha pequena se apegasse a ele para depois ser apenas uma pedra em seu sapato.

As escadas nos levaram para o andar superior com várias portas. Ele parou na terceira.

— Aqui, você pode se acomodar. Tem malas na cidade?

— Sim, no apartamento da minha amiga — falei olhando ao redor. — Eu poderia mesmo ficar com ela, não vai ser um problema.

O encarei e o vi negar.

— Não, já falamos sobre isso. Vou pedir para prepararem o quarto para a bebê, assim você pode ficar mais tranquila. — Engoli em seco, nervosa. — Eu vou para meu escritório, vou ficar aqui hoje. Se precisar de algo, é só chamar.

E saiu, me deixou encarando o nada.

Ok, ele percebeu que eu não fazia a menor ideia de onde era a porra do escritório dele?

Eu realmente não queria ficar com Rafaela. Ela era minha melhor amiga, crescemos juntas, mas agora ela dividia o apartamento com o noivo e eu não gostava dele. Sempre me sentia desconfortável em sua presença e tinha medo da forma que ele me encarava.

Coloquei Yumi deitada no meio da cama King-Size e fiz careta diante da riqueza escancarada daquele lugar. Fechei a porta por qual Enrico havia saído e respirei aliviada.

Pelo menos ele parecia ter aceitado que tinha uma filha. Não que parecesse se importar com ela, mas isso já era um começo aceitável.

Eu não esperava muito.

Só que era difícil trabalhar com uma criança de oito meses precisando de atenção o tempo todo. Ter sido despejada da casa que morávamos e pior, não ter ninguém em quem me apoiar.

— Oi, amor — falei vendo Yumi tentar chorar, ao se sentar na cama. Ela sorriu com isso, mas as lágrimas fininhas ainda estavam em seu rosto. — Com fome? — indaguei buscando a bolsa que carreguei no ombro esse tempo todo e vi que a última mamadeira foi usada antes de chegarmos na casa da mãe de Enrico.

Eu acabei indo para a abordagem mais agressiva.

Antes de chegar à casa de Alessandra Bernardi pesquisei sobre a família e vi que eram tradicionais e odiavam escândalos. Então como Enrico sempre se recusou a encontrar com Mina, optei pela mãe dele.

Tirei meu casaco ficando apenas com o vestido rodado vermelho bem estilo verão e peguei minha sobrinha nos braços, vendo-a segurando na alça da minha roupa como se sua vida dependesse disso.

Peguei a bolsa.

— Vamos encontrar uma cozinha e alimentar você — falei saindo do quarto. Desci as escadas em silêncio, torcendo para que Yumi não atraísse atenção do pai. Assim que alcancei a sala de estar vi uma porta que me levava a outro cômodo. E sorri aliviada ao ver a cozinha bem equipada.

Coloquei Yumi no chão da sala com uns travesseiros ao redor e entreguei alguns brinquedos a ela enquanto corria de volta para a cozinha. Era muito complicado achar alguma coisa em casa alheia, mas assim que consegui uma panela pequena para fazer seu mingau, coloquei sobre o fogão.

— Quem é você? — A voz feminina me fez virar rapidamente e dei de cara com uma senhora.

— Sou Helena — falei nervosa. — Estou fazendo comida para Yumi, desculpe.

Ela se aproximou me observando com cuidado.

— E quem é Yumi? De onde vocês saíram? — Me afastei do fogão com um leve medo daquela mulher. Ela me parecia meio assustadora.

Vi quando Enrico apareceu as costas da mulher e sorriu de canto.

— Nana, essa é Helena, ela é uma... — A voz de se perdeu, sem saber como me denominar.
— Amiga da família.

A mulher olhou para ele como se não acreditasse nisso.

— Você não é de trazer amigos da família para cá. — Seu tom era de quem queria a verdade.

— Depois falamos sobre isso, Nana, vou estar no escritório.

— O bebê na sala é seu? — a mulher indagou para mim.

— Minha sobrinha — falei rapidamente. Ainda não conseguia me imaginar responsável por Yumi, sim, a amava, cuidaria dela sempre, mas ainda me sentia roubando o lugar de Mina sempre que alguém falava que éramos mãe e filha.

— Isso é a comida dela? — Apontou em direção à panela. Concordei, vendo Enrico observando a cena. — Vá cuidar dela que eu preparo.

— Não precisa, Yumi fica bem alguns minutos sozinha — falei já pegando o papeiro de volta. Mas a tal Nana segurou a panela com firmeza, me encarando.

— O fogão é espaço meu. Vá cuidar da sua menina. — Senti minha garganta secar e não a confrontei, pois seu tom era duro. Nada amigável. E apenas voltei para sala, passando por Enrico.

Eu de fato, queria muito não precisar da ajuda dele. Nem de ninguém desta família. Mas o destino era irônico.

Peguei Yumi nos braços, beijando sua bochecha e apertando a única coisa estável da minha vida contra mim.

— *Buah* — ela balbuciou segurando meu rosto. Sorri.

— Sim, *Yu, Buah*. — Fiz o mesmo barulho com a boca, vendo seu sorrisinho. Encostei minha testa na sua, a embalando em meus braços. — Vou subir para dar banho nela.

Falei para ninguém em especial, subindo as escadas rapidamente. Enrico continuava nos observando. Enquanto a tal Nana sumiu dentro da cozinha.

Assim que me tranquei no quarto, segui para o banheiro. Observando a banheira larga, o box e a pia de mármore.

— A gente está ferrada, Yumi — falei colocando a bebê dentro da banheira sentada. Me sentei ao seu lado e tirei sua tiara, fazendo o mesmo com os sapatinhos e em seguida a livreli da roupa, deixando apenas de fralda descartável. — Precisamos resolver isso. Hoje fazemos o exame e vamos enfrentar a casa da tia Rafa, pois não tem condição ficar aqui. — Beijei seus cabelos, vendo que ela nem ligava para metade do que eu falava.

— Acho que pode ser bom. Eu nem sei por que deixei Enrico trazer a gente para cá — bufei. Ligando a torneira da banheira e banhando-a ali, eu também precisava de um banho e um descanso até a hora do exame, mas a prioridade era Yumi.

Assim que terminei de aprontá-la, minha menininha estava vestida novamente com uma fralda descartável e uma camisa que dizia “sou da titia”. E me fez rir, pois foi presente quando ela ainda tinha seus um mês de idade e ficou grande demais. Alguém bateu na porta e caminhei até lá, abrindo e encontrando a Nana com a mamadeira de Yumi.

— Aqui a mamadeira. — Entregou em minhas mãos.

— Obrigada. — Voltei para dentro do quarto, vendo que ela havia deixado na temperatura correta. Geralmente eu fazia o mingau de Yumi mais durinho para ser dado com colher, mas na mamadeira também dava certo.

Me sentei na beirada da cama e peguei minha sobrinha no colo, colocando o bico em sua boquinha e ela sugou, faminta. Senti quando Nana se aproximou e encarou Yumi com curiosidade.

— Ela tem olhinhos puxados. — A constatação me fez assentir.

— Parece com minha irmã — falei saudosa. Yumi era inteiramente Mina.

— Mas você não tem olhos puxados, como sua irmã tem?

A pergunta de um milhão de dólares. Durante toda a vida vi pessoas questionar nossas diferenças.

— Sou adotiva — falei encarando Yumi. — Meus pais são descendentes de coreanos que se naturalizaram no Brasil. Eles me adotaram quando era pequena.

— Ah sim. — Nana pareceu desconcertada. — Bom preciso ir.

Deu meia volta e saiu dali, me deixando sozinha novamente.



Acabei dormindo logo que Yumi mamou, pois ela resolveu descansar contra meu corpo e acordei horas mais tarde com Enrico batendo à porta do quarto. Levantei-me bocejando e abri a porta, encontrando o homem com roupas casuais e parecia ter tomado banho, pois os cabelos escuros estavam caindo levemente na frente do rosto e tinha uma expressão mais serena, diferente de como me encarou durante todo o dia.

— O médico está subindo — avisou.

— Ok, vou só lavar meu rosto e saio. — Entrei no quarto e vi minha sobrinha dormindo. — Yumi precisa estar acordada?

— Acredito que não. — Ele deu um passo para dentro e encarou a filha dormindo no meio da cama. — Ela dorme muito?

— Não — falei já de dentro do banheiro. — É normal para todo bebê. Ela mamou e descansou, vai ficar acordada até umas nove e em seguida vai dormir e acordar de madrugada de novo.

Lavei meu rosto rapidamente antes de voltar para o quarto. Vestia um shorts leve e uma camiseta que coloquei em meio as coisas de Yumi, então não estava despreparada.

Peguei minha sobrinha nos braços com cuidado para não a acordar e encarei Enrico, vendo que ele observava muito nós duas, mas parecia que se aproximar estava fora de questão.

— Vamos lá — falei e o segui para fora do quarto. Descemos as escadas e fomos por um caminho contrário à cozinha, alcançando uma segunda porta e assim que ele abriu, revelou o escritório.

— Sente-se, fique à vontade — falou sentando-se na cadeira atrás da mesa de carvalho. Estávamos num prédio de mais de vinte andares, no topo dele, com São Paulo em pleno vapor lá embaixo. Uma cobertura que dava o triplo da minha casa em Ribeirão Preto e era uma realidade muito surreal.

Mas não iria durar.

Ainda hoje eu iria embora.

A coleta do exame não demorou muito tempo e senti que Enrico estava tenso no instante que o médico saiu.

— Eu preciso falar com você — falei com a cabeça de Yumi encostada em meu peito. Alisei suas costas de modo distraído.

Enrico se encostou na mesa, cruzando as pernas e os braços em uma posição de defesa.

— Sim?

— Eu quero ir embora. — O encarei com firmeza. Era difícil olhar diretamente para ele e não ficar observando o quão bonito era.

— Já falamos sobre isso, Helena.

— Sim, mas não me sinto bem aqui. — Encolhi os ombros. — Com Rafa é como se fosse minha família. Sem falar que não estou aqui para que você crie um laço com Yumi, no fim, se ela for

sua filha, eu vou embora e você só vai saber notícias dela por meio de telefone. E quando a mídia souber que você tem uma filha, vai ser um escândalo que você não pode evitar.

— Eu sei que não — bufou. — Mas aqui eu posso ter o controle de saber que vocês estão bem. Yumi, que Yumi está bem.

Sorri com isso.

— Yumi é como uma pedra no seu sapato, Enrico, não pode me chantagear com isso, pois sei que você não se sente pai dela. — O encarei. — Eu não vou ficar e ser tratada como uma pessoa indesejada. A vida toda só estive em lugares que me queriam por perto, por pior que fossem as situações. — Ele fechou os olhos, xingando baixinho.

— Não, você não vai. — Tornou a me encarar. — Fica no apartamento até o resultado do exame. — E saiu da sala, deixando aquela como sua última palavra.

Capítulo 3



ENRICO BERNARDI

Eu não esperava que Helena fosse tão orgulhosa. Ela não havia ido embora do apartamento, mas não aparecia quando eu estava por perto e também falava o mínimo com Nana. Vovó morava comigo há anos, pois era como uma mãe para mim. Então eu não sabia como Yumi nem ela estavam lidando com as coisas desde nossa conversa há dois dias. Descobri hoje que uma tal de Rafaela veio ao apartamento trazer algumas coisas para elas, mas foi apenas isso.

— Você deveria ir ver sua filha — Nana falou me servindo como fazia desde que eu era criança. Suspirei, é claro que eu sentia uma coisa meio absurda me puxando contra aquela criança todas as vezes que a via, mas, ainda assim, tinha medo de me apegar a ela. — É uma criança adorável, já pensou em parar de tratar tudo isso tão friamente? A tia dela também é linda e é inteligente, sabe quando não é bem-vinda.

Ouvi passos em minhas costas e virei dando de cara com Helena, ela ouviu as palavras de Nana e engoliu em seco. Voltei-me novamente para meu prato, fechando os olhos.

Eu no lugar dela já teria explodido. Nana nunca foi de fingir simpatia.

— Eu já disse a você que não preciso ficar aqui. — Ela adentrou a cozinha pousando a mão sobre a mesa. — Rafaela vem a tarde e eu e Yumi vamos com ela.

— Não vão — falei sem alterar o tom e nem levantar a cabeça.

— Você não manda em mim, e nem em Yumi, pois você não é pai dela nem na certidão de nascimento. — Isso me deixou irritado e levantei a cabeça, vendo-a me encarando com firmeza. — Isso, Enrico, eu só vim até aqui pelo motivo que já deixei claro, mas eu não preciso ser indesejada, não ser bem-vinda. Eu posso trabalhar, eu posso dar meu jeito. Inclusive, foi um erro enorme ter procurado você.

Saiu dali rapidamente, me fazendo encarar uma Nana, que também estava assustada.

— Vou atrás dela? — indaguei confuso.

— É claro, vai lá. — Balançou a mão e eu já estava saindo da cozinha. Segui para o andar superior e encontrei Helena mexendo no telefone, claramente nervosa.

— Você já pode parar de show — falei puxando o aparelho da sua mão e bloqueando a tela. O aplicativo do Uber estava aberto. — Disse que precisa da minha ajuda financeira então não tem onde cair morta.

Ela me encarou com descrença.

— Você é inacreditável, sabia? — Apontou o dedo para mim. — Sim, trabalhar com criança é muito difícil, sim, eu não tenho uma casa e eu realmente preciso que você assuma sua filha, mas Yumi não é um peso, não é indesejada.

Falava agitada com o dedo em meu peito. Não me encolhi diante a fúria da mulher, mas vontade não faltava.

— Eu resolvi ficar achando que você podia ter um vislumbre de lucidez, mas não vale a pena. — Pegou seu celular novamente e pediu o Uber. — Vou embora, não preciso de nada disso.

Pegou a menina em cima da cama, que observava tudo de modo atento e vi que nesses dois dias aqui nunca tinha pegado Yumi no colo.

— Você não vai, Helena — falei seguindo-a para fora do quarto, seus passos se tornaram

mais rápido. Ela alcançou a sala de estar e vi Nana ali, observando a situação.

— Conversem com calma, por favor. A criança está assustada. — Apontou para Yumi, que tinha os olhinhos puxados em sinal de susto. Mas Helena já estava saindo na porta e batendo-a em suas costas. — Acho melhor você a deixar ir. — Foi o que ouvi enquanto seguia-a e a minha filha. A alcancei no elevador, entrando rapidamente na caixa metálica e encarando aquela loira que só podia ter alguns parafusos a menos.

— Você não pode fugir.

— Não estou fugindo. — Me encarou. — Meu endereço vai chegar no seu telefone. Você pode decidir o que fará com exame de DNA, mas eu não quero mais ficar perto de você nem da soberba da sua casa.

Suspirei.

— Vamos tentar de novo, você não é indesejada. Yumi também não. Pelo amor de Deus, seja sensata — pedi com medo de afastar aquelas duas. Não sabia se já senti algo assim. E eu sabia que eu era o culpado. Minha indiferença diante Yumi a machucou a ponto de ela querer distância.

Porém o ponto principal era o fato de que eu não sabia o motivo de querer ambas próximas a mim.

— Posso pegar minha filha, ao menos? — Arrisquei tentando amolecer seu coração. Ela encolheu os ombros.

— Eu já disse que não posso te impedir disso, mas ficarmos vai além dos limites. — Me aproximei e estendi as mãos para Yumi, que me abriu um sorriso estendendo os bracinhos curtos e rechonchudos. A encaixei na curva do meu braço, observando seu rostinho redondo e adorável. Beije sua bochecha e senti quando encostou a cabeça em meu ombro, suspirando.

Meu coração falhou.

Eu acho que não estava preparado.

Eu estava ignorando o fato de ter uma filha.

Tratando aquela situação como negócio.

Até ela fazer aquele movimento.

E segurar minha camisa como se eu fosse sua salvação.

A porta do elevador se abriu e Helena balançou a cabeça em direção à saída, a segui e suspirei, sentindo o cheirinho de bebê contra meu rosto. Não queria me afastar dela. Não agora.

— Eu levo vocês. — Cedi a vontade de Helena, pegando a chave do carro em meu bolso. — Vamos passar num restaurante e almoçar, depois vocês vão para a casa da sua amiga — falei andando lado a lado com ela, e minha mão livre foi involuntariamente para sua cintura, a guiando em direção ao estacionamento do prédio.

Desliguei o alarme e abri a porta de carona para que Helena entrasse. Dei a volta no veículo pegando o lugar do motorista ainda com Yumi nos braços e vi quando ela se assustou com o espaço pequeno do volante, segurando-se ali e encarando a tia como se pedisse ajuda.

— Me dê ela para você dirigir. — Helena guardou o celular cancelando o Uber. — Pode ir direto para casa da Rafa, a gente almoça lá. Não se preocupe.

— Não, melhor comer fora. Eram para ter almoçado a comida de Nana, mas você é tão teimosa. — A boca de Helena formou-se um O perfeito enquanto ela segurou Yumi.

— Eu não sou teimosa, só não aceito qualquer coisa — se defendeu. — Já passei por muita coisa, e estou sim em uma situação difícil, mas aceitar ser colocada como indesejada por algo que eu nem tenho culpa, não é uma das coisas que vou aceitar calada, Enrico.

Suspirei e não respondi, ligando o carro sabendo que se continuássemos assim não pararíamos de brigar nunca. No fim, Helena tinha razão.

Eu e ela não fizemos nenhum filho. Meu problema deveria ser com Mina. E o destino irônico colocou a tia da minha filha no meu caminho.



Parei em frente a um restaurante de comida caseira que ficava próximo ao prédio onde a amiga de Helena morava e saí do carro depois de estacionar na vaga livre, abrindo a porta para a mulher e quando ela foi sair, peguei Yumi rapidamente dos seus braços, estendendo a mão para ajudá-la. Ela aceitou e no instante que meus dedos tocaram a palma da mão delicada um choque passou pelo meu corpo, me fazendo encará-la de modo assustado.

Mas Helena não sentiu. Ou pareceu não sentir.

— A comida daqui é ótima — falei enquanto entrávamos no local. Era simples, servia comida caseira e geralmente não necessitava de reserva de mesas.

Assim que pegamos uma mesa, afastei a taça para o lado, colocando Yumi em minha frente. Não tinha parado para observá-la bem, apenas de longe e gostava da sensação que tinha em meu peito sempre que seus olhinhos puxados encaravam os meus curiosos e cheios de esperança.

Vi Helena olhando ao redor, nervosa com nossa exposição.

— Você tem razão — disse chamando sua atenção. — Uma hora todos vão ficar sabendo sobre Yumi, não há por que esconder isso.

A vi engolir em seco.

— O cardápio. — Apontei para o livreto ao seu lado. E ela pegou entre os dedos.

— O que recomenda? — indagou.

— A recomendação do dia é sempre perfeita — falei confiante. Não trazia muitas pessoas a espaços públicos e aquele local geralmente era uma coisa minha e de William, tínhamos nos fins de semana para conversar e beber algumas cervejas.

Almoçamos em silêncio e em nenhum momento Yumi saiu do meu colo, gostava da sensação de tê-la por perto. E vi quando os dedinhos pequenos se estenderam em direção ao prato, buscando um pedacinho de tomate e segurando com tanta firmeza que era invejável.

— Ela já come alimentos sólidos? — indaguei.

— Sim, alguns — concordou Helena e deixei Yumi colocar o tomate na boca, e vi quando ela sugou o suco do pedaço, fazendo uma leve careta em seguida. Ele não demorou para cair no chão e nos fez sorrir de leve. — Podemos ir?

Assenti diante a ansiedade de Helena em se livrar de mim

— Você é responsável legal de Yumi? — perguntei assim que saímos do restaurante.

— Sim, Mina faleceu há três meses, e como ela não tinha pai na certidão e nem avós vivos, eu fiquei como única parente responsável. — Caminhamos lado a lado pela calçada. — Pode me entregar ela se quiser. Você ficou com ela quase o almoço inteiro.

— Não, obrigado. Vamos tomar um sorvete, Yumi? — indaguei vendo a sorveteria a alguns metros dali.

Vi que Helena me encarava de modo desconfiado, como se esperasse que a qualquer momento levantasse uma bandeira de guerra.

— O que houve com você? — questionei segurando suas costas enquanto a fazia andar em direção à sorveteria.

— Você está estranho. Não é amigável comigo, não nos últimos três dias. — Sorri com sua fala, sentindo Yumi contra meu ombro.

— Eu acho que estou tentando. É assim que as pessoas fazem, né? Vamos conviver para sempre se Yumi for minha filha, então acho que o mínimo é que conheçamos um ao outro. — Ela balançou a cabeça em concordância.

Não tinha como negar que Helena era uma mulher linda. Era jovem sim, segundo minha pesquisa tinha apenas vinte e dois anos, mas, ainda assim, conseguia atrair olhares por onde passava.

A ideia de conhecê-la melhor me atormentava, pois ela chamava minha atenção.

— Ok, vamos tomar sorvete. — Olhou em minha direção com um sorriso tão lindo que me

questionei o que havia virado seu humor. — Mas eu não vou voltar para seu apartamento.

— Ok, mas com uma condição.

— Não tem condição nenhuma.

— Tem sim, se o apartamento da sua amiga for bom o suficiente para deixar você e Yumi confortável, tudo bem. Se não, voltam para casa comigo. — Helena suspirou.

— O apartamento da Rafa é ótimo. — Foi tudo que disse e acredito que aceitou minha proposta. Aproximamo-nos da máquina de sorvete e aguardamos ser atendidos.

— Boa tarde — a moça falou. — Desejam o quê?

— Um sorvete, de chocolate. E para você?

— O mesmo — Helena falou. — Yumi não, ela não pode comer muito doce. — Concordei. E pegamos uma mesa do local, com Yumi ainda em meu colo.

— Vai me explicar como é que você e Mina são tão diferentes? — Eu já sabia um pouco sobre Helena, mas não tudo.

— Sou adotada — falou encolhendo os ombros. — Nossos pais me adotaram quando eu tinha um ano, e eu e Mina crescemos juntas. Fomos melhores amigas a vida toda. Nossos pais eram descendentes de coreanos naturalizados no Brasil, e viviam aqui há muitos anos.

— Eles não são vivos, né? — Helena negou, adquirindo um olhar quase doloroso. — Como aconteceu?

— Acidente de carro. Foi quando Mina descobriu a gravidez de Yumi e ligou pedindo que eles viessem à cidade para que ela contasse a novidade, era meu aniversário, concedeu as datas. Meus pais amavam viajar então não foi um problema. Mas um acidente na estrada foi fatal. — A vi engolir em seco, mas contou a história com uma coragem que me surpreendeu.

E percebi que estava admirado. Pela primeira vez, uma pessoa tinha minha admiração por uma força diferente. É pelas batalhas que ela enfrentou e, mesmo assim, resistiu.

— E Yumi nasceu quando? — falei vendo o atendente se aproximar com nossos pedidos.

Agradecemos e vi Helena pegando uma quantidade pouca do doce, e aproximando dos lábios da sobrinha, que abriu a boca sem recusar.

— Uma canceriana dramática nascida em 18 de julho — Helena brincou, vendo a menina se inclinar enquanto a tia comia seu próprio sorvete. Com toda certeza dona Yumi era doida por comida.

Capítulo

4



HELENA PARK

Assim que entrei no apartamento da Rafaela, a vi ela sentada na baia que separava a sala da cozinha, com o notebook aberto em sua frente e uma xícara de café ao lado. Minha amiga retirou os óculos de aro redondo e me encarou com preocupação.

— Ei, que carinha é essa? Pensei que estivesse tudo bem. — Minha melhor amiga tinha cabelos longos num castanho escuro cheio de ondas leves, o corpo baixinho e os olhos mais verdes que já vi na vida. A abracei, vendo Enrico entrando com Yumi adormecida em seus braços.

Rafa logo assumiu uma posição de defesa, como se ver o homem fosse muito ruim. Eu não a jugava, fazia o mesmo.

— Não, tudo bem amiga. — Segurei suas mãos. — Eu e Yumi vamos ficar aqui, ok?

Ela assentiu.

— Claro, sabe que pode ficar sempre. — Me abraçou de lado. — Onde estão suas coisas?

— Enrico vai trazer depois, foi uma decisão precipitada — falei envergonhada e acenei para que o homem me seguisse, entrando no quarto de hóspedes do apartamento da Rafa. Ali tinha um berço montável e todas as coisas que trouxe de Ribeirão Preto no começo da semana.

— A coloca no berço, por favor — pedi encostando a bolsa. Tirei meus sapatos e vi que Enrico encarava o local, analisando-o de modo demorado. Ele fez isso por todo o local até parar em mim. — O apartamento é bom o suficiente para sua majestade? — indaguei irônica.

— Sim, é um espaço legal. — Tirou os sapatinhos de Yumi, colocando de lado. — Vai dar banho nela?

Neguei.

— Só quando acordar, ela ficou cansada. — Ele se aproximou parando em minha frente. Tirou o celular do bolso e estendeu em minha direção.

— Coloque seu número, vou ligar para você salvar o meu. O exame sai em quinze dias, mas não hesite em me chamar antes. Eu passo aqui amanhã para ver se vocês estão bem. — Senti meu coração falhar uma batida com a proximidade. — Vamos amanhã às compras, Yumi precisa de um berço decente. — Bufei.

— Esse berço é ótimo, eu levo para qualquer lugar e ela nunca precisou trocar. Não vamos aceitar.

— Ok, a gente briga depois — falou e soltei uma risada irônica, pois de fato era tudo que fazíamos desde que nos conhecemos. Senti as mãos de Enrico em meu ombro e onde seus dedos tocavam, ardia. Ficava quente. Me deixava propensa a encarar o rosto deste homem com uma admiração quase estúpida.

— Vamos marcar horário para brigar também? — rebati e ele riu suavemente, senti seu hálito quente contra minha pele. Próximo demais. Próximo demais. *Alerta vermelha.*

— Se cuida, ok? Eu quero realmente tentar e não consigo fazer isso se você não me deixar fazer.

Assenti e o senti apertando meus ombros suavemente em sinal de conforto. Afastou-se e se despediu de Yumi, enquanto me virava para abrir a porta. O quarto era pequeno, dois passos e o

espaço era completado, então senti meu corpo ficar tenso quando percebi minhas costas bater em algo sólido.

Não algo.

Alguém.

Enrico suspirou com o corpo ainda colado ao meu, a cabeça ao lado da minha enquanto suas mãos cobriam a minha em cima da maçaneta. O ar fugiu, minha pele esquentou e senti como se estivesse parada no tempo. Ele se afastou rapidamente e eu segui congelada.

— Lena? Eu fiz café. — A voz da Rafa quebrou meu estado de choque e me afastei, abrindo a porta rapidamente e vendo minha amiga do outro lado, curiosa. — Tem bolo de laranja, como você gosta. Se você quiser, Enrico pode vir também.

Eu sabia que Rafa convidava apenas por cortesia, ela queria Enrico bem longe. Afinal, crescemos juntas. Eu, ela e Mina éramos inseparáveis, e Rafa era madrinha de Yumi, sempre foi importante em nossas vidas. Tanto que pegava nossas dores para si.

Eu e Enrico demoramos muito tempo na rua, acabamos conversando mais do que eu achei ser possível e já era quase três e meia da tarde.

— Não, obrigada. — Ele sorriu de leve. — Vejo vocês amanhã.

Assenti vendo-o sair do apartamento e bater à porta em suas costas. Rafaela me olhou de modo curioso, me fazendo tremer levemente, pois sabia que ela leria minhas emoções melhor do que eu mesma.

— Você está balançada com a beleza do pai da sua sobrinha, hein?! — Gemi com sua fala, sentindo sua mão em meu braço, me levando em direção à cozinha. Sentei-me na cadeira, a vendo colocar o bolo em minha frente. — Se quiser me contar alguma coisa proibida, este é o momento. Guto está no trabalho.

— Não aconteceu nada. Nos dois últimos dias tudo que aconteceu foi ele e a avó dele falando

o quanto eu era indesejada, eu e Yumi — corriji isso. — Aí eu explodi, dizendo que precisava, mas não precisava me sujeitar a nada.

Bufei mordendo um pedaço de bolo.

— Essa é minha garota. — Rafa bateu palmas me fazendo olhar para ela de modo impaciente. — O que foi?

— Nada, eu só queria arrumar um trabalho para conseguir ajudar em tudo. Sem falar que se não fosse pedir muito ter um local só para mim e Yumi, seria perfeito. Não quero atrapalhar a vida de ninguém. Nem a sua e nem de Enrico.

Rafaela revirou os olhos.

— Você não atrapalha nada, Helena, você e Mina eram minhas irmãs e são tudo que eu tenho. Não vai ser um peso ou um empecilho nunca, entenda isso. — Sorri com suas palavras e estendi a mão, apertando a sua entre as minhas. De fato, eu tinha anjos. Rafaela era um deles.

— Mas você tem Guto e as coisas ficam meio estranhas. — Nunca havia falado a Rafa sobre como me sentia em relação ao seu noivo, mas ela sabia que a gente não éramos melhores amigos.

— Sem falar que eu e Guto andamos brigando bastante, por causa do trabalho, então você aqui talvez até me ajude um pouco. — Fiz careta.

— Por que das brigas?

— Ele tem ficado puto com a carga horária na empresa, eu não posso fazer nada, estou com um cliente que é tão exigente que é capaz de querer meu rim ao invés de um contrato — segurei a risada com seu drama —, é sério, tenho trabalhado sem parar nisso, não posso perder esta conta.

— Vai conseguir — falei sem dúvida nenhuma, afinal, Rafa sempre conseguia.



Acabei conversando o restante da tarde com Rafa, trocando ideias sobre o contrato que ela

estava trabalhando e senti certa nostalgia de quando me sentia útil. De quando ainda tinha um motivo para lutar. Um que fosse por mim.

Comecei a faculdade de administração assim que saí do ensino médio e consegui entrar pelo sistema de ensino público, mas quando tudo mudou, abandonei sem pensar duas vezes. Eu queria criar minha empresa, fazer minha própria administração e expandir meu negócio. Afinal, sempre achei que ficaria incrível em um terninho bonito na cor preta.

Só de pensar a saudade batia, mas não era momento para arrependimentos. Eu abri mão disso tudo por minha irmã e Yumi, e apesar de tudo, elas eram minha família. Minha base.

Acordei cedo no dia seguinte, pretendia ir à rua com Yumi, deixar alguns currículos novamente. Pois uma hora ou outra apareceria algum emprego e eu não podia ficar esperando para sempre.

Sabia que a ajuda de Enrico iria se designada a Yumi e isso era o suficiente. Só precisava ter dinheiro para contratar uma babá enquanto eu mesma seguia minha vida para poder sobreviver.

Yumi que era herdeira de um CEO bilionário, não eu.

E assim que abri a porta, com minha sobrinha segura no *sling* em meu peito, senti minha cabeça se inclinar para o lado ao ver o capacho de Enrico em minha porta. Will. William, isso, era esse o nome dele.

O homem me abriu um sorriso simpático e se aproximou.

— Ei, vim trazer as coisas que vocês deixaram no apartamento de Enrico. — Ele estendeu a sacola. Diferente de Enrico, William tinha um sorriso simpático e era bem mais magro que o amigo, não que fosse feio, mas ele tinha um corpo mais franzino, com os braços definidos, mas, ainda assim, nada comparado ao pai de Yumi. Tinha cabelos escuros e barba por fazer, e nas vezes que o vi, vestia sempre uma combinação de terno e calça escuros.

— Obrigada — agradei pegando as coisas e colocando dentro do apartamento. Havia saído

rápido, antes de Guto acordar, mas vi que não tinha tido tanta sorte assim, pois o namorado da minha amiga estava do lado de dentro, com um olhar estranho em minha direção.

— Guto, esse é William, William, Guto, namorado da minha amiga — apresentei os dois me sentindo estranha.

— Oi, cara. Bom dia — Guto falou e em seguida me encarou, descendo os olhos por Yumi e senti meu rosto esquentar quando ele avançou mais, pairando um pouco acima do meu joelho.

— Vamos, Helena? — Will entrou em minha frente, cobrindo-me do olhar escancarado do homem. Assenti e puxei a porta, deixando o maluco do outro lado e caminhamos juntos pelo corredor até alcançarmos o elevador. — Enrico não vai gostar nada disso. O cara estava te comendo com os olhos, caralho. De modo descarado e nojento — ele falou enquanto apertava o botão de modo irritado.

— Isso não é da conta de Enrico. E mais, ele estava fazendo isso mesmo né? Eu não estou maluca, não é? — perguntei quando o elevador chegou e Will entrou comigo e Yumi.

— Isso acontece sempre?

— Sim, desde que me mudei. Não falo nada, pois pensei que estava maluca. — Balancei minhas mãos, nervosa. — E tenho medo que Rafa simplesmente assuma um lugar de raiva comigo. Ela o adora.

— Ela é sua o quê? — ele indagou curioso. E nem sabia por que me sentia tão bem perto deste cara. Ele só me passava confiança. E talvez fosse o mesmo com Enrico, sabia que não iam avançar sobre mim nem me olhar de modo nojento como Guto.

— Minha melhor amiga, crescemos juntos, é madrinha de Yumi — tagarelei falando a mim mesma que deveria falar com Rafa sobre isso. Mas não era como se Guto tivesse tentado algo...

— Se ela for sua amiga desta forma, ela vai entender. — Ele encolheu os ombros. — Eu já passei por muita coisa com Enrico e somos amigos desde os cinco anos de idade, eu sei os erros dele

e sei os meus. Nunca ficaria contra ele.

Engoli em seco.

Encarei seus olhos castanhos com piedade.

— Não conta para ele. Gosto de ficar com Rafa, prometo que vou falar com ela sobre isso.

— Vi Will engolir em seco e esfregar o rosto em um típico gesto nervoso.

— Você percebeu que acabei de fazer um discurso sobre como eu sou fiel ao meu amigo e vice-versa e você me pediu para mentir para ele? — Ele estava sério, mas seu tom era risonho.

— Desculpa, de verdade. Não pediria se não fosse importante — falei.

— Ok, mas resolve isso. Ele já fica perturbado com você e Yumi longe, vai ficar pior se souber que você tem esse tipo de tratamento com o namorado da sua amiga. — Assenti nervosa e ele encarou Yumi adormecida no suporte. — Vão para onde?

— Vou deixar uns currículos, preciso de um emprego.

— E com quem ela vai ficar se começar a trabalhar? — Franziu o cenho.

— De qualquer maneira, vou precisar de um emprego. Yumi tem Enrico, mas eu preciso me virar. Ele pode organizar a vida para que Yumi tenha tudo, e quanto a mim, preciso sobreviver. Não é uma escolha. — Foi tudo que falei, finalizando aquele assunto.

Assim que o elevador se abriu no térreo, saímos juntos.

— Quer uma carona? — Will ofereceu. — Vou para o centro, posso te deixar em algum ponto. E eu tenho um local em mente para onde você pode enviar um currículo. — Piscou um olho sorrindo e eu segui o homem, sabendo que acabei encontrando alguém que podia confiar.

Sentia isso.

Era boa em julgar as pessoas. E William era confiável.

— Entra. — Ele abriu a porta do carro, ocupando o assento do motorista em seguida. — Tem

uma rede de hotéis, que precisam sempre. É o *Bella Mia*, é confiável e conhecemos os donos.

— Ah que ótimo. Eu aceito qualquer coisa.

— Não tem formação? Não seria melhor procurar na área? — Neguei com a cabeça, não querendo dar mais informações sobre isso. Acho que de todo meu passado, falar sobre minha carreira interrompida ainda no começo me magoava mais, pois sabia que não tinha como evitar a morte. Nem da minha irmã, muito menos dos meus pais. Porém saber que eu estava tão perto de realizar um sonho, e que fui jogada para tão longe, me machucava.

Capítulo 5



ENRICO BERNARDI

Não pensei que ficaria tão animado com a perspectiva de ver Yumi no fim do dia. Não era de ver Helena, não, claro. Era de Yumi, minha bebezinha ainda sem certeza, mas que se segurava a mim como se eu fosse sua vida e já tinha todos meus pensamentos.

Porém o dia passava de modo lento e ainda era quatro da tarde e mais uma reunião em perspectiva.

— Aqui o convite da festa de aniversário da empresa — Letícia falou colocando o envelope sobre a mesa. — Foram enviados hoje, com antecedência de um mês. Os preparativos estão a todo vapor.

Sorri de canto.

— Certo, gosto que me atualize sobre isso. Qualquer problema, resolva, mas não me esconda, é um evento importante — falei encarando o rosto da minha secretária. Letícia estava comigo desde que assumi o posto de CEO da Bernardi, e sempre foi muito profissional no cargo.

— Tem uma reunião em uma hora com seu William — falou olhando o tablet e me levantei, fechando meu paletó. Precisava falar com Will antes desta reunião iniciar. Sabia que ele havia ido

falar com Helena pela manhã, e queria saber como foi.

Porém o dia foi tão cheio que não tive tempo de conversar direito com meu amigo. Assim que alcancei sua porta, o vi sentado atrás da mesa, com o notebook aberto em sua frente. Bati antes de entrar e Will me olhou, arqueando a sobrancelha.

— Ocupado?

— Não, entre — falou abaixando a tela levemente. Adentrei o escritório e me sentei em sua frente. William tinha a função de CFO, diretor financeiro, dentro da empresa, apesar de poucos anos atrás ter trabalhado como CEO de um dos maiores bancos do Brasil, meu melhor amigo era inteligente e eu sabia que merecia aquela posição. A mudança de emprego foi devido a sua briga familiar, pois William era herdeiro de todo um império que ele se recusava a aceitar.

— O que houve com você? — indagou depois de longos minutos de silêncio. Eu estava pensando na melhor forma de abordar o assunto de Helena, mas ficava meio difícil quando ele me conhecia como ninguém. — Você está estranho.

Sorri de canto.

— Estou normal — resmunguei. — Queria saber como foi com Yumi hoje.

— Eu não falei com Yumi, ela é um bebê de oito meses. — Revirei os olhos quando vi seu sorriso esperto. — Mas se quer saber sobre Helena, foi tudo bem. Entreguei suas coisas e a dei uma carona.

Franzi o cenho.

— Para onde?

— Ela disse que ia entregar uns currículos. A deixei no Bella Mia, fiquei sabendo que lá estão precisando. — Assenti. Conhecia o dono do Bella Mia, Javier Garcia era um cara ótimo. Um pouco fechado, mas, ainda assim, gente boa. — Posso falar com Javier, ele vai dar um jeito se souber que Helena é de confiança. Ou até mesmo com Anna, ela também é gente boa.

— Hum. Não sei. Helena cuida de Yumi, ela não deveria estar tão preocupada com isso. —

Will bufou com a minha fala.

— Ah, claro, pois você vai bancar a tia e sua filha, é? — Revirei os olhos.

— Não sei. Não planejei o que vai acontecer depois.

— Então ela tem que pensar nela, Enrico. Como ela mesmo disse, Yumi tem você, mas ela é uma mulher adulta que tem que lidar com sua própria vida. — Suspirei. — Sem falar que quando Yumi tiver a paternidade confirmada, você tem o dever ao menos de pagar uma babá para a menina.

— Claro que irei — bufei. — Yumi vai ficar bem. Ela não é a parte que me preocupa.

— Na verdade, deveria preocupar.

— Por quê? — A conversa com Will estava começando a me irritar.

— Porque é uma criança que você não quer ter vínculo além do financeiro. E nós dois sabemos que essa não é a melhor forma de lidar com um filho. — Me encarou de modo sério. — Acho que deveria começar a incluir psicólogo no plano de saúde de Yumi, ela vai precisar para lidar com o pai que vinte anos depois vai ter outra família e dirá que quando os próximos filhos chegaram lhe ensinou o significado de amor.

Fechei os olhos com isso.

Eu sabia o que era isso.

E não queria que Yumi tivesse o mesmo sentimento.

— Ok, o que me recomenda?

— Seja um pai de verdade, Enrico. — Me encarou seriamente. — Não tivemos essa conversa antes, pois achei que você veria isso com os próprios olhos.

Engoli em seco.

— Sei que consegue ser isso, pois te conheço. Seja o pai que Yumi precisa e pare de culpar

Helena por essa mudança na sua vida. A culpa é sua por não saber usar a porra de uma camisinha. —
Receber sermão do seu melhor amigo era ridículo.

— Eu usei — me defendi.

— Não parece, você me arrumou uma herdeira um ano e meio depois. — Senti-me envergonhado com isso. — Acho que deveria rever seus exames. Um checkup faria bem.

— Eu fiz isso. No começo do mês, estou limpo. Acredito que o caso de Mina tenha acontecido algo que não estava nos planos, pois eu não sou de enfiar meu pau em todos os lugares e muito menos sem a devida proteção.

— Se está dizendo. — Ele deu de ombros afastando a cadeira para pegar uma pasta em suas costas. — Mas pensa com carinho em tudo. Sei que você tem tendências a afastar todo mundo, mas Helena não é a inimiga. Ela só está perdida.

— Analisou isso apenas hoje? — Comecei a duvidar da minha escolha de enviar Will para resolver os assuntos com Helena.

— Eu não dei em cima dela, seu babaca. — Me encarou sério. — Ela tem vinte e dois anos, é um limite que não vou.

Franzi o cenho.

— Mas é de maior. E é bonita. — Automaticamente o sorriso nasceu em seu rosto. — Não sou cego, William, é a tia da minha filha, mas eu não sou hipócrita em dizer que ela é simplesmente maravilhosa.

— Ok, estou preocupado com você. A afasta por causa disso? Está querendo molhar o biscoito onde não deve, seu safado? — Não evitei a risada.

— Não, nunca faria isso. Pensa só na notícia que iria sair caso isso aconteça... me arrepia a alma. — Will concordou.

— Sim, seria basicamente “Enrico Bernardi tem caso secreto com a tia da sua filha, a quem

denominamos A HERDEIRA DO CEO”. — Franzi o cenho.

— Você anda muito fofoqueiro para meu gosto — brinquei.

— É como um dom. Ainda estou verificando sobre as visitas de Mina e tenho fé que em breve vamos solucionar isso também. — Assenti e fiquei ali mais alguns minutos para passar o tempo. Will era sempre alguém com quem podia contar, apesar da bagunça completa em minha vida.

Sendo bem sincero, acho que me apeguei a William como irmão, pois nunca tive verdadeiramente uma estabilidade. Mamãe sempre trabalhou muito na Bernardi para conseguir expandir a empresa da família, criada por seu pai e que era apenas uma fabricante de vinho de porte pequeno.

E ela conseguiu. Mesmo tendo que lidar com um filho ainda criança, mesmo tendo que ser pai e mãe, pois meu pai assumiu uma nova família e teve novos filhos, esquecendo-se completamente do que viera antes.

Eu nunca o tive.

E não queria que acontecesse o mesmo com Yumi.



Assim que estacionei no prédio enviei uma mensagem para Helena, dizendo que havia chegado. Ela respondeu que estava esperando e havia liberado minha entrada. Saí do carro com uma sacola do Santa Massa, um dos meus restaurantes favoritos, comida que comprei a caminho daqui, pois queria jantar com Yumi por perto.

Assim que entrei no apartamento, vi as duas sentadas no sofá. Minha filha estava com uma roupinha de frio devido ao clima ter baixado a temperatura nas últimas horas do dia.

— Que negócio é esse na cabeça dela? — indaguei confuso.

Helena sorriu segurando Yumi nos braços.

— É um pijama do Stich — explicou. — Ela adora, a tia Rafa que deu.

Se levantou e me aproximei, beijando a testa de Yumi com carinho.

— Boa noite, princesa azul — brinquei, o pijama era todo na cor azul. Era adorável. —

Trouxe jantar para nós.

Coloquei a comida sobre a mesinha de centro e peguei minha filha nos braços, encaixando-a contra meu peito. Yumi me deu um sorriso.

— Obrigada, não precisava, mas obrigada. — Helena pegou a sacola e me chamou com a mão me fazendo acompanhá-la até a cozinha. — Sente-se, vou pegar alguns pratos para nós.

Fiz o que ela pediu.

— Sua amiga está? — indaguei me livrando a gravata enquanto Yumi tentava segurá-la. Deixei a peça nas mãos da bebê, tentando tirar o paletó e assim que consegui, me sentir melhor.

— Não, no trabalho ainda. Guto que deve estar para chegar — falou distraída com as porções na pia. Ela vestia uma calça moletom num rosa clarinho, e uma camisa branca com a estampa da logo do seriado *Friends*, enquanto os cabelos loiros estavam presos num coque sobre a cabeça.

— Ah, sim. Pode me arrumar um pouco de água? — Helena assentiu pegando uma garrafa na geladeira. — Tudo correu bem? Will falou que está procurando emprego.

Puxei assunto bebendo um gole da água.

— Sim, eu estou. Coloquei alguns currículos. — Ela colocou o prato em minha frente, com as porções de comida separadas. — Mas é complicado, preciso primeiro encontrar alguém para ficar com Yumi antes de entrar num emprego. Mas primeiro preciso de um emprego para conseguir cuidar disso.

Helena tagarelou me fazendo rir.

— Acho que você está toda enrolada.

— Sim. — Sentou-se ao meu lado, bufando. — É complicado, eu aceito qualquer coisa. Eu só preciso me sentir útil novamente.

— A vida de cuidar de criança não parece ser muito animador. — Ela arregalou os olhos.

— Ah, não, não me entenda mal. Eu amo Yumi, eu faria qualquer coisa por ela, mas eu realmente amava trabalhar e estudar. Era minha vida, tudo que eu queria de verdade. — Assenti servindo-me com a mão livre e vi Helena fazer o mesmo.

— Estudava o quê?

— Administração. Queria montar uma empresa, eu gostava da ideia de administrar meu próprio negócio, então comecei com isso, pois passei na federal. — Assenti.

— Compreendo. É legal pensar deste modo. — A porta da sala se abriu e por ela passou um homem alto. Tinha cabelos claros, ombros largos e no instante que ele me encarou, não fui com sua cara. Ele ficou surpreso ao me ver, ofegando levemente. — Acho que este deve ser o Guto. — Forcei-me a ser simpático, afinal estava na casa dele.

— Sim, ele mesmo. — Vi Helena engolir em seco. — Guto, este é Enrico, pai de Yumi. Enrico, Guto, ele é namorado da Rafaela.

Me levantei, estendendo a mão quando ele se aproximou. Helena se levantou pegando mais um prato no armário e colocou na mesa.

— Vamos jantar, Guto, Enrico trouxe massa. Tem suficiente — falou e vi quando o homem a encarou, passando os olhos pelo corpo quase todo coberto da mulher em uma análise descarada. Ela estava de costas, não percebeu e automaticamente fiquei tenso.

Me levantei no pretexto de pegar o molho no outro lado da mesa e cobri o corpo de Helena com o meu. Encarando bem os olhos do homem para deixar claro que havia percebido.

— Vou tomar um banho, volto em um instante — falou desconcertado e logo sumiu no corredor. Suspirei, me virando para Helena e vi seu olhar cheio de interrogação em seu rosto.

— Eu acho que não é uma boa ideia você ficar aqui. — Foi a primeira coisa que eu disse.

Claro que eu deveria ter pensado melhor antes de dizer, mas simplesmente saiu.

— Por quê? — Franziu o cenho.

— Não gosto do modo que ele olha para você — sussurrei essa parte e a vi engolindo em seco.

— Não é nada, Enrico, você está vendo coisas. — Se afastou, mas eu vi o medo em seu rosto quando mencionei isso. — Guto é assim mesmo. Ele ama Rafa e nunca faria nada.

Acho que ela tentava convencer mais a si mesma de qualquer outra pessoa.

Yumi resmungou algo em meus braços e me desviou a atenção.

— Oi, amor — falei sorrindo. — Quer atenção, hein? Vem, vamos roubar uns tomates da salada da sua tia — brinquei me sentando novamente, deixando o assunto esquecido.

Eu precisava de uma forma de convencer Helena a voltar para minha casa. A forma que aquele homem a encarava me deixava preocupado. Mas eu não podia me precipitar em uma análise.

Ao mesmo tempo que temia o fato de ficar muito tempo analisando e acabar deixando algo errado acontecer.

Capítulo 6



HELENA PARK

Acabei o almoço e segui para o quarto para trocar a roupa de Yumi, pois Enrico deu comida a ela e minha menina estava com arroz até nos cabelos escuros. O pai dela me seguiu e fechou a porta em suas costas, passando a chave e me fazendo arquear a sobrancelha em sua direção.

— Não sinto uma situação muito boa com aquele homem, Helena. — Suspirei quando ele retornou o assunto e segui para o banheiro com o bebê.

Coloquei Yumi sobre a pia e encarei seu rostinho curioso. Ela tinha as bochechas rosadas e me fez sorrir com isso, porém fiquei tensa novamente quando Enrico entrou no espaço pequeno, não abandonando o assunto.

— Você não pode achar que eu fico tranquilo com isso. Helena, ele te olha estranho, eu não estou ficando maluco. — Peguei Yu e me virei em sua direção, sentindo o espaço pequeno pesar quando meu rosto ficou a alguns centímetros do meu. Inspirei fundo, sentindo meu coração falhar uma batida.

— Ok, mas eu juro que ele nunca tentou nada. E eu não o deixo perto de Yumi.

— Não é isso, Helena, é tudo. Você se recusa ficar no meu apartamento por orgulho e acha

que aqui é a melhor opção, mas sua amiga passa maior parte do tempo fora e aquele homem tem livre acesso a tudo. — Eu sabia que Enrico tinha razão. Eu era orgulhosa demais para continuar no seu apartamento.

— Uma semana, ok? — O encarei. — Se as coisas não melhorar, eu volto para seu apartamento com Yumi. Sem falar que em uma semana as coisas podem melhorar.

Ele não parecia muito convencido.

— Ok, mas eu venho todo dia. Se ver algo errado de novo, você volta no mesmo instante. — Sorri com isso. Enrico era protetor com a filha que ele nem queria. E eu esperava que isso fosse um sinal de que ele seria presente na vida dela.

Eu tive um ótimo pai, e queria que Yumi tivesse a mesma experiência. Mina também, e esse foi o motivo que a fez insistir várias vezes para falar com Enrico.

— Ok, não se preocupe com Yumi que tudo vai ficar bem. — Segurei seu ombro e sorri. — Vou dar banho nela, se quiser ir, tudo bem.

— Vou esperar você no quarto, precisa de algo? — falou já saindo.

— Não, tem tudo aqui. — Indiquei para bancada e o deixei sair. Acabei o banho de Yumi quase meia hora depois, pois a danadinha ficou brincando na banheira e se recusava a sair. Parecia peixe, doida por água.

— Ela quase não saiu da água — falei vendo Enrico sentado na ponta da cama com o celular entre os dedos e as pernas estiradas, os sapatos sociais não estavam em seus pés e ele parecia estranhamente à vontade. — Parece peixe.

Ele sorriu quando viu a filha coberta com a toalha e toda molhada.

— Vem dona Yu, vamos se trocar. — Bateu na cama onde havia colocado a manta plastificada para não molhar e a coloquei em cima. Fizemos tudo em silêncio e o vi segurando a menina enquanto eu abria a fralda descartável, levantando as perninhas roliças de Yumi e finalizando aquela parte. —

Pronto, fralda limpinha.

Ela sorriu diante a voz do pai.

— Sim, sua danadinha, você se suja muito — ele falou beijando a barriga dela. Yumi gargalhou quando ele não parou, fazendo cócegas nela. Vi as mãozinhas pequenas segurar os cabelos escuros de Enrico e observei a cena como uma secundária, encantada com a interação dos dois.

— Vou tomar um banho, você fica com ela? — indaguei, mas ele estava distraído com Yumi e apenas balançou a cabeça em confirmação. Peguei uma muda de roupas e minha toalha, e entrei no banheiro novamente. E enquanto a água corria no meu corpo, pensava no que fazer diante Rafaela e aquela situação com Guto.

Eu precisava de um lugar seguro. Mas estava tudo tão complicado.

Saí do banho minutos depois encontrando Enrico deitado na minha cama, com Yumi encaixada em seus braços e olhinhos fechados. Ambos estavam dormindo de modo tão profundo que me fez sorrir, me recusando a acordá-los.

Aproveitei meus minutos de calma e saí do quarto para buscar o livro que estava lendo na cozinha. Peguei o exemplar de Orgulho e Preconceito que havia encontrado na estante da Rafa e segui para o quarto.

— O pai de Yumi ainda está aí? — A voz masculina me fez parar ao ver Guto saindo do quarto. Engoli em seco, nervosa.

— Sim, ele está com ela um pouco — respondi. — Rafa já chegou?

Ele negou e abriu um sorriso de canto.

— Sempre trabalhando. — Não dei muita continuidade a conversa, apenas me enfiei no quarto e fechei a porta, me sentando com cuidado na cama para não os acordar e puxei a coberta sobre nós, abrindo o livro e focando nas letras pequenas da história de Darcy e Elizabeth.

Continuei a ler até que o sono me roubou e não vi mais nada.



Acordei horas mais tarde com Yumi chorando e vi minha sobrinha ainda nos braços do pai, com biquinho manhoso nos lábios e me aproximei, pegando-a rapidamente antes que acordasse Enrico.

— *Shiu, shiu*, calma — falei saindo do quarto em direção à cozinha. Precisava dar de mamar para ela.

Vi Rafa sentada no sofá da sala, com o notebook no colo e um lençinho nas mãos, limpando as lágrimas enquanto soluçava. Travei com a imagem, checando no relógio e vendo que já passava das três da manhã.

— O que houve com você? — Minha amiga pulou de susto e sorriu, colocando a mão sobre o peito. Me aproximei com uma Yumi já mais calma.

— Nada, eu só briguei com o Guto de novo. — Fungou ao falar.

— Vem, vamos para cozinha e você me conta tudo. Preciso alimentar Yumi — falei e ela me seguiu. Coloquei minha sobrinha nos braços da Rafa enquanto preparava sua mamadeira, ouvia tudo que minha amiga dizia.

— Ele saiu para beber depois da briga. Disse que está namorando com meu telefone, pois eu trabalho mais do que fico em casa — ela contou, sem parar de chorar. — Mas o que eu posso fazer? É minha chance de crescer na minha carreira, se eu não fizer isso por causa do meu namorado estúpido, vou acabar desistindo do trabalho e casada com três filhos, infeliz.

— Pensei que quisesse casamento e filhos.

— Eu quero — bufou. — Mas não a esse custo. Eu gosto do meu trabalho, amo o que faço e ele não entende isso.

Eu queria muito falar a verdade a Rafa, mandar o real do que eu achava do posicionamento de Guto, mas sabia que ela não queria isso. Pois minha verdade envolvia um término e minha amiga o

amava.

— Eu acho que você tem que falar tudo isso a ele.

— Eu falei, mas não entra na cabeça de Guto que uma mulher pode escolher o trabalho em vez de um pau. — Olhei brava para ela, apontando para Yumi. — Desculpa, desculpa. Estou nervosa.

— Ok — falei colocando a mamadeira para esfriar. — Me dá ela.

Peguei a menina de volta e estendi mais um lenço a Rafa.

— Acha que chegou o momento de terminar, Lena? — Me encarou com os olhinhos esverdeados cheios de lágrimas. A fragilidade da Rafaela me quebrou, pois ela era como uma parte do meu coração.

— Ah, amor, não posso te falar isso. — Segurei seu rosto com a mão livre. — É seu relacionamento, a única coisa que posso fazer é ouvir. Vocês e Guto estão juntos há muito tempo, isso não deveria mais estar acontecendo. Ele deveria entender seu trabalho.

Encostei Yumi em meu peito.

— Eu sei, eu sei — sussurrou. — Vou analisar com calma, depois resolvo isso. Meus olhos estão ardendo, acho que o remédio para dormir finalmente fez efeito. — Sorriu de leve.

— Vai deitar, a gente se fala amanhã. — Ela se levantou e beijou minha bochecha, fazendo o mesmo com Yumi.

— Amo vocês.

— Também amamos você — respondi, a vendo se distanciar, nos deixando sozinha na cozinha. Assim que a mamadeira esfriou eu segui para o quarto, vi um Enrico despertando, confuso. Assim que percebeu onde estava, pulou assustado, me encarando de modo engraçado.

Sorri.

— Bom dia — brinquei. — Dormiu bem?

Ele coçou os olhos.

— É mesmo de manhã? — Me sentei ao seu lado novamente, colocando a mamadeira na boca de Yumi.

— Não, eu estou brincando. Yumi só acordou para um lanchinho. — Ele bocejou se sentando. — Para onde você vai?

— Para casa, eu acabei dormindo, desculpe.

— Não se preocupe, pode ficar se quiser. Está tarde para dirigir pela cidade inteira. — Sorri de canto, observando minha sobrinha sugar a mamadeira. Beijeí sua testinha com carinho, pois as madrugadas eram os momentos mais difíceis. — Deita, volte a dormir — tornei a falar e o vi deixar o terno de lado, se sentando na cama novamente.

— Posso tirar minha camisa social? Ela é desconfortável. — Senti meu rosto esquentar com a indagação, por mais que não tivesse nada demais em suas palavras. Nem consegui encará-lo.

— Sim, claro — me forcei a dizer. — Vou colocar Yumi na cama conosco. Não tem nada demais.

Ele se levantou tirando a camisa e vi quando as tatuagens das costas se revelaram. Ali eram poucas, tinha mais nos braços, fechando totalmente aquela região onde os músculos se tornavam mais definidos. Suspirei, observando-o de modo distraído, mas assim que Enrico se virou, me obriguei a desviar o olhar. O vi tirar o cinto da calça, ficando apenas com a peça.

Ele não havia percebido minha inspeção minuciosa e graças a Deus. Eu não precisava ficar ainda mais envergonhada. Enrico se deitou ao meu lado, com a cabeça no travesseiro e de costas, me observando dar de mamar a Yumi.

— Ela acorda muito? — sussurrou.

— Não, uma vez apenas. Sempre mama e volta a dormir. — eu tinha sorte com isso, quis acrescentar, mas precisava que ele dormisse para poder observar todas as tatuagens do seu dorso de

modo mais à vontade. Sem vergonha nenhuma na cara para admitir isso.

— Podemos ir amanhã comprar algumas coisas? — indagou. — Não me sinto muito bem não ajudando você a cuidar dela.

— Mas você ainda não tem o DNA em mãos. Não tem compromisso firmado — falei alisando a bochecha de Yumi.

— Sim, eu sei, mas você está sem trabalho e crianças são gastos. No fim, eu gosto de Yumi mesmo sem saber que ela é mesmo minha filha. — Encarei seu rosto. Eu queria falar com toda a certeza do mundo de que não era filha de outra pessoa, mas não havia sido eu a dormir com Enrico.

E nem poderia. Pensa só em como isso seria complicado.

— Argh! — resmunguei mentalmente.

— O que foi? — indagou me fazendo ver que fiz em voz alta. Encarei Enrico assustada, com medo dele acabar lendo mais do que eu deixava transparecer.

— Nada. nada — neguei rapidamente. — Podemos sim, faz como você quiser. — Me inclinei mais quando Yumi terminou a mamadeira e a coloquei sobre meu peito, batendo levemente em suas costas até que ela golfou.

— Will disse que você está procurando emprego — sussurrou.

— Sim, preciso de algo.

— Podemos ver uma babá para Yumi, para ela se acostumar logo. — Fechei os olhos sonolenta enquanto sentia Yumi brincar com a barra da camisa que eu vestia. Ela geralmente enfiava as mãos por baixo da blusa, encontrando meus seios, desejando que ali fosse igual os da sua mãe. Mas não era e eu ficava sempre pensando em quanto Mina desejava estar viva para criar a filha.

— Não tem nada para você aí, mocinha — falei sorrindo ao ver ela com a mãozinha para dentro. — Você já jantou, Yu, vamos dormir. — Beijei sua testa vendo-a fechar os olhinhos com o gesto.

— Ela procura muito pelo peito?

— Às vezes. A mãe dela e ela viviam grudadas, Yumi era muito apegada a Mina, e chorava muito quando ela viajava a trabalho e ela ficava comigo. Então quando ela faleceu, foi uma adaptação dolorosa. Não era como se nós duas pudéssemos ser confundidas, Yu sabia que eu não era sua mãe. — Falar de Mina em detalhes fazia minha garganta fechar.

— Se quiser dormir, eu fico com ela — ofereceu.

— Ela vai dormir logo, não se preocupe. — Sorri em sua direção. — Sobre a babá, eu acho que isso pode ser resolvido depois. Eu realmente não quero me sentir mal por ser colocada no lugar de aproveitadora. — Eu sabia que Enrico estava sendo bom hoje. Mas não sabia como seria daqui a um mês. Ele não falou nada, e pareceu concordar com isso, me deixando ainda mais tensa.

Capítulo

7



ENRICO BERNARDI

Acordei com algo contra meu rosto. Ou melhor, um corpo contra o meu e a primeira coisa que vi ao abrir os olhos foram os cabelos cor de ouro de Helena contra meu nariz. Eu não estava apenas dormindo abraçado com ela, mas também apreciava o cheiro dos cabelos da mulher.

Maldição! Pensei enquanto me levantava e via Yumi dormir no berço montável. Acabei colocando-a ali depois de convencer a Helena que acabaríamos machucando a menina dormindo todos juntos na cama.

Gemi quando a vi dormir de modo desajeitado, com o rosto afundado no travesseiro e a bunda redonda para cima. Praguejei caminhando em direção ao banheiro, vendo que minha ereção matinal hoje tinha motivos para ser ainda maior.

Lavei meu rosto e saí dali, abrindo a porta do quarto enquanto vestia minha camisa, porém ouvi Yumi chorar baixinho no berço e corri até a menina, pegando-a antes que acordasse Helena. A encaixei em meus braços, sussurrando enquanto a embalava em meu colo.

Porém levantei o rosto quando escutei alguém entrar no quarto e encontrei Rafaela, que arregalou os olhos ao me ver. Olhando para Helena adormecida na cama e minha camisa ainda aberta, em seguida balançou a cabeça como se tentasse afugentar alguma imagem.

— Bom dia — sussurrei.

— Bom dia — gaguejou me fazendo segurar um sorriso. Rafaela era bonita, tinha cabelos escuros caindo ao redor dos ombros, o rosto redondo e enormes olhos verdes. Baixinha e me olhou com raiva da primeira vez que nos vimos, então eu acreditava que ela não gostava muito de mim. — Eu vim ver Yumi, pois ela acorda Helena cedo — explicou tímida e sorri.

— Tudo bem, ela já se acalmou. — Yumi virou a cabeça para a mulher e sorriu, estendendo o bracinho. — Ela parece querer você.

— Vou levar ela para a cozinha e preparar o café, enquanto vocês se aprontam. — Rafaela ainda parecia estranhamente desconfortável, mas não disse nada e saiu do quarto, fechando a porta em suas costas. Suspirei aliviado, me sentindo meio adolescente sendo pego em flagrante.

E vi quando Helena se movimentou na cama, despertando. Ela sentou e a primeira coisa que procurou foi por Yumi no berço, mas me encontrou de frente ao móvel e coçou os olhos, confusa.

— Esqueci que você estava aqui — sussurrou e sorri.

— Eu vou esperar vocês na cozinha. Vamos juntos para meu apartamento para eu poder trocar de roupa e depois vamos fazer umas compras. — Ela assentiu ainda sonolenta. — Rafaela entrou no seu quarto e me viu aqui, acho que ela ficou levemente confusa e assustada.

Helena gemeu.

— Ai, ela vai me atormentar até minha próxima vida. — Se levantou e caminhou para o banheiro. — Vou tomar banho.

— Ok, te espero lá fora.

Saí do quarto e caminhei até a cozinha, vendo Rafa e Yumi ali, esquentando um mingau no papeiro.

— Posso levar a senhora Yumi para tomar banho? — Minha filha virou a cabeça ao ouvir minha voz e sorriu. — Ei, você me reconhece já, hein danadinha?

Pincelei sua bochecha e ela sorriu.

— Ela gosta de você já, hein? — Rafa comentou me deixando pegar a menina.

— Parece que sim — falei beijando a bochecha de Yumi e vi que sua fralda estava cheia. —

Tem um código vermelho na região baixas — brinquei voltando para o quarto e escutei Rafaela rindo.



Helena não quis subir para o apartamento por causa de Nana e isso me deixou irritado. Enquanto tomava um banho rápido e trocava de roupa, me castiguei por não ter feito uma apresentação mais amena entre as duas. A forma que minha avó tratou Helena por causa de proteção não me deu bons frutos. No fim, eu estava rendido por minha filha e a queria na minha vida.

Assim que terminei de vestir uma camisa gola polo ouvi meu celular tocando sobre a mesinha de cabeceira. Peguei o aparelho entre os dedos, vendo o nome de mamãe na tela. Atendi rapidamente, colocando no viva-voz.

— Diga, mãe.

— Como anda as coisas? — Eu sabia que ela se referia a Yumi e Helena.

— Bem, ela não está mais aqui em casa, e sim na casa de uma amiga.

— Mas por quê? Você foi tão decidido quanto a isso.

— Ela ficou brava com Nana e foi embora. Comigo também, eu não ajudei nada. — Mamãe bufou com minha fala.

— O que você fez, Enrico? — A impaciência era clara em sua voz.

— Eu meio que deixei claro o quanto elas eram indesejadas. — A ouvi ofegar do outro lado.

— Enrico! Não te criei para isso. Fez filho, assumo suas responsabilidades. — Quase sorri.

— Eu sei, mas estava confuso, achei que a solução era lidar com isso de forma profissional,

sem me envolver.

— Eu vou te bater igual quando você tinha cinco anos. — Não podia nem mesmo reclamar da raiva da minha mãe, afinal, ela sempre me deu uma ótima educação. — Traga ela e Yumi para almoçar comigo. Quando sai o exame?

— Em quinze dias. Levo sim, que dia?

— Hoje. — Ela achava mesmo que eu não tinha nada melhor para fazer além de almoçar com ela?

— Ok. — Foi isso que respondi antes de finalizar a chamada e terminar de me aprontar. Saí do quarto vendo Nana a alguns metros, falando com a moça que ajudava na limpeza do apartamento.

— Bom dia, Nana.

— Bom dia. — Sorriu em minha direção. — Fiquei surpresa quando não voltou ontem.

— Dormi com Yumi e Helena, jantamos e acabei pegando no sono — expliquei. — Vou indo, pois tenho que encontrar elas.

— Vai passar a manhã com a sua filha? — indagou curiosa.

— Sim, vamos comprar algumas coisas. Elas estão no carro.

— E por que não subiram? — perguntou me encarando de modo desconfiado. Minha avó sempre foi assim, ela confiava em poucas pessoas e era superprotetora comigo.

— Porque Helena achou melhor — falei não querendo entrar em detalhes. — Ela ainda está brava com a forma que foi tratada. É orgulhosa e teimosa.

— Claramente não é fácil de domar aquela lá — resmungou. — Mas a convença um dia. Irei pedir desculpas.

— Você? — Fiquei surpreso.

— Sim. — Nana estufou o peito. — Eu sei pedir desculpas.

Sorri e me aproximei, beijando a bochecha.

— Obrigado, Nana, seria ótimo. — Nunca a vi se desculpar com ninguém. Não que ela fosse sempre mal-humorada, mas ela tinha personalidade forte e talvez por isso eu a amasse tanto.

— Você olha para a menininha com paixão, Enrico. — Me encarou. — Mesmo que ela não seja sua filha, você não vai conseguir se afastar sem sofrer.

E infelizmente, ela tinha razão.



— Enrico do céu, você é muito exagerado — Helena resmungou enquanto saíamos do shopping. — Essa menina não vai usar metade disso, ela cresce rápido, vai ficar perdido.

Sorri com isso, encarando as sacolas em minhas mãos. Havíamos comprado um pouco de tudo, desde um berço de verdade, esse era para o meu apartamento, mas Helena ainda não sabia disso, pois acreditava que sua estadia em Rafaela iria se perpetuar.

— Não é nada demais, ela vai precisar. Tem fraldas, roupas, leite, e ainda compramos um carrinho. — Apontei para o carrinho que Yumi já estava usando, pois era muito mais fácil. — Sem falar que a cadeirinha é de extrema necessidade, como vou andar ela no carro sem cadeirinha, Helena?

A loira bufou.

— Nem vou brigar com você. — Sorri com isso, era bom ganhar ao menos uma das nossas discursões. — Vamos que estou morrendo de fome e Yumi também.

Já era quase meio-dia e recebi uma mensagem de mamãe avisando que havia feito almoço para nós.

— Vamos almoçar com minha mãe hoje, ok? — indaguei e a vi arregalar os olhos em minha direção. — Não é nada demais. Ela gosta de você e ficou brava comigo por tudo que aconteceu no apartamento. Então é uma forma dela corrigir meus erros.

— Mas eu não quero almoçar com sua mãe, é assustador.

— Ela é de boa, Helena, não precisa ter medo. Vamos levar Will também, pois ela o adora.

— Ela não parecia muito convencida, mas não resmungou mais enquanto entrávamos no carro.

— Will — falei ligando para ele.

— Sim?

— Mamãe disse que é para você ir almoçar lá em casa, eu estou a caminho com Helena e Yumi.

Ele gemeu.

— Ah, não. A tia vai ficar me perturbando para arrumar um bebê também. — Helena riu ao meu lado com a fala do meu melhor amigo. — E provavelmente vai bancar cupido. Eu não quero não, Enrico.

— Anda logo, seu medroso. Vou te esperar. — Não o deixei reclamar mais e finalizei a chamada, focando na estrada. — Will é dramático quando não está bancando o *nerd*.

— Ele tem um jeito bem na dele — falou Helena. — Pensei que era um porre quando vi ele correndo de um lado para o outro para atender seus pedidos.

Sorri com isso.

— Eu confio tudo a ele.

— Sim, ele me fez um discurso sobre como vocês eram melhores amigos — disse sorrindo. — Gostei dele, acho que de fato não confio em muitas pessoas, mas Will parece gente boa.

E eu não queria me irritar com isso, mas Helena brigava comigo por toda decisão, mas dizia que meu melhor amigo era gente boa. Eu acho que definitivamente estava ficando maluco, pois sabia que existia um limite com essa mulher e não podia ultrapassar isso.

Não podia estragar minha relação com minha filha por causa de desejo.



Quando entrei na sala a encontrei vazia então segui para a cozinha, empurrando o carrinho de bebê e acompanhado de Helena. Mas vi que a mulher não estava ao meu lado e olhei sob meus ombros, vendo-a congelada no meio da sala, em uma expressão apavorada.

Deixei Yumi no carrinho onde parei e voltei até sua tia, parando em sua frente. Segurei sua bochecha a fazendo piscar e me encarar, assustada com o gesto. O leve choque, o calor que se espalhava em minha pele ainda me surpreendia e me deixava todo tenso.

— Ei, você está bem?

— E se ela estiver brava comigo? Eu meio que invadi a vida dela naquele dia. — Sorri de canto.

— Loira, não tem a menor chance de mamãe ficar brava com você. Eu acho que minha mãe está mais propensa a brigar comigo do que com você. — Ela sorriu de canto. — Vem segura minha mão. Qualquer coisa a gente corre. Vou precisar de ajuda.

Ela riu suavemente e não reclamou quando segurei sua mão, a levando comigo. Empurrei o carrinho de Yumi com a mão livre e alcancei a sala de jantar, encontrando mamãe preparando a mesa.

A casa era enorme, mas tinha poucos funcionários e eles só apareciam algumas vezes por semana. Mamãe era descendente de italianos, ela amava uma boa massa, vinho e brigava por sua cozinha.

Deixei o carrinho de Yumi de lado e me aproximei de mamãe, beijando sua cabeça.

— Bom dia, mamãe. Como a senhora está?

— Bem, querido. Bom dia. — Largou o pano e se aproximou do carrinho sorrindo. — Ah, mas ela é mais fofa do que eu me lembrava. — Encarou minha filha com uma certa admiração e isso me deixou ainda mais feliz.

— Bom dia. — Mamãe sorriu para Helena. — Helena, correto?

— Bom dia, senhora Bernardi. Sim, Helena.

— Ah, por favor. — Mamãe balançou a mão no ar. — Me chame apenas de Alessandra.

Helena sorriu envergonhada.

— Vem, vamos nos sentar — falou e tirei Yumi do carrinho para nos sentar à mesa. — Deixa eu pegar ela um pouquinho, Enri, é tão lindinha. — Sorri e deixei minha filha nos braços da avó. E enquanto elas brincavam, puxei a segunda cadeira à direita da do assento principal para Helena.

— Senta, Lena — falei e ela sorriu agradecendo. — Vinho? Suco?

— Suco seria ótimo. — Coloquei o suco em seu copo, pois ela estava tão travada que seus movimentos não eram muito confiáveis. Vi mamãe pegar o assento principal, na ponta da mesa.

Yumi estava nos seu colo e sorria para mamãe conversando com ela.

Me sentei ao lado de Helena.

— Bom dia, família. — A voz de William quebrou o momento e me virei vendo meu amigo adentrar o local. — Tia Alessandra, que linda a senhora está — falou e mamãe sorriu quando ele beijou sua bochecha. — Ah, a princesa Yumi. — Minha menina sorriu com a atenção.

— Ela adora atenção — Helena comentou rindo da sobrinha.

— Sim, ela tem muita no momento — completei baixinho para a mulher ao meu lado, próxima demais do que seria considerado correto. E vi quando suas bochechas adquiriram um tom rosado. Meu Deus, ela era tão linda que era como observar uma pintura. Podia ficar fazendo isso o dia todo.

Capítulo 8



HELENA PARK

Yumi estava sentada na cadeirinha com suporte para comida e segurava a melancia dividida em pequenos pedaços como se sua vida dependesse disso. Me fez sorrir, pois ela amava degustar os novos alimentos que eram incluídos pouco a pouco em sua alimentação.

Fazia uma semana desde o almoço com a mãe de Enrico, que surpreendentemente foi um amor comigo em todos os sentidos. E ao sair da sua casa ela ainda pegou o número do meu telefone para entrar em contato mais vezes. E foi o que tem feito, todo o dia recebia mensagens dela indagando como Yumi estava e se precisávamos de alguma coisa.

— Sua avó disse que vem ver a gente hoje, Yu — falei enquanto lavava a louça, com ela em minhas costas. Era bem mais fácil assim, antes eu tinha que esperar Yumi dormir para poder fazer pequenas coisas.

O resultado do teste de DNA sairia em três dias e eu estava ansiosa por isso. Enrico também e via isso claramente nele. Nos víamos todos os dias, ele muitas noites acabou adormecendo em minha cama, com Yumi deitada em seus braços e era interessante ver o quanto eles se conectaram em tão pouco tempo, completamente apaixonados um pelo outro.

— Boa tarde. — A voz de Guto me congelou no lugar, pois sabia que ele estava bem atrás de

mim. Engoli em seco, nervosa.

— Boa tarde. — Desviei dele para colocar a panela no escorredor e senti a mão do homem em minhas costas. Fechei os olhos.

— Pensei que a correria não nos daria chance de conversar, Lena. Faz quanto tempo que não nos falamos de modo mais amigável? — Nunca tivemos essa conversa amigável, mas eu não conseguia falar isso com sua boca próximo ao meu ouvido e seu corpo todo encostado ao meu.

Desviei dele, tentando passar, mas sua mão se colocou ao meu lado, impedindo o ato.

— Não corre, boneca. — Encarei o rosto do homem por cima dos meus ombros e senti meu corpo todo tenso.

— Não faça nada, Guto, Rafaela vai te odiar — avisei.

— Não pode contar nada para Rafa, você precisa ficar aqui e ela me ama, mais fácil ela te odiar. — E no instante que ele avançou, minha perna fez um ato involuntário e acertou bem no meio das pernas de Guto, o fazendo gemer e automaticamente tirar as mãos de cima de mim. — Filha de uma puta! — rugiu de dor enquanto eu peguei Yumi e corri pelo corredor, alcançando o quarto antes que ele tivesse chance de fazer o mesmo. Encarei minha sobrinha assustada, fechando a porta e tremendo de medo.

Coloquei Yumi na cama e peguei meu celular, buscando o primeiro número em meu *WhatsApp*. William. Will podia me ajudar sem criar grandes danos.

— Oi — ele atendeu no segundo toque.

— Preciso de ajuda — falei rápido. Minha voz quase não saía.

Ouvi alguém batendo forte na porta e me tremi inteira.

— Abra, Helena — gritou Guto.

Fechei os olhos.

— Não abra, Helena, estou a caminho. Se tranca com Yumi, estou a caminho, juro. — A voz agitada do meu amigo deixou claro que ele havia entendido tudo. E assim que finalizei a chamada, fiz o que ele pediu, pegando Yumi e seguindo em direção ao banheiro.

Me tranquei ali também, pois sabia que machucar Guto para atrasar a ação podia ser feito, mas não podia mudar tudo. Eu era pequena comparada ao namorado da minha amiga. E sem falar em Yumi, só de pensar que ele poderia machucá-la por causa da minha teimosia me deixava maluca.

— Ei, tudo bem. — Alisei seu rostinho com cara de choro. — Está tudo bem, amor, fique calma. — Beijeí sua testa e senti quando ela se apertou mais contra meu peito, com medo.

— Sabe que eu vou pegar você, Helena. Você finge que não quer, mas eu conheço os sinais. — Senti meu estômago se revirando ao ouvir Guto. — Se não for hoje, vai ser outro dia. Rafaela não precisa saber.

Rafaela precisava saber.

Mas como eu iria contar isso a ela?

Fiquei ali por alguns minutos até que ouvi a campainha tocando. O alívio correu por todo meu corpo e vi a movimentação do lado de fora, até que a voz de Will foi ouvida.

— Vim pegar Helena e Yumi, Enrico está esperando. — Me levantei com Yumi nos braços ao ouvi-los conversando no corredor e abri a porta, encontrando Will e Guto, lado a lado. Guto não parecia feliz com aparição do outro. — Vamos. Enri está lá embaixo, disse para prepararmos uma mala que vamos viajar.

Eu sabia que William estava mentindo, mas não falei nada, apenas entrei no quarto e entreguei Yumi a ele, preparando uma mala grande com as coisas que precisaríamos por uns dias. Eu sabia que não tinha como continuar aqui.

— Vamos? — indaguei empurrando a mala de rodinha. Ele assentiu e me acompanhou pelo corredor. Guto estava na cozinha, e quando saímos, veio fechar a porta.

Will parou a alguns passos da entrada do apartamento e respirou fundo.

— Vontade de matá-lo. — Segurei seu ombro e fiz que não com a cabeça. Yumi veio para meu colo e vi quando Will deu meia volta e bateu na porta, gemi em desespero. Guto apareceu com a sobrelancelha arqueada.

— Isso é para você deixar de ser um filho da puta — ele disse antes de levantar a mão fechada e acertar um soco no olho de Guto, saindo rapidamente comigo ao seu lado.

— Filho de uma puta — xingou o outro, mas nós já estávamos entrando no elevador. E assim que as portas se fecharam, suspirei aliviada, tremendo tanto que não conseguia segurar Yumi direito.

— Sinto muito envolver você nisso — sussurrei me desculpando.

— Ei, não se preocupe. Só quero que saiba que não tem a menor chance de você ficar aqui depois disso. — Assenti. — Não tem chance de mentir para Enrico sobre isso. E eu nem sei direito o que aconteceu.

— Ele tentou me tocar. Eu estava na cozinha e dei um chute no meio das pernas dele para sair correndo com Yumi — contei. — Foi estranho. Eu senti tanto medo. — Eu não achei que ele seria capaz. Que faria isso comigo e principalmente com Rafaela, que confiava tanto nele.

— E eu recomendo que conte para sua amiga. Ela tem que ficar atenta ao namorado que tem. — E novamente, eu sabia que era verdade, pois me sentiria muito culpada se algo acontecesse a Rafa se eu pudesse evitar.



William me levou para o apartamento de Enrico e falou que ele não estava, mas que chegaria no fim do dia. Nana também não, segundo meu amigo, então me senti mais confortável. Acabei me acomodando no antigo quarto que fiquei na época que estive aqui e assisti filmes com Yumi a tarde toda, com medo do que Enrico falaria sobre aquela situação.

Eu não esperava que ele tivesse muito feliz.

O celular tocou e vi o nome dele na tela, me deixando rapidamente tensa.

— Oi — atendi segurando Yumi com a mão livre.

— Fiquei sabendo agora. Que merda, Helena, eu te avisei. — Fechei os olhos. — Aquele cara tinha intenções ruins e você teimosa demais não ouviu. Já pensou se ele arrombasse a porta e Will não chegasse a tempo?

Suspirei.

— Eu sei. Desculpe. — Cocei meus olhos chorosa.

— Ah, merda, não chora — ele resmungou e eu escutei algo batendo. — Estou indo para casa, vou levar o jantar.

— Eu cozinho, não se preocupe.

Ele resmungou alguma coisa e finalizou a chamada. Encarei Yumi com um sorriso e a levei para a cozinha, colocando-a no chão para brincar, com alguns brinquedos que enfiei na bolsa, enquanto me movimentava pela cozinha equipada de Enrico.

Não era muito boa em cozinhar, mas sabia fazer algumas coisas. Acabei escolhendo um filé de frango que estava na geladeira e peguei alguns temperos, separando tudo sobre a bancada, fazendo tudo em modo quase automático, escolhendo uma massa, pois descobri neste meio tempo que Enrico era doido por massa. Fiquei tão distraída na cozinha que só lembrei do horário quando o pai da minha sobrinha avisou que tinha chegado.

— Ei. — A voz dele me fez virar, segurando uma colher entre os dedos.

Sorri de canto.

— Oi, estou cozinhando. Estou fazendo massa, sei que gosta. — Talvez eu estivesse tentando acalmá-lo com comida, só talvez. Mas o vi caminhar de modo quase predador em minha direção e vi que a comida não iria solucionar o meu problema. Enrico parou em minha frente, e vi as veias do pescoço ressaltada, mostrando que sim, estava muito ferrada. — Ah, merda, você está muito bravo.

— É calor que eu estou, Helena. O cara te ataca e você não me avisa, fiquei sabendo por Will horas depois, pois estava em reunião — falou se aproximando e enquanto fazia isso, senti meu corpo ir para trás, batendo levemente contra a pia da cozinha. — E se tivesse acontecido algo realmente sério, faria a mesma coisa? Cara, às vezes eu acredito que você vai me deixar maluco.

Senti seu hálito contra minha pele. E fiquei observando os lábios rosados se movimentarem rapidamente enquanto ele passava seu sermão.

— En-ri-co. — gaguejei.

— Sim?

— Espaço. Preciso de espaço — falei ofegante, com as mãos contra seu peito. Ele percebeu nossa situação e suspirou, sem se afastar, colocando as mãos em cada lado do meu corpo. Diferente de Guto, não me causou medo. Acho que era esse o efeito de confiar em alguém.

— Eu estou puto da vida, Helena, muito. Fiquei preocupado com você, mas você é tão teimosa que insiste em fazer as coisas do seu modo.

— Eu sei, desculpa. Já me sinto mal o suficiente por isso — bufei. — Deveria ter aguentado a situação insuportável com você e Nana até surtar, né?

Ele suspirou.

— Ok, eu não ajudei em nada, mas, mesmo assim. Ele machucou você? — indagou segurando meu maxilar e olhando-me como se analisasse todo meu rosto. Sorri e neguei.

— Não. Eu o chutei e corri, ficou tudo bem no fim. — Ele suspirou. Não tirou as mãos do meu rosto e onde ele tocava, ardia. Sempre acontecia, era uma reação involuntária do meu corpo em relação a Enrico.

— E Yumi? — Encarou a filha no chão. — Tudo bem com você, princesa?

Se abaixou em sua frente, tirando o terno e alisou os cabelos escuros dela, que sorriu em sua direção.

— Ela está ótima, só ficou assustada, mas eu a acalmei — falei mexendo na panela. — Vá tomar um banho, está quase pronto.

— O que você cozinhou? — Ele se levantou com Yumi nos braços, nas minhas costas, olhando sobre meus ombros para a panela.

— File de frango com molho branco e massa. Tem vinho? Acho que fica bom com vinho. — Olhei sobre meu ombro e senti meu estômago dar uma volta quando vi que me observava.

— Sim, está na casa de uma família que trabalha com bebidas, se não tiver vinho, melhor nem começar a conversa. — Sorri e o vi colocar Yumi no chão novamente. — Parece ótimo, Helena, volto num minuto. — Beijou minha têmpora em um gesto íntimo demais e saiu da cozinha, me fazendo encostar contra a beirada da pia e suspirar.

Aquele homem não.

Proibido.

Proibido.

Ele retornou minutos depois vestindo apenas uma calça moletom pendendo nos quadris e deixando à mostra o peitoral definido e tatuado. Os braços fechados de tatuagens estavam à mostra e foi preciso muito autocontrole para desviar o olhar.

— Vinho branco ou tinto?

— Tinto — falei rapidamente, vendo-o sorrir.

— Ótima escolha. Vou pegar. — Desviou em direção a um corredor que tinha entre a cozinha e a lavanderia. Eu ainda ficava um pouco abismada com o tanto de cômodos que tinham nesta cobertura.

Coloquei a comida sobre a mesa e peguei dona Yumi nos braços, colocando em sua boca a mamadeira que havia preparado. Ela sugou rapidamente, balançando a cabeça enquanto tomava, agitada demais para ficar quieta. Me senti esperando por Enrico.

— Já mamando, dona Yu? — ele indagou e ela olhou para ele de canto de olho, sorrindo com o bico preso entre os lábios. — Gordinha, você, hein danadinha?! — Sorriu para a filha, enquanto tirava a rolha da garrafa. — Um Bernardi 21, suave — falou pegando duas taças no armário e servindo.

— Coloca pouco para mim, preciso acordar para cuidar de Yumi.

— Você teve um dia difícil, vai precisar de um pouco de álcool. — Não podia discordar dele, então apenas fiquei em silêncio. — Contou para Rafa? — Neguei vendo Enrico servir meu prato com massa e filé de frango colocando o molho por cima. — Receita de quem?

— Da minha mãe — falei sorrindo. — Era o nosso prato favorito. Meu e de Mina, ela fazia toda semana, pois nós amávamos. — Ele sorriu de canto e se sentou na cadeira na ponta da mesa. Levando o garfo à boca com uma porção pequena e comeu em silêncio.

Apenas observei em expectativa. E quando ele balançou a cabeça em concordância, levando mais aos lábios, fiquei desconfiada.

— Ficou ruim? Ah, não — falei buscando meu garfo e comendo um pouco.

— Não. Está maravilhoso — respondeu bebendo um gole do vinho. — Você cozinha bem. Sorri.

— Obrigada. Também acho que ficou bom — falei depois de engolir.

— E eu acho que você tem que falar com Rafa sobre o namorado dela. — Gemi com isso, pois tinha certeza de que ele e Will estavam certo.

— Irei fazer isso, mas como foi seu dia? — indaguei vendo que a mamadeira de Yumi já estava quase findando. Minha menina estava com uma fome enorme.

— Cheia. Tive tantas reuniões, vou ter uma viagem na semana que vem — bufou. — Antes do aniversário da empresa. Preciso resolver alguns assuntos dos lançamentos de aniversário da Bernardi. E me surpreende como você muda de assunto bruscamente.

Sorri com isso.

— É um dom.

— Sei... — Me olhou desconfiado. — Mas estive pensando, Will está precisando de uma secretária. Você acha que se encaixa bem neste cargo?

Arregalei os olhos.

— Sêrio? Nossa, seria incrível.

Ele sorriu.

— Sim, Will é um nerd, mas você se dá bem com ele. — Sorri negando com a cabeça. Havia carinho na voz de Enrico ao falar de William, mas ele nunca deixava de zombar do amigo. — Vou levar seu currículo para o RH amanhã e deixar a recomendação para te chamarem logo para o procedimento.

— Ok, vai me ajudar horrores. — Não era bem a forma que eu me imaginava entrando em uma empresa, mas, ainda assim, iria ajudar.

Finalizei a janta de Yumi e a encaixei em um lado do braço, comendo com a mão livre, enquanto conversava com Enrico sobre o trabalho. Ele começou a falar que viajaria em breve.

— Vai viajar para onde? — indaguei.

— Gramado. Tenho negócios com um Vinhedo da região e precisamos de alguns acertos. — Assenti. — Me dê Yumi, enquanto você come. — Ele já havia terminado de comer e entreguei a bebê a ele, focando na minha comida.

O emprego de Enrico deveria ser muito legal. CEO de uma das maiores produtoras de vinhos e espumantes do Brasil, levava consigo um legado de mais de quarenta anos. A responsabilidade deveria ser enorme, mas, ainda assim, ele parecia amar cada ponto do seu trabalho.

— Gramado deve ser lindo.

— É sim, tem paisagens lindas. Deveria conhecer.

— Na meta, quem sabe um dia. — Encolhi os ombros. — No momento, tenho outros problemas para resolver.

Como ligar para minha melhor amiga.

— Sim. Prioridades.

— Eu só espero ter uma amiga quando tudo isso acabar. — Me distraí pensando em Rafaela. — Já perdi Mina, perder Rafaela por causa disso me mataria.

E de verdade, eu não falava isso por drama. Rafa era como uma irmã, doeria como o inferno perdê-la.

— Eu sei disso, mas não acredito que ela faria algo do tipo. Recusar ver a verdade. Rafaela parece ser uma boa pessoa. — Assenti. Sim, Rafa era a melhor pessoa do mundo. Mas, ainda assim, ele era o noivo, eu só a melhor amiga.

Capítulo 9



ENRICO BERNARDI

O resultado do teste de DNA sairia hoje e eu estava ansioso, então acordei às cinco da manhã e não consegui mais dormir. A primeira coisa que fiz foi passar no quarto de Yumi e vi minha menina acordada, sem fazer barulho, brincando com o ursinho de orelhas molengas que ela adorava. A peguei no colo ainda sem me arrumar e segui para a varanda do apartamento, com ela encaixada contra meu peito desnudo, e sorrindo em minha direção.

Yumi gostava desta posição, eu já havia percebido isso várias vezes quando a pegava nos braços e ela simplesmente se aninhava a mim, dormindo segundos depois.

— É hoje, amor — falei beijando seus fios com cheirinho de perfume infantil. — Hoje saberemos se você é realmente minha, Yu.

Eu sabia que um teste de DNA não poderia quebrar o que eu construí com Yumi nestes quinze dias.

Continuei conversando com o pacotinho sonolento em meus braços até que ouvi passos em minhas costas e encontrei uma Helena com os cabelos loiros despenteados e uma blusa gigante no corpo. Ela usava um short por baixo, mas, ainda assim, as pernas ficavam à mostra e precisei de muito esforço para não a olhar da cabeça aos pés. Evitava fazer isso, pois eu não queria que meus

olhares fossem parecidos com o do filho da puta do namorado da Rafaela.

— Ei, quase me matou do coração. — Caminhou em minha direção, sentando na cadeira ao lado. — Procurei Yu e ela não estava lá, quase morri.

Sorri.

— Eu peguei ela, estava acordada. — Beije os cabelos da menina e vi quando Helena sorriu em nossa direção, observando a sobrinha no meu peito.

— Ela já ama você — falou com as pernas em cima da cadeira e encostou o maxilar no joelho, observando. — Fico pensando como seria se você e Mina tivesse se encontrado antes. Ela ficou linda na gravidez. Yumi fez a barriguinha mais adorável do mundo.

Ela falava da irmã com tanto carinho que eu podia sentir a saudade em sua voz.

— Eu acho que seria legal acompanhar a gravidez de Yu — comentei. Mas não que eu teria algo com a irmã de Helena, sinceramente, foi coisa de uma noite.

Eu saberia se houvesse me apaixonado.

— Acho que seria bom ter criado Yumi com ela, mas não vejo como um relacionamento — falei envergonhado. Era estranho falar disso com alguém que era tão próximo de Mina. — Eu não me lembro bem da sua irmã, mas ela é linda pelas fotos que vejo e devo ter me atraído sexualmente por ela. Mas relacionamentos envolvem mais do que atração.

Helena sorriu.

— Ela sabia. — Me encarou. — Ela não queria se casar com você, Enrico, ela só queria que o pai da filha dela soubesse da existência dela.

— Mina parecia legal.

— Ela era incrível — concordou.

— Do que ela faleceu? Nunca me contou.

— Câncer. Descobrimos muito tarde, quando já não tinha mais como reverter a situação e, mesmo assim, tentamos um tratamento, mas só a deixava fraca e debilitada. Ela faleceu rapidamente, menos de um mês. — Engoli em seco, vendo que deveria ter sido difícil.

— Vem, não é dia de ficar triste — falei me inclinando e limpando a lágrima que caiu dos seus olhos. — Hoje vamos pegar o DNA de dona Yu e temos que comemorar. — Helena sorriu.

— Vou tomar um banho e fazer um café.

— Nana não vai deixar você entrar na cozinha dela, Helena — avisei a vendo sair. Mas a loira apenas deu de ombros e não me respondeu. Nana havia pedido desculpas a Helena, mas, ainda assim, não deixava a mulher muito tempo na cozinha. Território de Nana era proibido.

Me levantei com Yumi minutos depois e a levei para o quarto, vendo a porta do banheiro de Helena fechado e a água correndo. Coloquei Yu no berço novamente, cobrindo com a coberta, pois o ar-condicionado deixava o clima mais frio do que realmente estava.

Porém a porta se abriu e a loira soltou um gritinho assustado, com as mãos firmemente em torno da toalha pequena em seu corpo. Segurei a risada e virei o rosto.

— Calma, ok? Eu estou saindo.

— Sai logo — grunhiu em resposta e eu me distanciei em direção à porta, fechando-a em minhas costas. Fechei os olhos, não querendo pensar em Helena molhada. Helena com cheiro de flores pós-banho. Sim, flores. Eu fiquei tanto tempo em torno desta mulher que o cheiro dela estava grudado em minha mente.

E merda, meu pau respondia muitíssimo bem quando ela se aproximava e o cheiro dela invadia meus sentidos.

Segui para o quarto, ouvindo meu celular tocar sobre a mesinha de centro e vi o nome de Letícia na tela. Atendi rapidamente, vendo que podia ser algo importante no escritório.

— Bom dia. Precisando de algo?

— Bom dia, senhor Enrico. Ligando para avisar que o contrato da Helena está pronto, ela pode vir assinar esta manhã e começar a trabalhar com o senhor William. Eu vou treiná-la. — A agitação da minha secretária a essa hora da manhã era comum.

— Ok, vou levá-la à empresa. — Eu havia deixado claro que não queria que a informação de que Helena era alguma coisa minha circulando. Pois preservava nosso segredo e, ainda assim, não passava uma ideia de que ela estava conseguindo um cargo apenas pela cortesia da nossa “amizade”. — Chego em duas horas, Letícia, obrigado. — Finalizei a chamada seguindo para o banheiro.

Mamãe e William chegariam para o café da manhã em breve, pois meu amigo estava responsável de pegar o exame na clínica para mim e mamãe queria estar presente na abertura. Estranhamente, ela adotou Helena e Yumi como suas protegias. Ligava todas as noites para falar com a tia da minha filha e nem lembrava que um dia teve um filho.

Ingrata esta minha mãe. Mas era bom vê-la tão animada depois de todos esses anos.

Mamãe perdeu o segundo marido há pouco mais de dois anos e desde então ela entrou em um estado de luto que se perpetuou. Diferente de como foi com meu pai, ela realmente amou Tadeu e eu o amava também.

Era um homem excepcional e foi um padrasto maravilhoso.

Sofri com a mamãe quando tivemos que enterrar um pedaço dos nossos corações. E vê-la tão animada com a chegada da neta me deu a esperança de que aquilo fosse nossa salvação. A salvação que não sabíamos que precisávamos, mas que era a solução.



Cheguei na cozinha e encontrei Helena mexendo no fogão, enquanto Nana estava ao seu lado, coando café. A loira fazia uma omelete e parecia estranhamente à vontade.

— Bom dia — falei atraindo a atenção das duas. Helena me olhou rapidamente e vi quando suas bochechas adquiriram um tom corado, envergonhado e desviou o olhar. Sorri disso e encarei

Nana. — O que está acontecendo aqui?

Ela parecia estranhamente contrariada.

— Ela invadiu minha cozinha, Enrico — falou.

— Eu só queria fazer meu café da manhã — Helena se defendeu colocando a omelete no prato.

— É uma omelete, eu sei fazer uma omelete, menina.

— Não como eu gosto. É minha comida, deixa ela em paz. — A loira encarou a mais velha com determinação. — Você não vai perder o controle do Enrico se me deixar fazer meu próprio café da manhã.

— O que tem demais na sua omelete? — Ela encarou a comida.

Helena sorriu.

— Eu gosto de colocar aquele tempero ali, fica mais gostoso — falou apontando para o pote sobre a bancada.

— Eu faria isso se você me contasse — Helena bufou diante a fala de Nana e a segurou pelos ombros, invadindo seu espaço pessoal e recebendo um olhar assustado.

— Nana, você é legal. Eu adoro sua comida e eu realmente não vou ficar o suficiente para roubar sua cozinha, então se acalme e me deixe fazer coisas que me façam sentir bem enquanto estou aqui, ok?

Nana sorriu de canto, me surpreendendo.

— Ok.

Helena não parecia esperar pela súbita vitória e me olhou assustada. Eu apenas encolhi os ombros, pois ainda não sabia como elas brigavam tanto e ao mesmo tempo se davam bem.

— Ok, vou comer. — A loira decidiu e se sentou na mesa da cozinha. Me sentei ao seu lado e

servi café em sua xícara, observando-a cortar a omelete de modo concentrado. Helena olhou para cima e me pegou a observando.

— Você quer? — indagou, levantando o talher no ar. E em um ato involuntário concordei com a cabeça, vendo-a dividida entre me dar o prato ou o garfo. Mas apenas estendeu o talher em minha direção, com alguns pedaços do seu café da manhã espetados ali. Peguei a comida, com os olhos focados na loira, vendo-a olhar para qualquer lugar, menos para mim.

— Sua mãe chegou. — A voz de Nana me fez afastar e busquei a xícara de café de Helena, bebendo um gole.

— Tem razão, fica melhor da sua forma — falei encarando a loira e ouvi uma tosse forçada de Nana. — Mas a de Nana é sempre perfeita. — Minha avó pareceu ficar feliz com o elogio e foi recepcionar mamãe.

Encarei Helena e me inclinei, pegando seu talher e levando mais da omelete a boca.

— Eu acho que vou fazer um outro café da manhã para mim — brincou. Eu neguei, pegando o talher e estendendo em sua direção. Ela aceitou, meio duvidosa, mas aceitou.

— Isso é meio estranho — comentou com a mão sobre os lábios.

Sorri em sua direção. O tipo de sorriso que nunca direcionei a Helena, pois separava ele para pessoas com quem eu geralmente flertava. Vi os olhos azuis arregalados e ela pegou a xícara de café, bebendo um gole e me encarando por cima da borda.

— O que você está fazendo? — sussurrou com a xícara contra os lábios.

A conversa na sala deixava claro que mamãe e Nana dividiam as últimas novidades.

— Nada — desconversei roubando mais do café da manhã de Helena e vendo-a balançar as mãos levemente em frente ao corpo. Ela não era imune a mim. Helena agia de maneira tão tranquila e sempre tão espirituosa ao meu redor que eu achava mesmo que não tinha a menor chance de ela sentir o desejo que queimava dentro de mim.

Eu estava muito fodido.

Acabei de flertar com uma mulher que estava fora dos limites.

Ia acabar no inferno, com toda certeza.

— Will chegou! — mamãe falou entrando na cozinha e nos observou próximos um do outro, dividindo um prato de café da manhã e apenas uma xícara. A situação não podia ficar pior, mas a culpa era inteiramente minha. — O que está acontecendo?

— Nada. — Me levantei rapidamente e vi quando Nana retornou com Will.

— Tenho o teste comigo. Bom dia a todos — Will falou sentando-se à mesa e pegou uma xícara, servindo-se uma dose.

— Bom dia, querida — mamãe cumprimentou beijando a testa de Helena. — Está linda hoje.

A loira sorriu e se levantou para abraçá-la.

— Obrigada, dona Alessandra. A senhora está sempre maravilhosa. — As duas se tratavam tão bem que era meio assustador. Estendi a mão para Will pedindo o teste de DNA e ele colocou o envelope na minha mão.

Helena estava ao lado de mamãe, sendo abraçada meio de lado pela mais velha e esperava atentamente eu abrir o envelope. Meus dedos estavam meio estáveis pelo medo e assim que meus olhos deslizaram por todas as informações contidas ali, senti meu coração falhar uma batida quando vi o resultado.

— Positivo — sussurrei sem encarar nenhum deles, mas ouvi o suspiro de alívio de mamãe. — Yumi é minha filha, compatível.

Encarei Helena sorrindo de lado.

— Você estava certa em invadir minha vida — falei.

Ela sorriu.

— Eu sabia. E desculpa por invadir sua vida. — Neguei com a cabeça.

— Não. Por isso não. Me deu o melhor presente. — E pensar que agora não tinha mais dúvidas de que Yumi era minha filha era perfeito. Antes era assustador, mas no momento eu queria apenas que ela nunca ficasse longe de mim.

— Ah, eu tenho uma netinha, é oficial — mamãe falou no instante que a babá eletrônica transmitiu o choro alto de dona Yumi. — E ela tem um *timing* perfeito — brincou e vi Helena rir, subindo para buscá-la.

— Feliz? — mamãe falou se aproximando e me abraçando de lado. Passei os olhos por Nana, depois por Will e sorri. Meu coração estava elétrico.

— Muito feliz — sussurrei.

Capítulo



HELENA PARK

Deixei Yumi com a mãe de Enrico para poder vir à empresa e no instante que ele se afastou de mim para uma reunião e me deixou na companhia da sua secretária, comecei a me sentir mal. A manhã havia sido ótima, com o teste de DNA finalmente chegando e acabando com aquele peso que estava sobre meus ombros há semanas.

Não falei com Rafaela sobre o acontecimento com Guto e vinha adiando isso por causa do medo. Ela me ligou na noite passada querendo saber o que aconteceu para não voltar para o apartamento e expliquei que vim por causa da mãe de Enrico, que queria ficar mais próxima da neta.

Uma mentira descarada, mas, ainda assim, me deixava mais confortável que a verdade. Pois pelo visto o safado do namorado dela não contou o que aconteceu.

A Bernardi era um prédio de vários andares que abrigava desde escritórios, até mesmo área de lazer, refeitório e descanso para os funcionários. E eu era a nova contratada, como secretária pessoal de William Beltrão.

Estava ansiosa. Era minha chance, assim poderia me estabilizar, conseguir um lugar para ficar e resolver boa parte das pendências da minha vida bagunçada.

— Eu sou a Letícia, vou te ajudar em todos os processos para que você aprenda tudo o mais rápido possível. — Assenti enquanto caminhava ao seu lado. — O senhor Will é muito gente boa, mas as suas secretárias nunca ficam por muito tempo. O temperamento do homem no trabalho é algo a ser analisado.

Tremi da cabeça aos pés. Não queria começar a odiar William logo agora que o achava tão legal.

Ela falou tudo que a secretária do CFO da Bernardi tinha que fazer e me entregou alguns documentos do dia, dizendo que eu precisava levá-los ao financeiro para assinatura de um dos funcionários e entregar novamente a William antes do almoço.

E eu automaticamente gostei de Letícia. Ela era eficiente e simpática. Tinha cabelos loiros, e diferentes do meu, eram bem lisos e desciam em uma cascata por seus ombros, enquanto meus olhos eram azuis, os dela era em castanho clarinho, que lembrava amêndoas. Ela com toda certeza era muito bonita.

Vi quando William passou por mim e nos saudou nós duas.

— Vamos passar a agenda do dia, Helena — falou e eu o segui com o tablet entre os dedos, abrindo a agenda. — Eu tenho uma reunião com a equipe que está trabalhando o marketing do novo lançamento, mas cancela, fala que tive um imprevisto. Não estou com paciência de lidar com incompetências hoje.

Assenti já colocando o item em vermelho e seguindo a cada ordem do meu novo chefe.

Eu sabia que só estava na Bernardi por causa de Enrico, mas eu iria dar o meu melhor para que não houvesse dúvidas de que eu merecia este lugar. E foi nisso que foquei a manhã toda, conhecendo cada parte do meu trabalho e entendendo que William gostava das coisas com um certo nível de rigidez, me deixando preocupada em fazer algo errado.

O carma me amava.

— Leve esses documentos para Enrico, Helena, por favor. — Ele colocou a pasta em minhas mãos. — Depois pode ir almoçar, vou correr em casa para pegar umas coisas.

Assenti e saí da sala. Estava animada, pois até agora eu não fiz nada que o irritasse. Alcancei o outro lado do escritório e bati na porta de Enrico quando não encontrei Letícia na mesa dela. Distraidamente, passei a mão por meu vestido escuro e justo no corpo. Era a melhor peça do meu armário e foi comprada quando comecei a faculdade.

— Entre. — A voz grave veio de dentro e me fez empurrar a porta. E no instante que vi Letícia inclinada sobre a mesa de Enrico, explicando algo a ele, me fez engolir em seco. Não era nada demais. Mas, ainda assim, me senti meio ridícula observando os dois.

Nunca tinha visto Enrico em torno de outras mulheres.

E Letícia parecia ter uma amizade de anos com ele.

— Ah, Helena, entre — ela falou sorrindo, encostando a mão no ombro do homem. Assenti e fechei a porta, caminhando na direção da mesa e segurando o documento tão forte que pensei que iria deixar marcas.

— Trouxe um documento. William pediu para você assinar. — Coloquei a pasta em sua frente. — Aguardo ou você está ocupado no momento?

Enrico assentiu abrindo a pasta.

— Pode aguardar sim. Deixa só eu dar uma lida rápida — falou com os olhos focados no papel. Vi Letícia pegar os documentos que apresentava a ele e dizer que iria editar os erros antes dele continuar a leitura, saindo rapidamente da sala. — Como está sendo o trabalho?

— Ah, ótimo — falei distraída, pensando neles dois. Nossa, eu estava sendo ridícula, né? Com toda certeza. — William me parece bom de trabalhar. Apesar de Letícia ter me assustado um pouco.

— Ela falou da fama do meu amigo? — Me encarou com um sorriso.

— Sim, eu fiquei nervosa, mas até agora, tudo bem. — Peguei o papel que ele estendeu. —

Ah, estou indo. Nos vemos depois.

Comecei a sair quando Enrico me chamou.

— Helena.

— Sim? — Virei levemente, aguardando.

— Hoje iremos sair para um jantar entre amigos, se quiser ir com Yumi, vai ser bom. Assim as notícias já começam a correr. — Sorrii de canto. Não sabia se era uma boa ideia.

— Não sei se será...

— Ah, por favor, Helena. Somos amigos. — Abriu um sorriso. O mesmo sorriso predador que me lançou esta manhã e senti meu coração acelerar com a imagem. — E Yumi precisa ser apresentada como minha filha.

— Tudo bem — foi tudo que consegui dizer, pois não tinha como falar não para esse homem.



O fim do dia chegou tão rapidamente que nem percebi. Acabei almoçando no refeitório da Bernardi junto com Letícia e mais uma secretária do meu setor, e mandei mensagens para Alessandra durante o dia, perguntando como Yumi estava se saindo sem a minha presença. Segundo sua avó, ela estava ótima.

Eu acreditava nisso. Yumi parecia reconhecer um dos seus e rapidamente se apegou a Enrico e sua mãe, até mesmo a Nana, quem era mais fechada, ela conseguiu domar rapidamente.

Estava saindo da empresa quando um carro parou ao meu lado e a janela se abriu, revelando o pai da minha sobrinha novamente com aquele sorriso irresistível.

— Vamos? — indagou me fazendo suspirar. Enrico parecia não querer deixar as coisas no escuro, e como foi ele quem me deu um trabalho, estava em dívida com isso.

— Vamos. — Entrei no carro. — Precisamos pegar Yumi na casa da sua mãe.

— Sim, vamos direto para lá. Depois iremos nos preparar para encontrar uns amigos num jantar.

— Ok. — Ele falava amigos como se eu também fizesse parte e isso era assustador. — Will vai também?

Vi a mandíbula de Enrico travar e ele concordou.

— Sim, são primos de Will. Ele tem que estar. — Me senti mais aliviada. Com Enrico as coisas eram boas, mas eu me sentia constantemente atraída por ele e isso não era bom. Enquanto com William era mais uma relação de amizade.

— Me diga. Como foi o primeiro dia?

— Ótimo, eu nem estraguei tudo — brinquei sorrindo.

— Seu currículo é bom. Eu dei uma olhada. — O encarei surpresa. — Deveria voltar para faculdade já que é algo que deseja tanto.

— Yumi ainda é muito pequena. Eu tenho medo de deixá-la muito tempo nas mãos de outra pessoa — sussurrei. Sim, trabalhar era uma prioridade, pois eu precisava disso para sobreviver. E assim eu podia cuidar melhor de Yumi, dando sempre o que ela precisasse.

— Acho que agora você pode ficar mais tranquila. Iremos ver uma babá de confiança, e com isso você separa um tempo para voltar para faculdade. — Sorri em sua direção.

— Obrigada. Foi bom tudo ter se resolvido. Agora você é oficialmente um pai.

— Eu já me sentia assim. — Encolheu os ombros. — Eu não sei como, mas aquele ser minúsculo conseguiu meu amor em quinze dias.

Rimos.

— Eu entendo isso. Amei Yumi intensamente no instante que ela segurou meu dedo na

maternidade — comentei me lembrando de quando a vi pela primeira vez. — E ela era forte. Nada de apertos sutis. Ela segurou e foi perseverante.

— Ela é decidida.

— Muito. Imagine quando começar a falar, acho que vamos enlouquecer.

Ele riu.

— Estou pensando nisso todos os dias. Eu nunca me vi pai, e agora tem uma pessoa que chegou há quinze dias e eu preciso aprender a ser o melhor para ela — sussurrou encarando a rua.

— Não precisa ser o melhor do mundo. Acho que só o melhor do que você conseguir ser. — O encarei, vendo-o fazer o mesmo rapidamente antes de focar na estrada.



Chegamos à casa de Alessandra e fomos obrigados a ficar para um chá da tarde, apesar de já ser quase seis e meia da noite. A mãe de Enrico era espaçosa e falante, então enquanto Yumi devorava um biscoitinho nos meus braços e eu bebericava meu café, Alessandra conversava por todos nós na mesa.

— Me diga, Enrico.

— Sim? — ele indagou comendo um bolo de laranja com calda por cima.

— Quando vai incluir seu nome na certidão de Yumi? — Sorri com isso. Ela estava mais animada do que qualquer um de nós.

— O mais rápido possível, né dona Yumi? Yumi Bernardi, que tal? — indagou me fazendo sorrir. Atualmente era Yumi Park, mas eu sabia que não podia ter controle sobre isso. E no fim, era bom Yumi estar ligada ao pai. — Algum problema com isso, Helena?

— Não. Claro que não — neguei. — Eu invadi sua vida com uma filha, não sou mãe dela, então não posso brigar por coisas que deveria ser Mina e você.

Ele bufou.

— Tanto faz. Você está no lugar de mãe. Já parou para pensar que quando Yumi aprender a chamar mamãe, vai ser para você isso? — Encarei os cabelos da minha menina preso em um xuxa pequena, no alto da cabeça e sorri.

— Eu sei. Só quero que seja espontâneo, dela. Não quero forçar nada.

— Acho que não tem volta, querida. Você agora é uma mãe para Yumi, mesmo que saiba que existe Mina, mesmo que quando ela crescer, você conte sobre a mãe, ainda assim, será você quem criou e amou ela, Helena. — Encarei Alessandra com o coração apertado.

— Por experiência própria, Helena, pai e mãe é quem cria, quem dá amor. Nada além disso — Enrico falou e eu apenas assenti. Mina amou a filha, mas não estava aqui para vê-la crescer. E como eles falavam, eu estava neste lugar. Não estava roubando, apenas amando Yumi.

— Aqui, boneca, mais um biscoito para você — Enrico disse estendendo mais um e as mãozinhas gordinha agarrou com garra. — Hum, gostou dos biscoitos da vovó.

Ela continuava com o outro pela metade, mas levou o mais novo à boca, era uma cena engraçada com ela segurando os dois ao mesmo tempo.

— Ok, como foi o trabalho, Helena?

— Foi ótimo, fiquei assustada com a fama de William, mas acredito que me saí bem.

Ela sorriu.

— Ai, criar filhos é bom, mas trabalhar e fazer a vida se movimentar não tem preço. Saudades da época que eu vivia na Bernardi, dia e noite — falou saudosa, ficamos conversando até que Enrico falou que precisávamos ir. Yumi foi na cadeirinha que o pai havia comprado para ela e dormiu logo que o carro entrou em movimento.

— Me fale um pouco sobre os amigos de vocês.

— Hum são três. Dois namoram, e uma está solteira. É a Andreza, irmã do Bruno e Joana,

todos são bem gente boa. Animados, divertidos e você não vai ser massacrada, eu prometo.

— São primos de Will?

— Só Bruno e Andreza. Joana é namorada de Bruno. — Assenti.

— Se forem como Will, vou me dar bem. Deus me ajude. Fico nervosa. — Ele riu. — Já sabem sobre Yumi?

— Sim, Will contou depois da confirmação do DNA. Eles vão te acolher e aposto que vai adorar as meninas. — Não estava muito confiante, mesmo assim, concordei.

Eu não tinha muitos amigos, tinha dificuldade em confiar nas pessoas ao meu redor, devido meu histórico rápido de decepções e perdas. Sempre acreditava que em algum momento alguém iria partir e me deixar sozinha.

— O local é chique? Preciso me vestir estupidamente bem?

Enrico riu.

— Ai, Helena, você me mata. Não, não precisa de nada disso. É o mesmo restaurante que te levei, costumamos nos encontrar lá, pois é bem mais divertido. — Assenti. Que os amigos de Will e Enrico não me levasse para a força.

Capítulo



ENRICO BERNARDI

Yumi estava pronta no meu colo aguardando Helena para sairmos para o jantar, enquanto eu observava os pezinhos minúsculos da minha filha, que era cobertos por um sapatinho de pano que fazia o pequeno pé parecer uma bisnaguinha. Sorri com o pensamento e beijei sua mãozinha rechonchuda, vendo-a me olhar de modo curioso, e abrir um sorriso banguelo.

Escutei saltos em minhas costas e levantei a cabeça, sentindo meu coração errar uma batida quando passei os olhos pela loira que parou em minha frente. Helena estava simplesmente perfeita.

Os cabelos loiros estavam presos num coque no alto da cabeça, enquanto o corpo pequeno era coberto por um short de alfaiataria que subia um pouco acima da cintura, deixando um espaço de pele à mostra até encontrar a peça superior, que era apenas um “top” de manga na cor rosa clara, combinando com a peça de baixo.

Era a cara dela. Delicado, e ficava simplesmente perfeito.

— Exagerei? — Seu rosto estava bem maquiado e via a insegurança daqui. — Você está me encarando estranho, Enrico, fiquei com medo agora.

Sorri e me levantei, encaixando Yumi contra meu peito.

— Você está perfeita, Helena. Maravilhosa — ressalttei em voz baixa, próximo demais do seu corpo, com meus lábios tão perto que um único movimento colaria minha boca na sua.

— Obrigada. — A vi sorrir nervosa e encarou Yumi. — Vamos?

— Vamos sim. — Peguei a chave do carro e saímos do apartamento, seguindo para nosso destino. A viagem foi rápida e logo me vi entrando no restaurante com Helena e Yumi em seus braços, minha filha observava tudo atentamente enquanto minha mão estava na cintura da sua tia, a guiando para dentro. Um ato que já era involuntário sempre que ela se aproximava.

— Ali estão eles — ela sussurrou e segui seu olhar, vendo Will e seus primos sentados à mesa.

— Vamos lá — falei e seguimos em direção a eles. O primeiro a nos ver foi meu melhor amigo, que sorriu em nossa direção.

— Ei, chegaram. — Sorri e puxei a cadeira para Helena, que se sentou com Yumi no colo. — Boa noite, princesinha — Will disse sorrindo para a nenê, que escondeu o sorriso atrás das mãozinhas. — Ela está a coisa mais mordível do mundo, Helena.

— Eu não gosto de mordidas, tio Will, fala para ele, Yu — Helena falou brincando com voz de bebê. — Boa noite — sussurrou para Andreza, Joana e Bruno que estavam ali.

A noite acabou sendo bastante agradável, Helena se enturmou rapidamente com as meninas e conversava parecendo que se conheciam há anos. Quando deu nove horas da noite a loira me encarou com os olhos brilhando em um pedido silencioso e apontou para Yumi adormecida em seus braços.

— Precisamos ir, gente — falei me levantando. — Yu já dormiu e eu e Helena trabalhamos cedo amanhã.

Despedimo-nos e saímos do restaurante. Peguei Yumi dos seus braços, pois minha filha estava cada dia mais pesada, e conseqüentemente era difícil para a tia ficar vinte e quatro horas com ela nos braços.

— Seus amigos foram legais — ela falou quando entrei no carro. — Adorei Andreza, ela fala bastante e quase me deixa tonta, mas, ainda assim, é gente boa.

Sorri.

— É como um dom dela. Te disse que seria tranquilo.

— Realmente foi — concordou e ficamos em silêncio o resto do caminho.



Assim que chegamos no apartamento Helena subiu para colocar Yumi na cama e eu me sentei no sofá depois de buscar um copo de uísque no minibar que havia na sala. Me encostei no estofado tomando goles leves enquanto pensava no giro que minha vida deu nas últimas semanas.

Sinceramente, eu não esperava aquilo, mas Helena chegou e mudou tudo. Para melhor. Com Yumi, era como se tudo finalmente se encaixasse e eu vi que tinha a chance de fazer diferente do meu pai. De ser o pai que ela merecia.

— Ei. — A voz feminina me fez virar a cabeça, afastando o uísque da boca. — Pensei que tinha dormido — falou tímida, terminando de descer as escadas. Helena costumava vestir uma camisa grande e shorts para dormir, e apesar de não ser nada demais, ela ficava bonita naquilo.

— Tem bebida ali, se quiser. — Apontei em direção ao minibar e ela negou, sentando-se ao meu lado no sofá e esticou as pernas, colocando sobre a mesinha de centro. — Pensei que estivesse querendo descansar.

— Eu não estou com sono. — Pegou o controle da televisão, brincando com os canais e a observei distraído, absorvendo o contorno delicado da mandíbula, seguindo para o nariz pequeno e delicado, os lábios cheios e naturais. Ela era tão linda... Até que ela levantou a cabeça, encontrando seu olhar com o meu e vi seu rosto corando.

Senti minha mão agir de modo involuntário quando me inclinei, tirando uma mecha do fio loiro do seu rosto e colocando atrás da orelha. O toque leve a fez prender a respiração e eu ficar

ansioso por sua reação.

Helena me encarou e ficamos assim, dividindo um olhar que falava tudo que sentíamos. Desejo. Eu aprendi a ler isso nela nos últimos dias e sabia que aquela mulher me desejava.

— Eu... — ela começou, nervosa, engolindo em seco.

— Você? — indaguei incentivando.

Helena suspirou.

— Eu quero beijar você. — E a confissão me fez ter uma única reação.

Eu a beijei.

E foi extraordinário.

Senti meu corpo inclinando em direção ao seu enquanto sua boca estava contra a minha, com minha língua encontrando a sua em um jogo sensual. Segurei os cabelos loiros, puxando suavemente em minha direção e quando ela suspirou baixinho, sabia que havia encontrado minha perdição.

Helena tinha gosto de vinho. E cheiro de morangos. E era perfeita, se encaixava em minhas mãos com uma maestria sem igual.

— Eu — falou contra minha boca, se afastando para respirar fundo, ofegante. Deslizei minhas mãos por sua cintura fina, deslizando para dentro da camisa que ela vestia, passando pela barriga plana e vendo os cabelos loiros bagunçados caindo ao redor, a deixando tão sedutora que não conseguia afastar meus olhos dela.

Beijei seu pescoço, mordiscando a pele sensível e a ouvi suspirar no meu pé do ouvido. E alcancei o seio, sentindo o mamilo contra minha pele, deslizei o indicador sobre o bico, puxando suavemente e a escutei gemer contra minha boca.

Aquela mulher se encaixava perfeitamente em mim.

E quando ela rebolou no meu colo, me fazendo descer as mãos em sua cintura, puxando a

blusa para cima. Helena se afastou deixando a peça cair no chão, ficando nua da cintura para cima em cima de mim.

— Você é gostosa demais — falei observando seu corpo. A cintura fina, os seios fartos, a pele branca e o rosto perfeito, a combinação que me deixou duro na hora. Me inclinei, levando o mamilo nos lábios e sugando, sentindo suas mãos em meus cabelos, puxando em sua direção.

Perdição, pensei enquanto mamava nela, deslizando a mão para dentro do short curto, perdendo um pouco da razão que ainda existia dentro de mim. Afastando a calcinha para o lado, meu dedo mergulhou nas dobras escorregadias de Helena, a escutando gemer no meu ouvido quando brinquei com seu clitóris, absorvendo os espasmos de prazer em seu corpo.

Ela estava molhada. E eu nem precisei de muito esforço para isso.

— Sua boceta está perfeita para mim, loira — falei segurando seu rosto, afastando para encarar os olhos azuis, a vi sorrir, safada.

— Então me come — sussurrou com a boca colando na minha, e beijei sua boca, me levantando, a deitei no sofá, subindo em seu corpo e colando ao meu. Descartei as roupas ao lado do sofá, me movendo sobre Helena, sentindo suas pernas enlaçar minha cintura, se esfregando em mim enquanto eu me deliciava com cada curva da mulher, perdido, completamente rendido.

Senti sua mão em meu pau, esfregando em sua entrada e suspirou, me fazendo afastar, buscando a camisinha na minha carteira. Nos protegi, sentando-se no sofá e a encarei.

— Senta em mim, Helena. — Ela não falou nada, apenas se arrastou subindo em meu colo, apoiando as mãos em meus ombros, e descendo até que sua boceta engoliu meu pau. O ato foi rápido e vi quando a resistência se rompeu, me deixando tenso. Olhei em direção à loira, vendo seu rosto corado, os olhos fechados em sinal de dor. — Caralho, mulher, você é virgem? — indaguei agitado e a vi segurar meu rosto, forçando-me a encarar.

— Shiu — falou, cobrindo meus lábios com os seus, enquanto deslizava sobre mim, quicando

em meu colo, me fazendo segurar sua cintura e aceitar a forma que ela me engolia, rendido por cada movimento, pelo encaixe que ela proporcionava. E gemi quando ela parou, segurando meu rosto contra seus peitos, chamando meu nome enquanto gozava.

Suspirei, passando a língua pelos mamilos endurecidos e senti meu prazer se intensificar com a forma que ela me segurava. Helena se moveu ao perceber que eu não havia gozado, e a ajudei a continuar, deslizei minha mão entre nós, tocando seu ponto de prazer, instigando, trazendo-a de volta para junto de mim. Suguei seu seio, doido por cada espaço daquela mulher.

Ela era perfeita.

Gostosa pra caralho.

E foi pensando nisso, que gozei, com ela sobre mim, meus dedos brincando com sua boceta deliciosa. Sabendo que não havia forma dela sair da minha cama esta noite.

— Você merece umas palmadas por não me contar.

Ela estava contra meu corpo, com o rosto escondido na curva do meu pescoço.

— Você iria fazer se eu contasse? — indagou.

— Com toda certeza não — resmunguei e Helena riu, causando uma intimidade pós-sexo desconhecida.

— Então. Sou virgem, não idiota. Era virgem — corrigiu, me fazendo negar. — Não é nada demais, é só um hímen. No fim, iria acontecer uma hora ou outra. Com você ou outro cara.

Apertei sua cintura em resposta a menção de outro homem. Bati em sua bunda, fazendo o tapa ser estralado, a ouvi ofegar, vendo que ainda estava dentro dela.

A sensação era deliciosa demais. Eu não queria me afastar.

— Ainda estou com você sentada no meu pau, melhor se comportar e não mencionar outros caras. — Ela riu, rebolando e atiçando. Senti sua boca contra meu pescoço, beijando a pele sensível.

— O que vai fazer, Enrico? — Continuou passando as unhas pelo meu peitoral. Segurei seu corpo contra meu membro, forçando a conexão e a escutei gemer. Estava duro de novo, não sabia o que estava acontecendo comigo, uma rodada não foi o suficiente.

Eu a queria novamente.

Helena gemeu em resposta. Mas eu me afastei, tirando-a de cima de mim. Fiquei de pé e ela veio junto, e antes que reclamasse, a peguei no colo, sentindo suas pernas em minha cintura e caminhei pela sala, subindo as escadas.

Graças a Deus Nana não estava em casa, não precisava me preocupar em estar andando pelado por aí.

Alcansei as escadas, subindo com Helena contra mim, e assim que alcancei o quarto, fui em direção ao banheiro, colocando a loira dentro da banheira. Ela me encarou com curiosidade enquanto eu ligava a água, espalhando alguns sais de banho.

— Vai ficar emburrado com minha mentira? — ela indagou, risonha.

— Não — respondi entrando na banheira e segurei seu pé, deslizando a mão por sua pele, vendo-a observar o ato. — Vou procurar outra forma de punição para você, amor.

Sorri sacana em sua direção, a vendo puxar uma respiração profunda.

— Qual? — Helena não deixou de perguntar.

— Ficar dentro de você a noite toda se possível. — Alcansei o meio de suas pernas, brincando com suas dobras e ganhei suspiros entregues. — E te fazer gozar. Mas se não se comportar, talvez eu só brinque com seu corpo e não te dê a recompensa.

A vi se segurar na beirada da banheira, inclinando seu corpo em minha direção e fiz meus dois dedos entrar nela, sentindo-a escorregadia, quente e perfeita.

— Hum... — A escutei gemer quando aticei seu ponto de prazer, adorando ver cada reação em seu rosto. Falei aquilo para atiçá-la, mas sabia que não conseguiria não a fazer gozar. Helena era

linda demais, e quando seu corpo se perdia de prazer, ficava ainda mais perfeita.

— Sabe o que descobri, Helena? — falei, me aproximando, fazendo minhas pernas abraçá-las pelas bordas da banheira. Ela não respondeu, jogando a cabeça para trás quando belisquei seu mamilo sensível. — Que sua boceta gostosa me engole todinho. E é perfeito como se encaixa.

O gemido alto de Helena foi minha recompensa. Eu queria brincar com ela. Levá-la ao limite. Mas ela quem fazia isso comigo.

Pois eu já estava completamente duro, só de observá-la.

Capítulo



HELENA PARK

Acordei sentindo meu corpo contra algo e abri os olhos rapidamente, arregalando ao perceber que estava praticamente em cima de Enrico e que sua mão pousava de modo pesado em minha cintura, me mantendo ali. Os flashes da noite passada passaram como um filme, e gemi em desespero, escondendo meu rosto entre meus dedos sem acreditar que havia mesmo feito aquilo.

— Não vai apagar a noite anterior assim. — A voz rouca dele me fez encará-lo assustada. — Não é nada demais, Helena.

— É sim, você é o pai da minha sobrinha. Onde eu estava com a cabeça? — Fiz menção de levantar, mas sua mão não me deixou ir, segurando mais firme e fazendo meu corpo colar ao seu. Estávamos sem nada por baixo, então o roçar do meu seio nele me fez suspirar e ele arqueou a sobrancelha de modo sacana, rolando por cima de mim e me encarando. — O que você está fazendo? — indaguei, vendo-o se abaixar, escondendo o rosto na curva do meu pescoço, a sensação da sua barba por fazer contra minha pele era gostosa e me fez abraçá-lo pelo pescoço.

— Eu quero você — sussurrou passando a língua por ali, a resposta veio lá debaixo, com minha intimidade deixando claro o quanto aquele homem tinha poder sobre mim. — Agora.

Senti sua boca descendo por minha pele, alcançando meus seios e sugou o bico, me fazendo

gemer enquanto ele mamava em mim, e automaticamente abri as pernas, o encaixando ali e me esfregando nele de modo descarado.

Porém o choro alto nos fez travar.

— Yumi acordou — falei empurrando seu corpo e Enrico rolou para o lado, enquanto eu puxava seu lençol e enrolava o tecido em meu corpo, segurando firme para sair do quarto como se ele fosse uma toalha. Assim que abri a porta do quarto de Enrico senti o ar fugir dos meus pulmões quando vi Nana no corredor, olhando em minha direção com uma expressão tão normal que acredito que ela já esperava por isso. — Bom dia, Nana.

— Bom dia, Helena — ela falou, mas eu já estava entrando no quarto que Yumi dormia, vendo minha menina de pé no berço, com o rostinho cheio de lágrimas.

— Ei, amor, cheguei. — A peguei nos braços e beijei sua bochecha.

A coloquei sobre a cama, assim que Yumi se acalmou e fui em direção ao closet, pegando um vestido folgado e escondendo minha nudez rapidamente. Deixei para surtar sobre minhas decisões da noite anterior depois, pois sinceramente sabia que ia acontecer.

Assim que fiquei pronta desci com Yumi para a cozinha, agradecendo por não encontrar Nana, muito menos Enrico por perto. Hoje iria entrar um pouco mais tarde na empresa, pois Will me designou para algumas tarefas fora de lá e com isso eu tinha a desculpa perfeita para não ir para a empresa com Enrico.

Coloquei Yumi na cadeirinha enquanto fazia seu café da manhã e assim que terminei voltei com ela para o quarto, dando de mamar e a deixei brincando enquanto me aprontava. Dona Alessandra e eu combinamos que ela ficaria responsável por encontrar a babá perfeita para a nenê e enquanto isso não acontecia, ela ficaria com a avó para eu trabalhar.

— É, vamos ver a vovó — falei vestindo um conjuntinho rosa claro nela. — E a gente se ver no meu almoço, ok, amor da minha vida? — Yu sorriu para mim. — Sim, prometo que trago tia Rafa

para lhe ver hoje, prometo de dedinho. — Beijeí sua testa antes de sair do quarto e novamente, não encontrei ninguém, permitindo minha fuga do apartamento. Peguei um Uber e no instante que adentrei o carro, senti meu celular vibrando.

— Oi — atendi.

— Onde você está? — A voz de Enrico não era passiva.

— A caminho do apartamento da Rafa, irei falar com ela antes do trabalho.

— No apartamento dela, Helena? E se aquele homem estiver lá? — Suspirei.

— Depois nos falamos, Enrico, prometo que vai ficar tudo bem.

— Fugiu de mim, isso? — Sorri. Para Enrico, dormir comigo podia não ser grande coisa, um movimento e não se lembraria mais. Continuaria sendo ele, dono da sua própria vida.

— Não. Depois nos falamos.

Ele bufou com minha resposta repetitiva, mas finalizei a chamada e me encostei no estofado, observando as ruas de São Paulo pela janela do carro. Precisava ver um local para ficar o mais rápido possível, porém tinha que ter certeza de que meu emprego não iria simplesmente evaporar.

Yumi puxou minha blusa e sorriu, querendo ficar de pé para olhar pela janela e vi minha menina observando a vista, batendo levemente sobre o vidro e sorri. Ela estava a salvo agora. E eu sabia que Enrico não deixaria Yumi desamparada.



Encarei o apartamento meio bagunçado da Rafaela, esperando-a terminar seu banho para conversarmos. Ainda estava pensando na situação da minha amiga quando cheguei e vi que meu silêncio sobre Guto havia ido longe demais.

— Oi. — Ela retornou para sala, já maquiada e bem-vestida e eu bati no sofá ao meu lado, vi minha amiga sentar e puxar o casaco firmemente contra seu corpo, como se tentasse se proteger.

— Vai me contar o que anda acontecendo? — indaguei preocupada.

— Sim. Eu e Guto terminamos — sussurrou.

— O motivo? — sondei.

— Acho que chegar a um nível dele me bater é um motivo forte o suficiente. — Senti meu estômago se revirando. Encontrar Rafaela chorando no apartamento não foi a melhor parte do meu dia. — Ele falou algo sobre você, vai me contar o que aconteceu?

Fechei os olhos, concordando.

— Quando eu saí do apartamento, foi porque o Guto tentou tocar em mim. — A encarei, preocupada. — Eu consegui chutar entre suas pernas e correr. O amigo de Enrico veio me ajudar.

Ela suspirou e segurou minha mão.

— Por que você não me contou, Helena?

— Eu pensei que não acreditaria em mim. — A encarei. — Ele é seu namorado, Rafa, e eu só a amiga.

— Helena! — falou agitada. — Você cresceu comigo, você é praticamente minha irmã, como pode achar que eu não confiaria em você? — Encolhi os ombros, culpada.

— Desculpe não ter falado, poderia ter evitado tudo. — Apertei sua mão e a vi sorrir suavemente.

— Não se preocupe. Vou ficar bem. Acabou — fungou —, eu não estou triste por ele e sim por ter deixado chegar neste ponto. Ele me bateu, Helena, nem meu pai nunca me bateu.

Assenti.

— Eu sei, amor. — Abracei. — Vai ficar tudo bem, você está segura. — Ela assentiu e eu só soube lamentar pelo caminho que Guto havia escolhido. — Vai denunciá-lo?

— Já fiz. Eu liguei para o papai e ele veio. — Assenti e limpei suas lágrimas. Richard era um

homem jovem, que teve Rafaela no auge dos seus vinte anos e hoje ele tinha quarenta e cinco era super conservado. Depois da morte da mãe da Rafaela, ele deu seu melhor para criar a única filha. — Fomos até a delegacia e ficou registrado.

— Precisa de algo mais? Eu entro no serviço só daqui a uma hora.

— Não, não se preocupe comigo. Eu só estou zangada por você não ter me contado nada. —

Sorri e beijei sua bochecha.

— Perdão, amiga, eu te amo e não quero perder você.

Rafaela sorriu e ouvimos o interfone tocar. Ela se aproximou e atendeu.

— Sim, sim, pode mandar subir. — Colocou o telefone no gancho e se aproximou novamente.

— Vou ficar com papai por uns dias. Você podia vir no final de semana para passarmos algumas horas juntas.

Sorri e em seguida assenti. Adorava Richard.

— Claro que irei. — A porta se abriu, revelando um homem alto, de barba por fazer e cabelos escuros milimetricamente penteados. Richard Vilalobos era um homem alto, e muito bonito, dono de um império no mundo automobilístico e bastante conhecido aos arredores do Brasil.

— Ei, Helena. — Abriu um sorriso ao me ver. — Veio ver minha menina.

Abraçou Rafaela de lado.

— Sim, vim falar com ela antes do trabalho. — Ele encarou Yumi em meu colo.

— E como está a pequena? — Sorriu.

— Ótima.

— E como foi com o pai dela?

— Ah, Enrico tem se esforçado. Saiu o teste de DNA então tudo ficou mais fácil. — Ele assentiu.

— Vá arrumar suas coisas, Rafa, precisamos ir pois, tenho que estar no trabalho daqui a meia hora — falou me fazendo levantar, dizendo que iria para o trabalho. Porém ainda precisava deixar Yu com Alessandra.



O trabalho havia passado lentamente e quando estávamos no fim do expediente senti o cansaço do dia bater sobre meu corpo. William olhou para cima, abrindo um sorriso reconfortante.

— Tudo bem com você, Helena? — Assenti rapidamente. — Parece meio tensa hoje. O dia todo — falou fechando o notebook. Xinguei baixinho. Claro que fiquei tensa em todas as malditas vezes que encontrei Enrico, ou que o seu nome foi mencionado.

— Estou meio cansada, enfrentei situações difíceis pela manhã.

— Tudo bem com você? Com Yumi?

— Sim, foi uma amiga. A namorada do Guto. — Ele assentiu. — Um problema tenso e eu fiquei bem preocupada.

Isso era em partes, verdade. Eu havia sim me preocupado com Rafaela e mandei mensagens para ela durante toda a tarde, para me certificar que estava tudo bem com minha melhor amiga. Mas esse não era o motivo para estar tensa.

— Vá para casa. Descanse, mande um beijo para Yu. — Sorri e aceitei a dica, saindo rapidamente. Sim, William tinha um jeito metódico de trabalho e era meio fissurado com organização, mas acabei me adaptando a tudo isso. Ainda era cedo para dizer, mas acho que meu desejo insano por independência me fez ser a secretária perfeita para ele.

Não o deixava pedir algo, ia e fazia.

Estava sempre tentando adivinhar o que Will faria em determinadas situações para não ter que ser cobrada pelo menos. E vi que ele apreciava isso. Peguei um Uber novamente para casa, sabendo que Enrico estava em uma reunião com a equipe de marketing e que ele assumiu esse

trabalho, pois William havia brigado com uma das responsáveis da equipe. Assim que entrei em casa fui recebida por um sorriso alegre de Yumi nos braços de Nana.

— Ei, meu amor — falei e ela estendeu os bracinhos, pedindo colo. — Boa noite, para vocês.

Como você acabou com a Nana, hein?

— Alessandra precisou ir para um evento de última hora e a deixou aqui. — Assenti. — Tem jantar, se quiser ir tomar banho e vir comer, está quentinho.

— Ok, fica com ela um pouco, Nana? — Ela assentiu e coloquei Yumi nos braços da governanta, subindo as escadas rapidamente.

Não demorei a retornar, pegando um lugar a mesa ao lado da cadeirinha de Yumi, e enquanto comia, via os olhares de Nana em minha direção. A encarei, impaciente e arqueei a sobrancelha.

— Ok, Nana, pode falar.

— O que, menina? — Eu sabia que ela estava pensando sobre mim saindo do quarto de Enrico.

— O que você quer falar. Talvez me xingar por dormir com Enrico — arrisquei um palpite, pois estava quase certa de que aquela mulher me odiava e só me tolerava naquela casa. — Talvez dizer que eu seja alguma aproveitadora, pois sinto que você acha isso de mim.

Ela se encostou na mesa, me encarando com firmeza.

— Você tem razão, Helena. — Me encarou e eu engoli em seco. Ouvir aquilo da sua boca doía, e eu não sabia o porquê. — Eu acho mesmo que usa a menina como pretexto para ficar em torno do Enrico. Acho mesmo que seja uma aproveitadora que conseguiu entrar na cama dele e talvez pense que isso vá fazer ele cair aos seus pés.

Sorrii de modo quase perverso e meu coração se apertou.

— Nana... — comecei tentando dizer que ela não tinha o direito.

— Sim, carinha de inocente, plano perfeito. — Se afastou e me encarou com ar superior. —

Eu praticamente criei Enrico, Helena. Eu vi esse menino com mais mulheres do que posso contar e pode saber, todas elas eram como você. Iludidas. Achando que uma boceta nova o faria se redimir e casar. Mas não, você não passa disso, uma novidade que ele vai se cansar.

E eu não sabia o motivo dela me odiar tanto.

Capítulo 13



ENRICO BERNARDI

— Boa noite! — falei no instante que entrei no apartamento. Nana apareceu na porta da cozinha e sorriu.

— Boa noite, Enri, vem comer, a comida está pronta — falou apontando para dentro da cozinha e me aproximei, vendo Helena jantando com Yumi na cadeirinha ao seu lado. Minha filha também tinha um pratinho com as comidas liberadas e analisava cada uma delas antes de levar a boca, como quem seleciona a melhor.

Me aproximei dela primeiro, beijando sua bochecha e recebendo um sorriso banguelo.

— Boa noite, pequenina — cumprimentei e ela se inclinou, me dando um beijo desengonçado na bochecha. Vi Helena nos observando, mas não era com a mesma leveza de sempre que fazia isso e vi algo em seus olhos, algo triste. — Você está bem? — indaguei em sua direção.

Ela forçou um sorriso.

— Sim, terminei. — Empurrou o prato e se levantou, levando em direção à pia e o lavando rapidamente. Me levantei e peguei um lugar a mesa, me servindo enquanto observava Helena alimentar Yumi mais rapidamente, me ignorando completamente. Nana estava jantando e não

percebeu minha inspeção na sobrinha da minha filha. — Prontinho, Yu, vamos tomar um banho rápido.

Pegou a menina e subiu sem falar mais nada. Encarei a porta, lembrando da noite passada e de cada momento dentro dela, do modo que ela se encaixava perfeitamente em meus braços. Maldita perfeição.

— Cuidado com essa mulher, Enrico — Nana falou me fazendo acordar.

— Por quê?

— Ela não me passa confiança. — Franzi o cenho, mas não falei nada. Helena não desceu novamente e eu subi as escadas quando terminei de jantar, indo tomar um banho para depois buscar Yumi para passar um tempo com ela. Eu imaginava que seria estranho encarar a noite passada como adultos, mas não pensei que seria desta forma.

Como um maldito viciado, eu queria mais dela. Fiquei enlouquecido o dia todo só pensando nesta loira maldita e ela me ignorava, de modo que nenhuma outra fizera.

Bati à porta de Helena mais tarde, mas ela não abriu. Então testei a fechadura, e vi que estava encostada. Adentrei o local e a vi sentada na cama, com Yumi entre as pernas e me encarando de modo assustado.

Mas não foi isso que me chamou atenção.

E sim as lágrimas contidas em seus olhos.

— Oi — sussurrei fechando a porta em minhas costas.

— Oi. — Forçou novamente um sorriso e me aproximei, sentando-me na beirada da cama.

— Vai me contar o que houve com você? — arrisquei.

— Foi um dia ruim — sussurrou. — Rafa e Guto brigaram e ele bateu nela.

Ofeguei com a informação.

— Nossa, ela está bem?

— Sim, melhor. Mas abalada — falou limpando a lágrima que caiu. Observei Helena e vi a mecha de cabelo cair ao redor do seu rosto, impedindo meu caminho até seus olhos. E meu dedo fez o mesmo movimento que nos levou ao sexo, um simples roçar de peles e seus fios loiros estavam atrás da orelha.

— Helena.

— Sim? — Me encarou assustada.

— Isso é tudo? — Ela me encarou mordendo o lábio inferior.

— Eu quero um lugar para ficar — falou do nada, me assustando. — Pode me ajudar com isso? Sei que já fez muito por mim, mas eu não quero ficar ocupando sua casa.

Fungou. Franzi o cenho, pensei que esse assunto da mudança ficaria esquecido por um tempo, pois estávamos nos dando bem. E eu não me importava em dividir meu dia a dia com ela e minha filha.

— Por que, Helena? Do nada isso? — indaguei. — O que aconteceu?

Ela chorou mais, cobrindo o rosto com as mãos.

— Nada, nada. É só um pedido, eu só quero ter meu lugar, não me sentir mal, ou invadindo a privacidade de alguém — acelerou a falar e rapidamente fiquei tenso. A última vez que ela surtou desta forma foi por causa de Nana.

— Você e Nana brigaram de novo? — indaguei preocupado.

— Não foi uma briga. Foi mais um ataque, mas eu não quero falar disso e piorar tudo. — Me encarou. — Eu só quero ir embora. Posso ficar com Rafaela agora.

— Vai escolher incomodar outra pessoa ao invés do pai da sua filha? — inquiri.

— Yumi não é minha filha e você sabe disso.

— Eu sei, mas está no papel de mãe dela. E sabe disso — rebati rapidamente, vendo-a se levantar e colocar Yumi dentro do berço, ficando de costas para mim. Vi os ombros da loira tremer e sabia que ela estava chorando.

Me aproximei, passando o braço em volta dela e a apertando num abraço.

— Me conte o que foi.

— Eu não quero me aproveitar da situação. Não sou assim — sussurrou e eu a apertei ainda mais, beijando os fios loiros. — Eu não sou uma aproveitadora — ela repetiu mais para si do que para qualquer outra pessoa e eu vi que teria que falar com Nana. Qualquer que fosse o que ela falou a Helena, não podia ficar assim. Aquela implicância já havia passado do limite do que seria considerado normal.

Ela se virou para mim.

— Não fale nada com ela. Você e sua avó tem uma relação muito boa e ela vai ficar ainda pior se souber que anda ficando irritado com ela. — Neguei.

— Não, vou falar sim, vovó já passou dos limites. Vai ter que me contar tudo e não podemos colocar esse problema em off. — Helena suspirou.

— Eu cheguei do trabalho e estava jantando quando ela ficou me observando, falei que podia falar o que estava silenciando, pois sabia que ela tinha visto eu saindo do seu quarto de manhã, e aí ela falou sobre me aproveitar com a situação de Yumi, e em seguida sobre você ser um cara de muitas mulheres e eu achar que iria... — ela prendeu a respiração, parecendo pensar —, que iria ficar comigo só por causa de sexo. Eu não penso isso, ah, pelo amor de Deus, eu já tenho problemas demais para pensar que consigo render um canalha de carteirinha.

Segurei a risada com sua fala.

— Vamos resolver isso, ok? — Segurei seu rosto e beijei sua boca, a puxando em minha direção. Helena se deixou ser rendida e eu apertei a cintura franzina contra meu corpo, deslizando a

língua em sua boca e a escutando suspirar enquanto me beijava.



Helena estava no banho quando desci as escadas com Yumi em meus braços. Eu já havia trocado de roupa e esperado o momento certo para abordar Nana, e a encontrei sentada no sofá da sala, bordando uma manta enquanto via a novela rodar na televisão. Me sentei no *puff* em sua frente e vi sua sobrancelha se arquear com minha chegada.

— Tudo bem? — indagou sem parar de bordar.

— Sim, vim falar sobre suas palavras para Helena. — Ela finalmente parou, congelando no ar.

— Ela foi fazer fofoca? — Abriu um sorriso.

— Ela não queria falar, eu a fiz falar. Ela pediu para ir embora.

— É sempre essa coisa, ela se finge de ofendida para ir embora e depois volta quando percebe que você não vai manter o nível de vida que ela quer. — Fechei os olhos, xingando.

— Vovó — falei sério e ela me encarou. — Helena só voltou por causa de um acontecimento ruim e se não fosse por isso, seu orgulho não a traria de volta. Eu a conheço só há quinze dias, mas sei que não é nada do que você fala.

— É bom defender a boceta que você entra.

— Vovó! — falei horrorizado. E vi que Yumi nem notava o teor da nossa conversa. — Eu quero muito que a senhora fique comigo, que aproveite o momento ao lado de Yumi e de Helena. Ela faz parte disso. Não é porque estou dormindo com ela nem nada do tipo, é ela a mãe da Yumi e se eu precisar escolher, vou optar pela felicidade da minha filha.

Ela me encarou, em tom magoado.

— Eu não quero mais ver esse tipo de conversa aqui. E acho bom um pedido de desculpas.

— Pisquei me levantando e subindo as escadas novamente. Minha avó vivia comigo desde que eu saí da casa da minha mãe, e sempre foi ótimo, pois eu a respeitava e era mútuo. Eu a considerava minha mãe, mas para tudo tinha um limite.

Encontrei Helena já cochilando na cama e fiquei com Yumi até ela adormecer, colocando a mamadeira de lado, mas não consegui sair do quarto, me deitando ao lado da loira e a puxando ao meu encontro.

— Hum... — ela murmurou, enrolada em meu peito. — Cadê Yu?

— Dormiu.

— Ela mamou tudo?

— Sim — sussurrei e beijei sua testa. Vendo-a se aproximar mais de mim.

Sorri e afundei o nariz em seus cabelos.

Eu não sabia o que estava acontecendo comigo. Só queria tocá-la, sentir seu cheiro doce perto de mim e principalmente, não deixar que ela ficasse chorando por coisas que não deveria ser ela a passar. E desejava dentro de mim que fosse Helena um ano e meio atrás, que fosse ela a mulher por qual me atraía. Só assim eu poderia tê-la. Sem me sentir tão culpado. E sem fazê-la sofrer com isso.

— Dorme, loira. — Alisei seus cabelos quando ela se moveu novamente e fiquei acordado até o sono me roubar.

Capítulo

14



HELENA PARK

A manhã já tinha começado insana. Acordamos atrasados e saímos sem tomar café direito, pois precisávamos deixar Yumi na casa de dona Alessandra antes do trabalho. E quando finalmente cheguei à empresa, agradei por William misteriosamente estar atrasado aquela manhã. O trabalho começou no instante que cheguei, pois precisei trabalhar com Letícia na organização da reunião das dez horas e quando meu chefe chegou disse que Enrico estava solicitando nossa presença em sua sala.

Foi uma minirreunião passando todos os pontos de cuidado com a reunião de hoje. Seria uma videoconferência com uma empresa italiana na qual eles tentavam fazer contato há meses e finalmente obtiveram sucesso.

— Sabe que o problema é sua falta de aliança, né? — Will falou para Enrico e o homem suspirou.

— Sim, mas eu não vou mentir nem nada do tipo. Se eles fecham contratos por causa de uma aliança na mão do dono da empresa, são um bando de malucos — resmungou e franzi o cenho.

— Como assim? — arrisquei a perguntar.

— Os Fontana é uma família italiana bem tradicional. O boato que corre é que gostam que os seus clientes tenham certa estabilidade, não leve vidas badaladas e tenha um relacionamento estável — Letícia explicou. — Como Enrico disse, é bobagem. Mas eu devo dizer que, aqui na sua agenda tem um problema.

Enrico levantou a cabeça, arqueando a sobrancelha em direção a Letícia.

— Como assim?

— Eu tinha dito à secretária antiga de William para tentar contato com eles, pois eu já estava cansada de explicar os benefícios da Bernardi a eles — bufou. — E ela disse que você estava noivo.

Enrico arregalou os olhos.

— Mas que merda foi essa? — Will segurou a risada com a falta de compostura do amigo. — Vamos perder um contrato por causa de uma mentira e de fato, não haverá outra chance. Se não ter mulher era um problema, agora com essa mentira não vai rolar mesmo.

— Calma, Enrico. — Will foi ao seu socorro. — Temos duas lindas mulheres aqui, que tal uma mentira um pouco mais elevada? — ele indagou olhando em nossa direção, e veio ao nosso encontro, juntando eu e Letícia lado a lado e Enrico fez uma expressão de puro desgosto.

— Não vem, Will.

— Enrico, é uma conta milionária. Se a gente fechar isso, vai ser maravilhoso, uma mentira a mais e uma a menos não vai fazer diferença. — O CFO da empresa tinha suas doses de razão. — Vai ser só uma chamada de vídeo. Você concorda e ainda fala que sua esposa trabalha com você. Futura esposa, não vamos tão longe.

— Mas ninguém vai prestar atenção no fato de que eu não tenho nenhuma notícia na mídia falando sobre isso? — O CEO cruzou os braços, indagando. — E vai ser Helena. Letícia cuida da reunião.

Designou me fazendo arregalar os olhos. Letícia prontamente assentiu e saiu da sala.

— Mas eu pensei que você nem tinha concordado — comentei assustada.

— Ele é assim mesmo, querida, fique calma, você está ótima — Will me acalmou e sorri.

— Eu estou calma — falei rapidamente.

— Hum. Ok. — Ele não parecia acreditar muito e começou a tagarelar sobre como iríamos lidar com aquela mentira. E do nada, eu era a noiva inesperada de Enrico Bernardi. — Precisamos de uma aliança. Uma noiva não pode sair por aí sem aliança.

Vi Enrico mexendo na gaveta de baixo até que colocou uma caixinha sobre a mesa.

— Aqui. — Abriu e estendeu o anel em minha direção, mas eu estendi a mão, arqueando a sobancelha em desafio. O homem sorriu, e concordou, deslizando a aliança em meu dedo. — Pronto, noiva.

— Hum, não sabia que você era do tipo que tem um anel lindíssimo guardado — falei distraída, observando o anel de ouro com um solitário em cima. — Bonito. — Suspirei.

— É uma joia de família. Mamãe me entregou e acabei esquecendo aqui. — Assenti e o vi se levantar. — Ok, passando a história. Namoramos por um ano em segredo, noivamos há dois meses, mas a mídia ainda não sabe, pois eu nunca exponho meus relacionamentos. Mas só vamos falar isso caso haver indagação.

Concordei. Aquilo sim era uma manhã inesperada, algo completamente fora do contexto normal para uma empresa séria.



A reunião havia sido incrível e no instante que acabou, fomos diretamente para o escritório de Enrico, conversar em como conseguimos um contrato que valia milhões com uma mentira deslavada.

— Conseguiu — Will falou batendo no ombro do amigo. Estava só nós três da sala e fiquei surpresa quando Enrico se aproximou, me abraçando e me levantando levemente do chão.

— Obrigado. Graças a você. — Senti minha bochecha corar e senti seu beijo na minha testa.

Sorri em sua direção sem me afastar, sentindo seu hálito tão perto que poderia facilmente beijar sua boca em um único movimento.

— Eu vou indo — Will declarou e nos separamos, encarando o homem saindo. Fiz menção de sair, mas a mão de Enrico me prendeu no lugar e assim que Will se foi, o vi caminhar até a porta, fechando-a na chave e se virando em minha direção. O olhar que me lançou esquentou partes impróprias demais para um local de trabalho.

Chegou perto o suficiente para pegar minha cintura, colocando-me sentada sobre a mesa do escritório numa facilidade surpreendente. Senti sua boca sobre a minha e suas mãos em minhas pernas, subindo a saia lápis que estava vestida, até que encontrou minha calcinha e seu dedo provocou-me por cima do tecido me fazendo gemer em sua boca, esquecendo-me de onde estávamos.

Senti a boca de Enrico descer em minha pele, traçando um caminho de beijos por minha mandíbula até que alcançou meu pescoço, mas não parou, desceu além e parou na base dos meus seios, deslizando a língua pelos montes que se revelava de modo discreto pela blusa. Senti quando suas mãos foram para baixo da peça, os pegando entre os dedos e automaticamente minhas pernas rodearam a cintura do homem, puxando-o em minha direção e sentindo-o duro contra minha perna.

Suas mãos desceram, enquanto sua boca descia em meus peitos, mordiscando o bico e me fazendo gemer, segurando-o firmemente ali, enquanto ele mamava em mim suas mãos desceram minha calcinha e brincaram com minha entrada.

— Eu quero tocar em você desde que saímos de casa — falou com a boca em meus peitos. — Delícia, maravilhosa. Cabe perfeitamente na minha boca, feita para mim. — Sorri quando ele me encarou, com os olhos castanhos brilhando de desejo e seu dedo entrou em mim, me fazendo gemer excitada, e suspirar quando ele saiu e repetiu o movimento com um segundo dedo. — Tão molhada, perfeita para o meu pau.

Sorri e rebolei em seus dedos, sentindo meu corpo quente, suando enquanto ele descia o zíper

da calça, tirando seu pau para fora e cobrindo o membro duro com a mão. Os dedos de Enrico entravam e saíam de mim, conforme sua mão subia e descia, dando prazer a mim e a ele. Quando gemi, sentindo o orgasmo se aproximando, minha boceta sugou seus dedos, faminta e doida por uma libertação. Até que aconteceu e vi quando ele saiu de dentro de mim, fraca demais para emitir qualquer coisa, mas acesa quando ele levou os dedos à boca, lambendo lentamente e sem tirar os olhos de mim.

— Meu escritório não vai ser a mesma coisa nunca mais — falou e se aproximou, beijando minha boca e me fazendo provar do meu próprio gosto. — Agora vou sempre lembrar de você em cima da minha mesa, gozando nos meus dedos.

Sorri e me inclinei, segurando seu pau duro e fazendo por ele aquilo que havia feito por mim. Minhas mãos iam mais rapidamente, não conseguindo cobrir totalmente o volume entre meus dedos, até que me agachei em sua frente, cobrindo a cabeça com minha boca, o escutando gemer meu nome, segurando meus cabelos e forçando seu membro em minha boca.

Engasguei-me. Enrico era grande demais.

— Isso — falou quando me recompus, movendo minha língua, intercalando com lambidas, sucções e o ouvindo gemer. — Caralho. Isso, Helena, engole minha porra — falou, me fazendo ir mais fundo, sentindo o ar faltar e as lágrimas ameaçar a descer quando cheguei ao limite.

Ouvi Enrico gemer, chamando meu nome e gozou na minha boca, me fazendo embrulhar o estômago, mas engoli, pois, queria aquilo.

O encarei, sorrindo de lado e senti meu rosto esquentar com a vergonha na cara voltando para mim. Ele sorriu de lado, percebendo minha vergonha e se abaixou em minha frente, me ajudando a levantar e colocou-me sobre a mesa novamente, organizando meu cabelo.

— Sabe que vai me deixar louco lembrando desta imagem, né? — Ele estava ofegante. Sorri e passei o braço em volta do seu pescoço, beijando seus lábios.

— Bom saber — confidenciei e senti minha intimidade se contraindo quando ele abriu um sorriso perverso. — Mas agora eu preciso mesmo ir, eu tenho um chefe exigente e acredito que ele já tenha descoberto o que rola aqui.

Enrico riu.

— Will é tranquilo.

— Sei. — Me levantei, puxando minha saia para baixo e o vi abrir a gaveta da mesa, buscando um lenço umedecido e se aproximou, passando ao redor do meu rosto. — Eu estava suja e você nem me diz nada?

Enrico riu.

— Eu ia limpar você — falou com as mãos ainda em meu rosto. — Melhor não deixar ninguém sabendo o que você sabe fazer com a língua, senhorita Park. — Pegou minha mão, beijando o dorso e suspirei. Ia ser tão difícil manter meu coração a salvo daquele homem.

Antes era fácil odiá-lo, pois tudo que sabia sobre ele era ruim.

Mas agora ele sorria para mim. Me defendia quando não tinha obrigação para tal. Fodia meu corpo, mas cuidava de mim. E era coisas que eu nunca tive. E eu precisava me cuidar, pois sabia que Enrico não me amaria. Aquele só era seu jeito de lidar com a situação.

— Vamos almoçar com a mamãe hoje. — Beijou-me nos lábios novamente e meu olhar encontrou o anel ainda em meu dedo. Fazendo meu coração se comprimir com a lembrança da mentira e dos meus sentimentos bagunçados.

— Aqui — falei afastando minha mão da sua, retirando o anel com pesar. Enrico acompanhou meus movimentos com o olhar, ficando sério rapidamente. — Joia de família não devia ser envolvidas em mentiras.

Sorri de canto, tentando aliviar o clima e o coloquei em sua mão, me afastando.

— Vou te esperar para o almoço. — Passei rapidamente no banheiro de Enrico para checar

minha imagem e quando saí, ele ainda estava de pé, congelado, encarando o anel em sua mão. Me despedi e saí da sala rapidamente, seguindo em direção ao outro lado do escritório, onde ficava meu setor.

Realmente, estava preocupada com o caminho das coisas.



Chegamos na casa de Alessandra por volta do meio-dia e meia e assim que adentramos o local, vimos Yumi sentada dentro do chiqueirinho com monte de brinquedos. Fiz careta, minha menina estava cada dia mais mimada pela avó e o pai. A bisavó gostava dela, mas costumava ser mais contida.

— Ela do nada tem uma loja de brinquedos aos pés dela — comentei com Enrico, vendo seu sorriso enorme ao ver a filha. Ele se aproximou do local e a pegou nos braços, beijando sua bochecha.

— Oi, amor da minha vida — ele falou fazendo Yumi sorrir em sua direção. Ela já era doida pelo pai. — E como foi sua manhã? Sua avó perturbou muito sua paciência?

— Nos damos super bem, né Yu? — dona Alessandra falou aparecendo com um sorriso no rosto. — Venham, vamos almoçar — chamou movendo as mãos e nos fazendo segui-la.

Hoje era sexta-feira e eu iria direto para a casa da Rafaela no fim do experiente. Estava ansiosa para passar o fim de semana ao lado da minha amiga e tirar um pouco da cabeça toda aquela situação com Enrico.

— Como foram a manhã de vocês? — Me sentei à mesa com Enrico ao meu lado e vi quando ele tirou a caixinha do anel de dentro do bolso do paletó e colocou ao lado da mãe, a fazendo olhá-lo estranho. — O que é isso? — indagou indignada.

— É o anel de família que você me entregou — explicou ele, dando um pedaço de tomate a Yumi, que segurou firmemente, mordendo a fruta. — Eu percebi hoje que não ando fazendo bom uso

disso. Como Helena disse, é um anel de família, não deve ser usado em mentiras.

Bom uso disso.

Realmente. Eu disse aquilo.

Mas eu não pensei que doeria tanto ouvi-lo dizer isso.

Vi quando Alessandra olhou em minha direção, percebendo a mudança sutil em minha postura e sorriu, como se pedisse desculpas e tentei fazer o mesmo, passar confiança, mas não conseguia. Meu coração bobo estava doendo.

Capítulo 15



ENRICO BERNARDI

Por que doía? Não era nem para ser dela aquele anel. Foi tudo uma mentira. E enquanto a observava tirar o anel do seu dedo, sabia que aquela mulher era sim perigosa. Não porque Nana havia dito, mas por tudo do que ela causava em mim.

Então eu optei pela maneira mais fácil, me desfazendo daquilo que agora significava Helena na minha mente. Entregar novamente o anel fez minha mãe começar a desconfiar que havia algo errado e assim que Helena foi trocar a fralda de Yumi, ela olhou em minha direção.

— O que houve?

— Nada.

— Você não entregaria o anel do nada, Enrico, o que você fez?

— Ela usou o anel e eu vi que não posso ficar brincando com isso. — Mamãe franziu o cenho.

— Por que ela usou?

— Um cliente conservador, precisei mentir que estava noivo e Helena foi para o papel. — Ela assentiu, finalmente entendendo. — E aí percebi que isso é sério, não posso brincar. Helena não

é minha noiva, nem vai ser.

Mamãe suspirou.

— Andou ouvindo as abobrinhas da sua avó, foi?

— Como sabe disso?

— Ela me liga todos os dias — falou entediada. — Reclama da menina até não querer mais e ainda diz que não a odeia, só protege você. Helena é ótima, Enrico, por que talvez não cogite a ideia de fazer dar certo com ela?

— Sim, ela é boa, mas eu não a amo. Não vou me casar apenas porque tenho uma filha. — Mamãe sorriu.

— Meu filho, você protege essa mulher, brigou com sua avó por causa dela, é louco por Yumi, dorme na casa dela, divide café da manhã com ela e ainda acha que não está apaixonado.

— Não, estou cuidando dela. Protegendo para ter certeza de que ela e Yumi nunca precise de nada. — Mamãe me encarou com deboche. — Não acredita em mim, né?

Ela riu.

— Não, acredito. Vou deixar você cair sozinho — falou tomando um gole do suco. — A verdade é que se fechar e não aceitar só faz a queda ser dolorida.

Helena retornou com Yumi assim que a conversa se finalizou e a vi sentar-se ao meu lado, dando suco para a menina com cuidado para não sujar a roupa novamente e sorri. Ela era tão dedicada a Yumi que era bom de se ver. Helena ainda ficava irritada quando diziam que ela estava no lugar de mãe de Yu, e eu sabia que isso se dava devido a memória da sua irmã, mas ela iria aceitar quando ouvisse Yu falar o primeiro *mamãe*.



O fim do expediente foi corrido e acabei recebendo uma mensagem de Helena, dizendo que

passaria o fim de semana na casa da Rafaela com a família da amiga. Acabei não falando nada, precisava colocar uma certa distância entre mim e ela, para organizar tudo que estava sentindo com a bagunça da noite anterior.

Ela entrou na minha sala assim que William a dispensou e sorriu quando me viu.

— Ei, vou pegar Yu na casa da sua mãe, você pode fazer uma malinha para Yumi e deixar lá na Rafa? Seria mais fácil para mim. O apartamento fica muito distante da dona Alessandra. — Me levantei e dei a volta na mesa, fechando o notebook, pois estava na hora de ir para casa.

Aproximei-me dela, deslizando as mãos por seus ombros cobertos até alcançar sua nuca, puxando-a suavemente em minha direção.

— Vamos juntos. Pegamos Yu, me despeço de vocês e passamos no apartamento. — Ela concordou e antes que eu pensasse direito, já estava a beijando, pois seria dois dias sem ela e eu já me sentia fora de órbita. Isso tinha que acabar.

Foi apenas uma noite. E ela já me tinha aos seus pés.

Talvez Nana tivesse razão.

— Ok — sussurrou sorrindo contra a minha boca. A resistência do dia sobre o quanto nós dois éramos errados havia passado e atualmente só sabia do meu desejo insano por ela, e Helena não se opunha a isso. — Vamos. Não vamos repetir nada por aqui. — Sorri de lado com sua insinuação. — Seu escritório não merece ficar vendo essas coisas.

Me puxou pela mão e eu a segui, vendo sua mão soltar a minha assim que entramos na área onde havia movimentação de funcionários. Saímos da empresa e seguimos em direção ao estacionamento.

— Quem é o pai da Rafaela? — Ela havia mencionado que ele era importante.

— Richard Vilalobos.

— Sério? — falei assustado.

— Sim, ele é pai dela.

— Mas Richard é novo. Não sabia que ele tinha uma filha. — Helena sorriu de leve.

— Sim, ele é conservado mesmo. Mas isso é explicado pelo fato que teve Rafaela com vinte anos, se casou nesta idade, então ele parece realmente ser bem mais jovem.

— Ah sim, você o conhece há muito tempo?

— Sim, desde que eu era pequena. Conheci ele por causa da Rafa, então é uma longa jornada.

— Assenti.

— E a esposa dele? Ele é casado? — Eu conhecia Richard dos eventos Paulistano na qual já fiz parte, mas nunca cheguei a conversar muito com o homem.

— Não, a esposa morreu quando Rafa tinha dez anos. Foi tenso, ela ficou devastada.

— Eu imagino. Perder alguém querido machuca. — Ela suspirou.

— Sei bem disso — falou baixinho. Pegamos Yumi na casa de mamãe e assim que a menina me viu no carro, abriu um sorriso. — Vamos passar dois dias na casa da tia Rafa, Yu, se despeça do seu papai.

Sorri enquanto dirigia.

— Eu vou ver Yu amanhã, não se preocupe. Vocês não vão ter tempo para sentir saudades de mim — brinquei vendo que definitivamente estava ferrado. O celular tocou enquanto eu dirigia e pedi para Helena atender.

— Oi, Will — falou com o aparelho contra a orelha. — Sim, ele está aqui. É o William.

— Coloca no viva-voz, por favor — pedi sem tirar os olhos da estrada e ela o fez. — O que houve, Will?

— Pensei em sairmos hoje. Helena disse que vai ficar com a amiga e reservei uma mesa no local de sempre. Bruno também vai. — Suspirei, era exatamente disso que eu estava precisando.

Uma dose das bobagens dos meus amigos.

— Claro, que horas?

— Às oito. Te aguardo. — Finalizou a chamada, me fazendo focar na estrada. Não demorei a chegar no apartamento e Helena subiu comigo para preparar uma mala pequena, enquanto eu e Yu a aguardávamos, fiquei pensando sobre o caminho das coisas e nas palavras de mamãe. Ela estava errada, né? Eu não havia me apaixonado por Helena. Claro que não.



Beijei a bochecha com cheirinho de bebê de Yumi e ela se segurou em minha blusa com força, me fazendo sentir uma saudade antecipada de tê-la a algumas portas da minha. Entreguei Yu a Helena, encarando a loira enquanto pensava na forma adequada de me despedir. Até que ela se aproximou, beijando minha bochecha e quando se afastou, segurei sua cintura, colando nossos lábios um no outro e suspirei, a sentindo abrir a boca para me receber.

O resmungo de Yu nos fez afastar, rindo.

— Se cuida — falei e ela assentiu.

— Você também — concordei e beijei a mãozinha de Yumi.

— Você cuida da mamãe, princesa. — Beijei o dorso da mão dela, recebendo um olhar curioso em resposta. A vi entrar na casa e voltei para o carro, dirigindo de volta para casa e pensando no que faria diante desse problema com Helena. Minha atração por ela estava passando dos limites.

Geralmente, depois de uma primeira vez todo o desejo evaporava e se tornava algo cansativo. Era assim que estava acostumado a lidar com a mulheres da minha vida. E não com o desejo insano de protegê-la de tudo.

Cheguei em casa e vi as malas de Nana espalhada pelo local, me fazendo franzir o cenho. Vi quando a cabeleira esbranquiçada da minha avó apareceu ali e a encarei, confuso.

— O que você está fazendo?

— Indo embora. — Assumiu uma postura rígida. — Você não precisa mais de mim.

— Vovó, está sendo irracional — repreendi. Vovó sempre foi mais tranquila que mamãe, porém tinha uns conceitos muito difíceis de seguir. Ela achava que a única mulher que poderia entrar em minha vida era Brenda, com quem eu tive um relacionamento casual por longos anos, a menina era filha de uma amiga de Nana e foi por muitos anos para quem Nana direcionava suas forças para nos juntar.

— Não, você arrumou uma puta para limpar suas bagunças. — Senti meu rosto esquentar com isso. — Eu estava aqui enquanto você decidisse que tipo de mulher iria querer para seguir sua vida, e pelo visto, escolheu.

— Primeiro, não fale assim de Helena. E segundo, não pode me colocar em posição de escolha.

— Eu não sei por que não posso a chamar de puta. — Encolheu os ombros, debochada. — Ela é isso. Dorme com você, mas não são um casal. Você mesmo disse para sua mãe que não tem chance de estar apaixonado.

Xinguei, maldita hora que abri minha boca.

— Não vamos começar, coloque suas coisas no quarto e pare de drama, vovó. — Ela não se moveu. — Se a senhora sair, vai me deixar decepcionado. E eu vou me odiar por sua causa.

— Eu não ligo. — Forçou o rosto mais para cima em desafio e eu apenas suspirei, aceitando sua mudança enquanto passava por ela. Vovó estava agindo como uma garota de quinze anos naquela situação e eu não iria me castigar por isso. Não a vi mais até sair para encontrar William e agradecer por isso. As malas ainda estavam na sala, sinal que ela não havia desistido daquela loucura. E assim que vi meus dois amigos, senti que podia voltar a ser o mesmo Enrico de antes, mas que sentia falta dos momentos com a loira e minha filha.

— Que cara de merda — Will disse quando me sentei ao seu lado.

— Não enche — resmunguei pegando uma das cervejas ainda lacradas que havia no balde e abri, bebendo um gole generoso. — Não é um bom dia.

— Vai me explicar por que desse seu humor? — ele indagou quando Bruno se levantou, dizendo que precisava ir ao banheiro. Encarei Will, sabendo que se não contasse, ele descobriria.

— Eu e Helena ficamos — falei rapidamente e ele continuou com sua expressão neutra, como se não fosse nada demais.

— Ok, qual a novidade?

— Porra, Wiliam, isso é a novidade. Esse é o problema. — O safado do meu amigo apenas riu.

— Para mim não é novidade, você está louco por ela, ficam presos no seu escritório, os olhares, os toques — falou bebendo um gole da sua cerveja. — Eu já esperava por isso há dias.

Suspirei.

— Eu não quero me sentir assim. Yumi é importante para mim e eu não quero estragar tudo por causa de Helena.

— Por que você precisa estragar? Já parou para pensar que talvez ela seja a pessoa perfeita? É a mãe da sua filha e isso seria como uma mão na roda. — Não respondi. — Ou você está bravo pelo fato de que ela tem mais poder sobre você do que é capaz de admitir.

Travei minha mandíbula com a menção disto e ele sorriu.

— Sabia. Não me surpreende. Você fugir não vai funcionar, Enrico, se ela te tem de quatro, pode lutar o quanto for. — Bufei, é claro que eu não estava de quatro por ela.

— Não estou assim. Consigo dar em cima de qualquer mulher neste restaurante e ainda ir para cama com ela — resmunguei. — Helena é só mais uma boceta, não tem todo esse poder sobre mim.

Vi os olhos de William se tornarem perigosos, como se ele pudesse me matar.

— Você não vai gostar de provar isso — sussurrou. — Pois sabe que é ridículo e que se colocar tudo a perder com a Helena, machucar ela não vai fazer você parar de desejá-la.

E eu sabia que ele tinha razão.

Eu não queria foder as coisas com Helena.

Eu estava apenas com medo.

— Ei voltei — meu outro amigo falou se sentando em nossa frente e sorriu. — Qual o tema da conversa?

— O Enrico foi pego pelas bolas pela loira — Will debochou abrindo um sorriso enorme, como se me ver naquela situação o fizesse muito bem.

— Eu não estou — falei passando os olhos pelo restaurante até que encontrei uma cabeleira loira que me lembrava da diaba que eu tinha em casa. — Inclusive, vou dar em cima da morena ali. Para vocês parar de me encher o saco — falei optando pela morena ao lado da loira, pois precisava de algo diferente.

— E ele vai foder com tudo. — Escutei William sussurrar, mas não dei ouvidos, caminhando até a loira que havia visto, que estava acompanhada de uma morena e parei ao lado delas, abrindo o sorriso mais bonito que eu consegui. E quando vi a atenção da mulher por mim, senti algo murchar.

Não era isso que eu queria.



William

Bebi um gole da cerveja observando de longe a interação de Enrico com a modelo de cabelos escuros que ele escolheu para a noite. Meu amigo claramente tentava provar que Helena não era importante, mas ele já estava ali há duas horas, bebendo cervejas e mais cervejas e não ia adiante

com a mulher. Em qualquer outra época, ele não estaria mais ali conosco, e sim em alguma cama de hotel.

— Vai intervir? Ele está bêbado — Bruno indagou.

— Se eu me meter. — Encarei Bruno. — Vai ser pior. Enrico tem que sair dali por conta própria. E vai ser até melhor, se ele for adiante com a modelo, é porque não merece Helena.

— Você a defende muito — meu amigo falou desconfiado e eu suspirei. Como podia explicar minha ligação com a mulher? Simplesmente aconteceu. Ela era uma boa pessoa e sua luta não era fácil, ter um coração partido não podia simplesmente fazer parte da sua coleção.

— Helena é realmente ótima, Bruno. Ela o faz melhor, mas nosso amigo se contenta com a realidade antiga dele pensando que o amor vai derrubá-lo.

— O pai dele tem contribuição nisso.

— Sim, mas Enrico não é o filho da mãe do pai dele — rebati. Conhecia Enrico desde meus cinco anos de idade e vi ele passar por muitas coisas, tudo em uma busca insana para buscar a atenção do pai, e mesmo que sua mãe e Nana estivesse cobrindo esse espaço, amor de pai sempre fazia falta.

E me levantei, deixando Bruno na mesa quando vi Enrico sair do restaurante com a modelo. Não iria intervir, só queria saber mesmo se ele teria a coragem de jogar a chance de ser feliz no lixo.

Porém assim que alcançamos o estacionamento, vi ele colocar a mulher num Uber, fechando a porta e acenando, enquanto observava o carro se distanciar.

— Você vai falar coisas agora, né? — ele indagou ainda de costas.

Sorri.

— Na verdade, queria dizer que estou orgulhoso de você — falei sorrindo, dando meia volta e voltando para o restaurante. Ele estava crescendo e eu esperava apenas que conseguisse seguir fazendo as escolhas corretas.

Enrico era como um irmão, e eu queria que ele fosse feliz.

Um de nós tinha que ser.

Capítulo

16



HELENA PARK

“CEO da Bernardi, Enrico Bernardi é visto com modelo brasileira num restaurante na Paulista. Ele e a modelo conversaram e parecem ter saído juntos no fim da noite. Acompanhando o casal estava William Beltrão e Bruno Gusmão”.

A notícia num site de fofoca no *Instagram* chegou bem na manhã do sábado chuvoso em São Paulo e eu encarei a imagem da modelo com pesar no coração. Sim, não havíamos prometido nada um ao outro, mas, ainda assim, era meio doloroso ver aquilo.

Suspirei e me levantei, vendo Yumi ainda dormindo ao meu lado e segui para o banheiro. Não podia deixar muito evidente meu estado de “animação”, pois Rafaela lia nas entrelinhas tudo sobre mim.

Eu ainda não tive coragem de contar a ela que dormi com Enrico. E que possivelmente já estava apaixonada por ele. Com toda certeza, não seria o orgulho da minha amiga quando contasse isso a ela.

Porém assim que alcancei a mesa do café da manhã, aproveitando que Yumi ainda dormia,

encontrei minha amiga com o *IPad* em cima da mesa, vendo uma videoaula enquanto tomava café. Richard não estava ali e acredito que estivesse na fazenda da família a essa altura, pois ele avisou ontem que iria lá resolver algumas coisas.

— Ei, bom dia. — Me sentei ao seu lado, buscando o bule de café e servi na xícara.

— Viu a notícia sobre Enrico? — Foi a primeira coisa que saiu dos seus lábios.

— Oi, bom dia para você — tornei a falar, forçando um sorriso.

— Ok, bom dia, Helena — resmungou revirando os olhos. — Mas sério, você viu? A modelo é linda — falou mexendo no *IPad* e encontrou o perfil da mulher rapidamente. E ela era realmente linda, tinha cabelos cortados estilo Chanel, a pele bronzeada, corpo escultural e dava duas de mim em altura.

— Eu vi, Rafaela — falei saindo da página em seu aparelho e ela me encarou, confusa. — Podemos mudar de assunto? — sussurrei essa parte em uma súplica, movendo meus dedos em torno da minha têmpora, sentindo uma dor de cabeça se aproximar.

— Por que está tão irritada?

— Não é nada — falei movendo minha mão para pegar o pão e a manteiga. — O que vamos fazer hoje? — Mudei de assunto, encarando Rafaela.

— Vamos a uma programação de melhores amigas assim que você me contar o que está havendo. — Encarei minha amiga. Rafaela vinha preenchendo seu rosto com maquiagem constantemente para não deixar à mostra o machucado em seu olho. Só de pensar nisso meu coração se apertava. — Você me conta tudo, Helena, mas desde Guto, vem me escondendo coisas. Como posso confiar em você assim?

Suspirei, ela usando o caso do Guto para me arrancar informações.

— Amiga tóxica você, com essa chantagem — brinquei sorrindo, mas ela arqueou a sobrancelha, fazendo meu sorriso sumir rapidamente. — Eu dormi com Enrico. — As palavras

saíram tão rapidamente que parecia que havia tirado um peso dos meus ombros.

Rafaela arregalou os olhos.

— Caralho. Você, virgem e intocada do jeito que era! — exclamou me fazendo morder o interior da bochecha. — Dormiu com um canalha como Enrico e pior, você o odiava.

Sorri.

— Ok, eu já percebi que foi um erro enorme. E eu não era intocada, sabia das coisas — brinquei sorrindo de modo enviesado em sua direção. É claro, eu era virgem sim, mas não era tonta. Sabia muito bem sobre sexualidade e como ativar isso em meu corpo. — Mas foi um erro sabe, aconteceu algumas vezes. E eu não posso ficar irritada com isso.

— Vocês não falaram sobre exclusividade, né? — ela indagou, me encarando com pesar. — Em minha humilde opinião, você dá de dez a zero nela.

Sorri.

— Obrigada, amiga, mas não é uma competição. Eu e Enrico tivemos um momento sim, mas já vi que não vai acontecer de novo, pois eu não posso me apaixonar, não sou desapegada como ele. — Ela concordou. — E eu preciso preservar meu coração, ele já foi pisado demais para ser quebrado.

Ela sorriu.

— Eu sei bem disso. — Estendeu a mão, apertando a minha. — Quer morar comigo no apartamento agora? Podemos dividir o aluguel, aí você pega aquele quarto que Guto usava como escritório para montar um espaço para Yumi.

Abri um sorriso enorme com a ideia.

— É perfeito, Rafa! Eu vou adorar. Agora que estou trabalhando, posso fazer isso sem te deixar numa pior. — Ela revirou os olhos.

— Sabe que posso conseguir manter nós duas. Tudo bem que meu trabalho não paga muito,

mas papai tem dinheiro, ele pode bancar o *sugar daddy* comigo. — Balancei a cabeça em negação. Rafaela falava cada coisa.

— Nem fale isso, sabe que recusei quando estava precisando de ajuda com Yumi e não vai ser agora que vou mudar de ideia. — Ela suspirou, mas não tocou mais no assunto.

— Mas me diga. — Colocou os cotovelos sobre a mesa, apoiando o rosto nas mãos e abrindo um sorriso de gato. — Aquele monumento de homem é realmente tudo que o pacote indica?

Sorri com sua pergunta.

— Eu não vou te falar isso, Rafaela. — Era meio que um segredo meu saber como Enrico era, mas minha amiga não parecia satisfeita com a resposta.

— Ah, Lena, não faz assim — choramingou. — Eu não vou roubar seu homem, ele é complicado demais para o meu gosto. Sem falar que ninguém fala abertamente sobre Enrico no modo relacionamento, ele quase nunca é visto com ninguém.

Suspirei pensando em tudo que fizemos e foi irresistível não abrir um sorriso. Realmente, ele era discreto sobre sua vida amorosa, e valia a pena descobrir o que havia por detrás da fachada de CEO *badboy* e tatuado.

— Ele é realmente um monumento — falei brincando. — Sabe bem como fazer o negócio funcionar.

Rafa soltou um gritinho animado.

— Ah, que maravilha. Sua vida amorosa finalmente movimentada, graças a Deus, pois eu preciso de distração. — Nem me ofendi com sua falta de noção, Rafaela sempre falava o que pensava. E era bom distraí-la e alegrar sua vida com meus problemas.

Parecia que nossa sina era dar errado com os homens.

Porém, pode se considerar uma decepção quando você não teve nada sério com a pessoa? Eu nem sabia essa regra dos relacionamentos.



Enrico chegou à casa de Richard por volta da uma da tarde. Ele usava óculos escuros e roupas casuais, e parecia passar por uma ressaca infernal. O deixei entrar, segurando o casaco mais firme contra meu corpo, como se precisasse de algo para ser minha base.

— Bom dia — sussurrou retirando os óculos.

— Boa tarde, Enrico. — Dei um passo para trás, caminhando em direção à sala. Rafaela estava no banho então teria que me manter mais distante possível dele. Não queria falar sobre a notícia da modelo nem cobrar nada, então achei melhor agir de modo mais amigável possível.

Não era um término.

Não tinha nada para ser terminado.

— Oi, amor — ele falou assim que viu Yumi no cercadinho, se aproximando quando a filha abriu um sorriso enorme. — Vem cá, saudade de você.

Claro, enfiou sua saudade onde? Na boca de outra.

Sentei-me no sofá, pegando o *IPad* da Rafaela com *The vampires diaries* rodando na tela e foquei apenas nisso, ouvindo-o conversar com Yumi, a fazendo ficar atenta em cada palavra que saía da sua boca.

— Preciso falar com você — falei fechando o aparelho e ele me encarou.

— Sim?

— Eu vou morar com Rafa no apartamento — decidi. — Vamos dividir o aluguel e agora tem um quarto vago, vou poder montar um local para Yumi e assim resolvemos isso.

Enrico parecia surpreso, mas não pensou duas vezes em balançar a cabeça em concordância.

— Se é isso que você quer... — Assenti.

— Sim, é isso. — Encarei os olhos castanhos com pesar. Talvez isso também fosse um sinal,

ele estava me afastando talvez porque agora existia alguém e eu não poderia mais ficar na sua casa. Eu não sei por que, mas desta vez desejei que Enrico brigasse como todas as outras vezes. — Obrigada pelo tempo em seu apartamento, acho que foi minha salvação em vários sentidos, mas nós dois sabemos que não está mais dando certo.

Ele engoliu em seco.

— Sim, acho que tem razão. — Aquilo me deixou um pouco machucada por dentro. Enrico não mencionou o episódio da modelo, e pareceu passar batido entre nós. E assim ele levou Yumi para ficar com ele até de noite, sério, frio e distante.

Senti meu corpo afundar no sofá, e meus olhos arderem em lágrimas silenciosas e me escondi ali, pensando em como acabar com o sentimento de estar sozinha.



Acordei na manhã seguinte com Richard chamando Rafaela, porém minha amiga estava quase em cima de mim, adormecida e segurando um urso contra o corpo. Me movi para o lado, tentando me desvencilhar e acabei caindo no chão, fazendo Richard soltar uma risada baixinha.

— Helena, do céu, você está bem? — Veio ao meu socorro, me ajudando a levantar.

— Sim, precisa de algo? — indaguei me sentando na beirada da cama, bocejando. Yumi estava com Enrico, ele havia mandado uma mensagem dizendo que ele iria passar a noite com ela na mãe dele.

Estava vestida uma calça folgada do meu pijama e blusa no mesmo estilo, parecendo uma adolescente despreocupada e com meus cabelos para todos os lados.

— Preciso falar com Rafaela, mas ela está adormecida. — Bateu levemente no rosto da filha. — Será que ela está bem? Não acorda, já chamei horrores.

Segurei a risada e chequei a respiração da minha amiga.

— Sim, ela só parece que entrou em coma. — brinquei. — Eu vou me arrumar, pois preciso

pegar Yumi na casa do pai dela.

Ele assentiu e eu saí do quarto, seguindo para o banheiro no corredor e me preparei rapidamente. Segundo Enrico, Nana estava com ele na casa de Alessandra e assim eu poderia entrar no apartamento sem encontrar sua avó e causar grandes problemas.

Hoje pretendia arrumar tudo no apartamento da Rafa para começar a semana com pé direito.



Entrei no apartamento com Yumi adormecida em meus braços e Enrico mais atrás, segurando sua bolsa. Subimos as escadas em silêncio e acabei percebendo que vínhamos andando em um clima de absoluto silêncio, como se qualquer coisa fosse fazer uma segunda guerra mundial explodir.

Coloquei a bebê no berço, buscando minha mala desfeita e coloquei sobre a cama.

— Podemos levar as coisas dela.

— Não precisa. — Sorri em sua direção. — Ela vai ficar com você às vezes, né? Podemos arrumar um esquema melhor.

— Sim, claro. Posso pegar ela aos fins de semana. — Se sentou na beirada da cama, me observando a arrumar tudo. — E você fica com a semana.

— Não, podemos intercalar. Uma semana o fim de semana é seu e na outra você pega alguns dias na semana, assim conseguimos uma rotina boa para ambos. — Ele assentiu e ficamos calados por mais alguns minutos. — Sua mãe disse que ia arrumar uma babá, ela conseguiu algo? Vou precisar já que vou estar sozinha no apartamento.

— Ela vai cuidar de Yu — revelou me fazendo encará-lo, surpresa. — Mamãe gosta de cuidar dela, e sejamos sinceros, ela se dá bem nisso.

— Mas vai ocupar o tempo dela, Enrico.

Ele suspirou.

— Ela perdeu o marido há dois anos, Helena, ela tem entrado em um estado de limbo vivendo apenas vegetando dentro daquela casa. Ter Yumi a fez praticamente voltar a viver. — Encarei seu rosto surpresa, eu não fazia a menor ideia sobre isso.

— Era seu pai? — arrisquei um palpite, eu sabia pouco sobre aquele homem.

— Não. — Enrico engoliu em seco, olhando para o chão. — Mas eu o considerava meu pai sim.

Senti meu coração apertar quando me aproximei e segurei seu rosto, o forçando a me encarar. Meu coração mole não resistia à tristeza contida em seu rosto.

— Eu sinto muito — sussurrei com minha mão contra sua barba, alisando lentamente em um carinho suave. Enrico fechou os olhos e senti quando ele moveu o rosto, beijando a palma da minha mão.

— Por que você está distante de mim, loira? — A pergunta me pegou desprevenida, me fazendo afastar, mas sua mão segurou a minha firmemente. — Eu não posso te obrigar a ficar na minha casa, mas você se afastou. E eu não sei por quê.

Porque você escolheu outra.

Porque você não liga se meu coração se partir.

Capítulo



ENRICO BERNARDI

Eu senti que ela me afastava. Sua recepção não foi a mesma desde que apareci na casa do pai da Rafaela no dia anterior e queria entender. Sei que meus atos na sexta-feira à noite não foram perfeitos, mas acredito que se Helena viu a notícia, ela me falaria algo.

— Você e eu não somos o que podemos chamar de promissor — ela sussurrou e eu encarei seu rosto bonito, confuso. — Eu tenho um coração que você pode quebrar, Enrico.

— Eu não quero fazer isso — sussurrei confuso.

— Sim, mas eu não vou ser a pessoa que você vem quando não tem ninguém esperando. Eu não falei nada, pois não queria assumir um tom de cobrança, nem de vítima. — Me encarou firme, mas não tive tempo para responder, sentindo meu celular vibrar no bolso. E fico confuso quando vi o nome de Brenda na tela.

Encarei Helena e vi seu olhar recair na tela do aparelho, e se afastar, voltando a arrumar suas coisas. Suspirei e atendi, pensando que não tinha momento pior para entrar em uma conversa com Brenda.

— Oi, o que houve?

— Acabei de chegar à cidade, vou passar na sua casa — minha amiga falou, me deixando levemente confuso.

— Mas falamos sobre... — comecei a lembrar de que disse a ela que tinha alguém, que não poderíamos continuar juntos.

— Só quero te ver, Enrico, poxa vida, somos amigos. — Olhei em direção a Helena, a vendo terminar de fechar a mala. — Tô entrando no seu prédio e aí de você de não querer me ver — brinquei em tom de ameaça.

Não falei nada e deixei que a situação se tornasse ainda pior.

— Vamos? — indagou a loira.

— Não, precisamos conversar — decidi. — Acredito que tenha visto a notícia sobre a modelo.

— Sim. — Ela me encarou firme, e às vezes ficava assustado com a forma que Helena quase não demonstrava fraqueza. Quando fazia isso era porque chegou a um limite.

— E por que não me falou?

— Adianta de alguma coisa? Eu não sou nada sua no sentido formal da palavra. — Encolheu os ombros. — E além do mais, foi você quem saiu com os amigos e no fim da noite tinha uma modelo a tira colo, era você quem estava nas páginas de fofoca, não eu. Eu não tinha que falar porra nenhuma, Enrico.

A encarei, vendo a forma que as palavras saíram irritadas dos seus lábios.

— Você está bem com isso, Helena? — Cruzei os braços e ela me encarou novamente.

— Sim, pois foi o suficiente para ver que não vamos a lugar nenhum. Que você ainda vai sair para beber e aparecer com uma mulher diferente a cada rodada — falou agitada. — Se eu ficar vou continuar sendo a mãe da sua filha que você fode quando tem vontade.

— Não se coloque neste lugar.

— Não estou. Por isso eu disse que não vai dar certo, pois eu nunca seria capaz de ter este papel. — Pegou Yumi no berço novamente. — Podemos ir? — No instante que falou isso escutei o interfone tocando. Bufei indignado, mas saí do quarto, levando a mala de Helena comigo e descendo as escadas rapidamente.

Alcancei a porta e a abri, vendo Brenda do outro lado, com um sorriso gigante nos lábios. Ela pulou sobre mim em um abraço apertado, tipicamente da minha amiga.

— Ei, como você está? — Alisei seus cabelos escuros com carinho. Conhecia Brenda desde meus dezessete anos, quando entramos juntos na universidade e desde então nos tornamos bons amigos.

— Bem. — Ela sorriu se afastando. Os cabelos escuros anteriormente eram longos, mas hoje tinha um corte *chanel* bonito de se observar, o sorriso enorme em seus lábios sumiu lentamente enquanto escutei Helena descer as escadas. — A do fim de semana era diferente. Não sabia que a rotatividade estava tão grande.

Virei-me, me afastando de Brenda e encarei Helena, ela tinha uma expressão de poucos amigos no rosto delicado e quase me fez rir. E talvez eu tenha entendido tudo.

Helena era tão boa em mascarar seus sentimentos que até quando estava com ciúmes fazia a situação parecer banal, quase idiota. Mas agora não. Talvez eu finalmente tivesse aprendido a lê-la.

— Brenda, está é Helena, e Yumi, minha filha — apresentei-as. — Helena, está é Brenda, uma amiga íntima da família.

A loira observou a outra de modo demorado e me fez prender a respiração, soltando rapidamente quando ela estendeu a mão, sorrindo para a Brenda.

— Bom dia. É um prazer conhecê-la.

Brenda sorriu.

— Bom dia. Eu não sabia que você tinha uma filha. — Ela se virou para mim.

— Foi inesperado, faz quase um mês — falei segurando a mão que Yumi estendeu em minha direção. — Pode ficar aqui, Brenda, eu vou deixar Helena e Yu em casa e volto em um instante para a gente conversar.

Vi a loira erguer a sobrancelha em minha direção, mas não falei nada.

— Ok — minha amiga respondeu observando a outra. — Foi um prazer te conhecer, Helena.

Helena sorriu, mas não respondeu o mesmo, saindo pela porta.

— Cuidado, acho que ela vai matar você. — Brenda me abriu um sorriso enquanto fazia gesto de faca e sorri. Não duvidava nada. Puxei a mala e segui pela porta, fechando-a em minhas costas. Acompanhei a mãe da minha filha e entrei no elevador, batendo no painel para descer em direção ao térreo.

— Quer falar sobre isso? — indaguei tenso, observando seu rosto pelo reflexo do elevador.

— Não — foi tudo que Helena disse e aceitei isso, vendo a caixa metálica descer rapidamente. Assim que Yumi foi colocada na cadeirinha, fechei a porta do carro, mantendo o corpo da loira entre mim e o veículo. — O que está fazendo? — sussurrou e deslizei a mão por sua cintura.

— Brenda e eu mantínhamos um relacionamento aberto antes — murmurei contra seu ouvido e a vi ficar tensa. — Mas eu terminei há alguns dias. Antes de a gente começar.

— E agora ela veio reivindicar o lugar dela na sua vida?

— Não. Não sei. Se foi, não vai acontecer. — Ela fez menção de se afastar, mas a mantive mais próxima, segurando a cintura fina com firmeza. — Eu não fiquei com a modelo. William e Bruno podem comprovar isso. Eu não a queria.

— Mas, ainda assim, foi o suficiente para render uma foto.

— Sim, mas eu estava sendo idiota, Helena. — Ela se vira, me encarando. — Eu não queria que você ficasse nos meus pensamentos. Sou estúpido quando trata de sentimentos.

Ela suspirou.

— E eu tenho medo de você me machucar. — Me encarou com os olhos azuis cheio de lágrimas. — Já aguentei muito, Enrico, sofrer por amor não é o tipo de coisa que está nas minhas prioridades.

— Mas eu não quero que isso aconteça. — Segurei seu rosto.

— Mas vai. Pois eu vou amar você e me magoar quando você tiver medo do que sente e escolher alguma modelo desconhecida que você acha que não tem poder sobre você. — A encarei. — E eu sinto muito, mas eu preciso cuidar de mim, pois ninguém vai fazer isso.

Senti seu beijo na palma da minha mão e como uma despedida, a vi se afastar, entrando no carro. O coração que eu nem sabia que tinha até pouco tempo começou a doer, e eu só queria que Helena dissesse que podíamos fazer isso.

Entrei no carro e a encarei pelo retrovisor, a vendo arrumando Yumi e ignorando meus olhares em sua direção.

— É isso que você quer? — Talvez fosse melhor, pensei enquanto ligava o carro. Helena levantou o olhar e balançou a cabeça em confirmação, engolindo em seco.

— Não tem como ser outra coisa. — Aquele era o fim mais doloroso. Eu nunca finalizei um relacionamento, e aquilo não era um relacionamento, mesmo assim, doeu.

Cheguei ao apartamento da Rafaela e ajudei Helena subir com as coisas, parando na entrada para encarar a loira. Ela segurava minha filha nos braços e me aproximei, beijando o rostinho delicado de Yumi.

— Te amo, Yu — sussurrei para ela, que ganhei um sorriso banguelo. — A gente se fala amanhã, princesa. — Beijeí sua testa e encarei Helena. — Me liga se precisar. E eu falo sério.

Ela sorriu.

— Tudo bem. Vamos ficar bem. — Me aproximei, relutando contra minha autoproteção, e beijeí a testa de Helena, respirando fundo e sentindo o perfume floral em meu nariz. Suspirei me

sentindo estúpido por deixá-la ir. — Obrigada. Por tudo.

— Não é o fim para tudo — a lembrei.

— Eu sei. — Me encarou. — Mas eu sou grata pelo que fez por nós. Nestes dias você não tinha uma obrigação oficial comigo e Yumi e, mesmo assim, cuidou de nós. Eu não poderia ser egoísta e não agradecer.

Assenti.

— Fiz o certo. Eu sei que sim. — Me afastei e peguei a chave do carro, me afastando. A distância entre nós agora era oficial, sabia que sem Guto no apartamento Helena e minha filha estariam bem, e felizes. E eu não gostava da sensação de não as ter por perto.

De uma forma estranha, eu tive uma família. Por poucos dias. Mas, ainda assim, foi mais maravilhoso do que um dia imaginei. E por mais que Helena dissesse que não éramos promissores, eu a queria. De modo meio insano, mas desejava demais essa mulher. E sabia que podia fazer isso, sabia que podia amá-la da forma que precisava.



Entrei no apartamento e fiquei surpreso ao ver Nana e Brenda conversando animadamente. Era claro que isso estava no *script* da minha avó, ela amava a mulher, afinal era uma digna dama da sociedade e só de falar essa frase meu olho se revirava rapidamente.

— Olha só o papai do ano. — Brenda olhou em minha direção, sorrindo debochada. Nana me encara, pensativa. — Quando vi falando que era pai da fofinha quase não acreditei, Nana. Pensei que ele seria pai dos meus filhos.

Forcei um sorriso e me sentei no outro sofá, ficando de frente para elas.

— Também pensei, Brenda. Quanto tempo ficaram mesmo? — Nana indagou e encarou Brenda, mas sei que sabe bem o tempo.

— Desde meus vinte anos. Já vai pra mais de sete anos — Brenda respondeu e suspirei.

— Já falamos sobre isso, Brenda. — Ela suspirou e levantou a mão no ar, mostrando a aliança. — Que porra é essa? — A pergunta saiu antes que eu conseguisse conter.

Brenda riu.

— Estou noiva. E eu não vim aqui para implorar que você me ame, Enrico. — Me encarou com superioridade. — Aliás, acho engraçado como você está na coleira da loira. Ela faz seu estilo.

A observei, tentando entender se estava sendo debochada ou não.

— Então você ficou noiva e não me avisou nada? — Brenda suspirou.

— Eu esperei por anos para você abrir os olhos e me ver, Enrico. — Me encarou com certa mágoa no olhar. — Confesso que realmente esperava que a gente um dia fosse se casar, mas ele chegou e fez morada. — Encolheu os ombros, me fazendo abrir um sorriso.

Brenda era forte. Eu sabia disso. Dona de uma beleza estonteante e uma personalidade ainda mais incrível, havia sido uma boa amiga, mas eu não nutri sentimentos por ela. Não como era com Helena.

— Eu fico feliz por você — falei e ouvi vovó bufando indignada. — A Nana não fica.

Brenda riu.

— Ela esperava que você me notasse — comentou encarando dona Nana.

— Ela não gosta de Helena — corrigi.

— Ela é uma aproveitadora, Brenda! — vovó exclamou me fazendo revirar os olhos. Brenda olhou assustada em minha direção, afinal nunca viu vovó falando algo do tipo.

— Não vamos entrar nisso, Nana, por favor, eu já disse que não aceito esse assunto. — A encarei com firmeza. Nana resolveu ficar. E Helena foi embora. — Finalmente as coisas estão do jeito que você queria e espero que esteja feliz, pois eu não estou — falei sério. — Helena foi embora. Nossa única ligação é Yumi e finalmente você conseguiu o que queria.

Levantei-me, saindo da sala, as abandonando. Eu sabia que a culpa de Helena ir embora não foi só de Nana, tinha grande parte culpa minha, mas ela não sabia disso.

E Nana merecia sentir um pouco de culpa por isso.

Já estava subindo em direção ao meu quarto quando passei pelo de Helena, parei na porta e encarei o local. Era grande o suficiente para as coisas de Yu, mas pequeno para dividir com um adulto, então decidi que a partir de hoje era o espaço da minha filha.

E quando a mãe dela decidisse que nós dois éramos promissores, o lugar dela não ia ser aqui. Nem a pau que ela sairia do quarto principal.

Capítulo

18



HELENA PARK

A notícia de que Enrico foi visto com uma criança veio poucos dias depois da mudança. Ele apareceu em várias fotos com dona Alessandra e Yumi na pracinha, e em seguida a mídia começou a questionar sua ligação com a criança e fazer especulações. Ele falou para ficar tranquila, pois isso logo seria deixado de lado, mas eu não conseguia não ficar nervosa com isso.

Na empresa o burburinho já corria sobre a filha do CEO, pois a mídia começou a ligar ele a Yumi desta forma sem nenhuma confirmação. E eu estava só esperando o momento em que iam descobrir que eu tinha ligação com Enrico.

— Filho da puta! — Escutei a exclamação da Rafaela em frente ao computador e virei a cabeça, observando minha amiga xingar. — Eu não acredito que você recusou isso, eu vou matar você.

Ela falava com o aparelho e atraiu a atenção de Yumi, que encarou a tia com curiosidade.

— Tem uma criança em casa — lembrei, mordendo o lábio para não sorrir.

— Ai, desculpa. — Ela me encarou chorosa. — O filho da mãe do meu chefe recusou a proposta de marketing. Está perfeita. Ele disse que o cliente não aprovou, que é apelação. Ah, vá se

lascar.

Arqueei a sobancelha e estendi a caneca com café mais para perto dela. Rafaela aceitou, bebendo um gole. Ela trabalhava em uma empresa de publicidade que estava em contato com várias companhias, era uma das maiores de São Paulo e inclusive prestava serviço para a Bernardi.

— Se acalme, não vai poder matar seu chefe — brinquei, dando mamadeira para Yumi, que balançava as perninhas de modo agitado. Rafaela estava trabalhando em casa nos últimos dois dias, pois ficou meio adoentada e acabou pegando atestado.

— Como anda as coisas com Enrico? — Ela me encarou, bebendo um gole da bebida.

— Bem. A gente não fala sobre o que aconteceu — falei alisando os pés de Yu. — E ele vem vindo ver Yu, não a mim. Então sei o limite.

Ela suspirou.

— E a tal Brenda?

— Não faço a menor ideia dela. A mulher era linda, Rafaela, já falei isso? — Ela riu.

— Não, você ficou irritada que não quis falar sobre. — Concordei. — Mas e aí, muito bonita mesmo?

— Do tipo que parece ideal para Enrico. Toda fina, divertida e *argh*, eu acho que a odeio. — Rafa riu.

— Não odeia, só está com ciúmes.

— Eu lá tenho direito de sentir ciúmes — bufei. — Enrico é livre e desimpedido, não posso fazer nada.

— Vai deixar Yumi na casa da avó dela? — Assenti me levantando. Ainda era meio-dia, Yumi ficou com Rafaela na parte da manhã e iria para a casa de Alessandra agora, enquanto eu ficava no trabalho. — Ela está enorme, Helena, vamos fazer aniversário de um ano, né?

Encarou minha sobrinha e não evitei em sorrir. Realmente Yumi estava crescendo muito rápido.

— Claro que vamos né, Yu — falei alisando sua bochecha e sentindo meu coração expandir com o amor que sentia por aquele serzinho. Yumi agora tinha uma família. Um pai que a amava e uma avó que faria tudo por ela. E no fundo, eu acreditava que a bisavó faria qualquer coisa pela menina.

Só que eu a amava muito. E nunca soltaria sua mãozinha.



— Ei — dona Alessandra falou sorrindo quando abriu a porta e foi automático, Yumi estendeu os braços pedindo colo da avó. — Oh, meu amor, vem. — Ela a pegou beijando a bochecha. — Entra, Helena, estamos comendo.

— Não, preciso ir para o trabalho — neguei apontando em direção ao carro da Rafaela estacionado em frente da casa.

— Ah, chama ela. Vocês ainda têm alguns minutinhos que eu sei — falou me fazendo suspirar e me virar em direção à minha amiga, chamando-a com a mão. Rafaela desligou o carro e saiu de lá. — Você deve ser Rafaela — a mãe de Enrico disse sorrindo e abraçou Rafaela rapidamente, a fazendo arregalar os olhos com a súbita demonstração de afeto.

— Você deve ser a avó de Yumi.

Alessandra abriu um sorriso enorme entrando em casa e nos chamando.

— Sim, avó da princesinha mais linda do mundo — falou encarando a neta, que sorriu, escondendo o rosto atrás das mãozinhas, gesto que ela aprendeu nos últimos dias. Toda vez ela se escondia. — Ela aprendeu a se esconder.

— Eu vi isso — comentei tirando meus tênis e enlacei meu braço ao da Rafa, a puxando para dentro e seguindo Alessandra. Assim que entramos na cozinha vimos Enrico e Nana sentados a mesa, terminando de almoçar. — Boa tarde — saudei, vendo Nana levantar o rosto, me encarando de modo

firme.

— Boa tarde, Helena. Yumi — falou ela e sorriu para a neta, se levantando e a beijando na bochecha.

— Sente-se, meninas — Alessandra falou e vi Enrico falar algo com a avó e Yumi, brincando com elas. Sentei-me ao lado de Enrico, com Rafaela ao meu lado e senti meu coração vacilar quando ele parou de falar com Yu e olhou em minha direção, abrindo um sorriso.

— Como você está? — perguntou, com o braço roçando no meu e sem desviar o olhar. Parecia uma bolha, sempre que ele olhava para mim eu não conseguia desviar o olhar.

— Bem — sussurrei sentindo meu coração vacilar.

— Tem o evento da empresa no fim da semana — Alessandra disse atraindo nossa atenção. — Enrico está sem companhia, por que não leva a Helena? — Vi Nana sentar à mesa, com Yumi nos braços e olhar irritada para a filha.

— Helena deve querer aproveitar a festa sozinha — Enrico explicou desviando da ideia.

— Nem é isso, é que eu combinei com a Rafa que ela iria comigo. — Apontei em direção a minha amiga. Havia recebido o convite há uma semana sobre a festa de aniversário da Bernardi.

— Ah, não se preocupe comigo, pode acompanhar Enrico sem problemas — minha amiga se pronunciou, me fazendo olhá-la de modo irritado. A descarada apenas encolheu os ombros.

— Ah, ótimo! É bem melhor do que qualquer uma das modelos que você vá escolher, Enrico — Alessandra falou convencendo o filho. — Helena é a mãe da sua filha, vai ser bem mais confortável.

Ele suspirou e me encarou.

— Tudo bem para você? — indagou.

Sorri. E como não tinha outra opção, respondi:

— Tudo bem.

— Eu te pego no apartamento — ele falou.

— Ela pode ir se arrumar na sua casa depois do trabalho, já economiza tempo — Alessandra sugeriu novamente e vi que Nana estava prestes a matá-la. — Eu e Nana vamos ficar com Yumi.

— Ok. — Foi tudo que ouvi Enrico falar e não tinha nada pior do que aquela situação. Sozinha com Enrico naquele apartamento era uma coisa que eu não estava planejando. Estava nervosa só de pensar no assunto. Não podia confiar no meu autocontrole perto daquele homem.



— Eu vou matar você, Rafaela — falei ao telefone enquanto estava sentada na cadeira do escritório. William havia saído para falar com Enrico sobre um contrato que estávamos fechando e aproveitei para ligar para a traíra da minha melhor amiga.

— Mas o que eu fiz? Sou praticamente um anjo. — Sorri com seu deboche.

— Podia ter falado, *sim, eu me importo, ela não pode ir com ele* — respondi enquanto arrumava minha mesa. — Mas me jogou no colo do diabo. O que eu vou fazer, hein?

Ela riu.

— Ele não é tão ruim, Lena.

— Rafaela! — exclamei.

— Calma, ok? Você só está com ciúmes, e irritada. Não precisa ficar dessa maneira. — Suspirei. Minha mesa ficava do lado de dentro do escritório de William então a sala estava vazia e eu tinha certa liberdade para falar. — Mas se você ver a forma que ele olha para você e Yumi, é admiração pura.

— Você ficou louca.

— Você está em negação. Aquele homem faria qualquer coisa por você — fez uma pausa —,

e olha que eu odiava ele mais do que você.

— Acho que ninguém odiava Enrico mais do que eu.

Ela riu.

— Vai, não vai ser ruim. Vamos escolher um vestido hoje para amanhã você deixar ele babando. — Alguém bateu à porta e eu finalizei a chamada, pedindo para entrar.

— Ah, Helena, queria falar com você. — Nathan entrou no escritório, encostando a porta. Sorri e me coloquei de pé. — Aqui estão os documentos que o setor de marketing pediu para William aprovar. — Colocou a pasta sobre a mesa e eu agradei. — E eu queria te perguntar uma coisa.

— Sim? — indaguei passando as páginas do documento.

— Se já tem companhia para o evento da empresa? Geralmente convidamos alguém daqui mesmo, e eu queria saber se não gostaria de ir comigo. — O olhei assustada. Nathan e eu conversamos algumas vezes, ele era legal, mas eu não estava interessada em estar em sua presença de modo além do profissional.

— Hum... — comecei vendo a melhor forma de começar aquilo. — Eu já tenho companhia.

Ele arqueou a sobrancelha e vi que ia falar algo mais, mas a porta se abriu e Enrico passou por ela, olhando em nossa direção de modo quase mortal e senti meus ombros se retraírem com isso.

— Preciso falar com William e Helena, pode sair... Nathan? — Fez uma pausa, fingindo lembrar o nome do seu próprio empregado e vi Nathan assentir, saindo da sala. Encarei William assustada, e o vi encolhendo os ombros como quem não fazia a menor ideia. — Os italianos vêm para o evento da empresa — ele falou se virando para nós. — E infelizmente vamos precisar encenar como noivos novamente, Helena.

E a situação só ficava ainda pior.

— Mas... mas... — comecei a ficar confusa, querendo fugir disso.

— Não se preocupa, ok? — Ele se aproximou, parando em minha frente e senti suas mãos em

minhas costas. Suspirei com o contato, igual boba, observando seu rosto bonito. — É fácil, fizemos isso da outra vez.

— Ok. — Senti seu rosto próximo o suficiente para colar meus lábios nos seus, até que ele desviou próximo a um ouvido. — O que você tá fazendo? — indaguei assustada.

— Não flerte com meus funcionários. — O aviso me deixou tensa e pensei em simplesmente bater em Enrico, mas o olhei irritada, vendo o homem se distanciar e fechar a porta.

William segurava a risada, observando-me.

— Quem ele pensa que é? — questionei cruzando os braços, saindo do meu estado de estupor.

— Acho que nosso chefe — Will falou sentando na cadeira dele.

— Não. Ele está agindo como se fosse algo meu, mas aqui dentro não tem nada a ver com minha vida amorosa. — O meu chefe me olhou de modo debochado.

— Tem certeza de que ele não tem nada a ver? — indagou, rindo.

— William! — exclamei exasperada.

— Ele está com ciúmes, Helena. Enrico é assim, você e ele vivem em um jogo de gato e rato e não admitem que se gostam. — Me sentei, não olhando diretamente para ele.

Eu não gostava de Enrico.

Não.

Claro que não.

Só sentia meu corpo incendiar quando ele se aproximava.

Meu coração acelerar quando ele sorria daquele modo indecente.

E desejava estar ao seu lado em momentos aleatórios do meu dia.

Mas isso não era nada.

— Seu silêncio me conta uma história. — O deboche de Will só me irritou e caminhei até ele, colocando a pasta que Nathan havia me entregando em sua frente.

— Quando você achar a mulher que te deixa doido, eu vou rir de você, William. — Abri meu melhor sorriso vendo-o se encostar na cadeira, me observando de modo tranquilo.

— Isso nunca vai acontecer — frisou bem, me fazendo abrir um sorriso perverso.

— Ah, vai sim. Pois ninguém é imune. Eu ainda vou ver você beijando o chão de alguém e ela te desprezando. — Coloquei a mão em seu ombro. — E eu vou rir, querido amigo.

Me sentei à minha mesa novamente, encarando William uma última vez antes de focar no meu trabalho. Sinceramente, todos ficaram surpresos quando eu permaneci no trabalho por mais de cinco dias. A fama de Will com as secretárias eram horríveis, mas a gente se deu muito bem.

E ele me ensinava muitas coisas sobre o mundo dos negócios.

Eu sabia que ele estava sendo meu mentor, de modo silencioso, mas ele me designava tarefas que não eram de uma simples secretária e eu só fazia tudo. Aceitando cada ensinamento que ele me passava.

Um dia me tornaria tão boa quanto William. E isso era meu objetivo no momento, aprender tudo que podia para conseguir me tornar melhor.

Capítulo 19



ENRICO BERNARDI

O anel estava no bolso do meu paletó, e enquanto aguardava Helena se aprontar em seu antigo quarto, sentia uma ansiedade crescente em meu peito. Acabei pedindo a joia de volta para mamãe, aceitando que agora sim tinha um motivo para tê-la e para quem entregar. Pertencia a Helena. Aquele anel tinha que estar em seu dedo e eu nunca tive tanta certeza disso.

A porta se abriu e vi seus cabelos loiros soltos ao redor dos ombros numa cascata bonita. Estava em ondas e desciam por suas costas, atraindo minha atenção. O rosto delicado estava bem maquiado e vi quando ela sorriu de leve, saindo do quarto e revelando o vestido.

Escolha de Helena e Rafaela, o modelo era longo, vermelho, com uma fenda na perna direita que mostrava demais para o meu gosto, mas a deixava simplesmente divina. Helena era pequena, então o salto teve sua colaboração.

— Pode fechar para mim? — ela indagou, tímida e assenti, vendo-a virar de costas, segurando a peça com uma das mãos e os cabelos com a outra. Segurei a peça, deslizando o zíper lentamente, sentindo minha cabeça pender para o lado, sentindo o cheiro suave do perfume de Helena. O desejo cresceu dentro de mim, a saudade do seu corpo pequeno contra o meu. Deslizei meu indicador suavemente por suas costas, terminado de fechar e a ouvindo suspirar. — Já?

Dei um passo atrás, colocando uma distância segura entre nós.

— Sim. — Ela se virou e novamente foi como se o ar fosse arrancado de dentro de mim.

Helena estava perfeita.

— Como fiquei? — indagou sorrindo, balançando a perna levemente em sua frente, fazendo o vestido se mover.

— Perfeita, sabe disso — falei vendo-a sorrir ainda mais. — Tenho algo para você.

— O quê? — Me encarou curiosa enquanto tirava algo de dentro do bolso do terno, abrindo a caixinha em sua frente, revelando o anel. — O anel da sua família... — sussurrou.

— Sim, é seu — corrigi.

— Mas, Enrico...

— Não. — Segurei sua mão de modo delicado, tirando o anel da caixa e deslizei por seu dedo. — É seu. O lugar dele é no seu dedo. — Seus olhos estavam focados no anel em seu dedo e a vi suspirar, fugando levemente em seguida.

— É tão bonito. — O sussurro me faz rir.

— Sim.

— Por quê? — indagou, curiosa. Sorri de canto e alisei a sua bochecha.

— Porque eu percebi que não tem mais ninguém a quem esse anel deva pertencer, Helena. O lugar dele é aí. Com você. — Ela abaixou os olhos. — E mesmo que não fiquemos juntos, quero que fique com ele. Que se lembre de mim. — Ela sorriu.

— Eu tenho Yumi. Sempre vou me lembrar de você. — Tornou a me encarar.

— Sim, mas não é a mesma coisa. Quero que se lembre de mim como homem, não apenas como o pai da sua filha. — Ela me encarou e vi os olhos cheios de lágrimas.

— Vamos embora antes que você me faça chorar — falou e eu balancei a cabeça em

confirmação, enlaçando meu braço ao seu e a guiando para fora do apartamento. — Como funciona a festa da empresa?

— É basicamente festa, discurso e apresentação da nova coleção — expliquei. — Todo ano a coleção de bebidas anual é apresentada na festa da Bernardi.

— Nem sabia que lançavam bebidas anualmente — ela comentou e desço o último degrau, estendendo a mão em sua direção. Helena colocou a palma sobre a minha, sorrindo e negou com a cabeça. — Uma noite de conto de fadas.

E eu sabia que não havia como ficar tranquilo esta noite. Ela estava simplesmente maravilhosa, e sabia que ia atrair olhares por onde a gente passasse.

— Sim. Vamos tentar — concordei e saímos do apartamento.

— Sua mãe não vai à festa? — indagou confusa.

— Não, mamãe parou de ir, ela não vai aos eventos sociais desde a morte do meu padrasto — expliquei e a vi engolindo em seco.

— Ela deveria o amar muito. — Me observou. Sorri e balancei a cabeça em confirmação, pois dona Alessandra e Mario se amavam de modo irracional, eram almas gêmeas.

— Sabe quando você vê um casal que parece que foi feito um para o outro? — Ela balançou a cabeça em confirmação. — Era assim com eles. Ele dava a vida por mamãe e ela por ele. Depois de sofrer com meu pai, ela finalmente teve um amor de verdade.

— A dor que ela sentiu... — Helena fez uma pausa, encarando o nada. — Deve ter sido devastadora.

E sim, havia sido. Acredito que eu doesse todos os dias, pois não tinha como perder um grande amor e seguir sem sentir nada.



O salão estava lotado quando adentramos o local e vi os olhares dos meus funcionários e convidados se virar para mim rapidamente, observando a pessoa que estava com o braço junto ao meu. Senti a ansiedade correndo em minhas veias, me deixando tenso enquanto caminhava entre eles, com minha mão na base da coluna de Helena, vendo-a sorrir para alguns colegas de trabalho, como se fosse algo corriqueiro estar ao meu lado. A mídia estava no local, havia sido selecionado a dedo para cobertura da festa, e conseqüentemente adoravam a novidade que era a companhia de Helena.

Eu geralmente aparecia sozinho. Ou com alguma modelo aleatória que no instante seguinte eu não me lembraria do nome.

— Todos estão olhando — ela sussurrou e alcancei a mesa reservada para a família. Puxei a cadeira e vi Helena se sentar me encarando de modo assustado. — Não vai me deixar aqui, né?

Sorri e me abaixei beijando sua bochecha encenando o noivo perfeito.

— Não. Vou pegar uma bebida para você — falei e ela segurou minha mão.

— Água. Eu não posso beber, vai que eu perca a compostura. — Sorri e neguei com a cabeça, vendo William se aproximando da mesa. — Fique com ela, William.

— Claro. — Meu amigo sentou-se à mesa, encarando Helena. — Está perfeita, Helena.

— É só para ficar quieto, você nem precisa falar — falei antes de sair, vendo o sorriso de orelha a orelha no rosto do disgramado. Alcancei o bar montado no local, observando a estrutura majestosa, com luzes a logo cor de ouro da Bernardi e tudo estava perfeito. Na mesma glória de todos os anos.

Peguei a taça de champanhe que o garçom colocou em minha frente e caminhei de volta para a mesa, sentindo meu corpo tencionar quando vi os italianos conversando com Helena e William, me fazendo caminhar mais rapidamente em direção a eles.

— Boa noite — saudei, colocando a taça na frente de Helena. — Sua bebida, querida.

Ela olhou em minha direção, abrindo um sorriso.

— Obrigada, amor. — Bebeu um gole, encarando nossos clientes. — O senhor e senhora Fontana estavam perguntando por você. — Me aproximei deles, saudando-os rapidamente.

— Que bom que vieram, senhor Giulio, senhora Antonella. — Ambos sorriram. Eles eram mais velhos, porém a mulher de Giulio Fontana não revelava sua verdadeira idade.

— Ficamos felizes em fazer parte da festa da Bernardi — falou o homem. — E de conhecer sua *bambina*. — Olhou com carinho para Helena, me fazendo sorrir, forçando o máximo de mim.

— Ficamos felizes em ter vocês aqui — menti. — Helena estava ansiosa para conhecê-los pessoalmente.

— E nós a vocês. — Antonella se sentou à mesa, encarando Helena. — Quando Giulio falou que não acreditava naquele noivado eminente de vocês, eu logo descartei a ideia de ser falso, vocês são lindos juntos. — Quase engasguei, encarnando William de rabo de olho, mas ele apenas encolheu os ombros.

— Sim, pensamos o pior — Giulio falou. — A mídia nem sabia sobre seu noivado.

— Enrico é discreto. — Me sentei ao lado de Helena, sentindo sua mão em meu ombro enquanto falava. — Escolhemos manter em segredo, é bem mais fácil.

— Sim, a mídia parece uns abutres — Antonella comentou. — Mas vocês têm filhos?

Helena sorriu, nervosa, bebendo um gole do champanhe.

— Sim, eu tenho uma filha de oito meses — concordei. — Se chama Yumi, ela está com minha mãe hoje. — Vi ambos tensos com a notícia. — Ela é filha da irmã de Helena, foi um caso do passado, mas eu me apaixonei por minha noiva e resolvemos tentar.

Encarei Helena, usando a verdadeira história, sabendo que quanto mais mentíssemos, mas difícil ficaria no final. Segurei sua mão por baixo da mesa, apertando-a em sinal de conforto.

— Sinto muito esconder isso. — Me virei para eles. — Mas eu prefiro deixar minha vida pessoal muitas vezes em segredo. Como disseram, a mídia é realmente maldosa. Eu amo minha noiva

e minha filha, cuido bem de ambas, e sei que se viesse a público, só veriam a parte complicada.

A respiração de Helena estava irregular e senti sua mão suando contra a minha.

— Um homem honrado assume as consequências — Giulio falou me fazendo sorrir aliviado ao vê-lo levantar a taça levemente em sinal de um brinde. Sorri, aliviado, encarei Helena, beijando sua bochecha e senti sua mão contra meu rosto.

— Deu certo — sussurrei.

— Quase morri. — A resposta dela me fez rir e me afastei, beijando seus lábios.

— Vamos passar uma temporada no Brasil — Antonella falou. — Vocês precisam ir lá em casa qualquer dia. Levem a filha de vocês, vai ser um prazer recebê-los.

Helena apertou meus dedos em sinal de desespero.

— Claro que iremos — respondi vendo-a beber mais champanhe, esvaziando a taça. A situação estava ficando mais tensa do que pensávamos, e sabia que a empresa toda presenciava a situação e que no dia seguinte as fofocas seriam intensas. Mas acredito que a única parte falsa disso tudo era o fato do noivado. Tirando isso, eu realmente queria Helena. E eu tinha uma filha com ela. No fim, havia males que vinha para o bem.



HELENA

Enrico finalizou o discurso de apresentação da coleção anual e desceu do palco, fazendo a música suave voltar a tocar, enquanto os convidados degustavam o que estava sendo exposto. O CEO da Bernardi parou ao meu lado, estendendo a mão em minha direção.

— Dança comigo? — A indagação me fez sorrir e coloquei a mão sobre a sua.

— Claro, amor — brinquei, me levantando e o vi me conduzir até onde alguns casais dançavam. Era um evento formal, com música suave, cardápio chique e um círculo social

completamente desconhecido. Eu estava tensa, mas isso não era por nada disso. E sim por causa da mão de Enrico em minhas costas, puxando-me em sua direção.

— Obrigado — ele sussurrou quando meu rosto se encostou em seu peito. Ele segurava-me com firmeza, como se não fosse me deixar sair, enquanto a música de *John Legend* seguia no som. Era perfeita. O momento era perfeito. — Acho que você encantou Antonella. Ela lhe adorou.

Sorri.

— De nada. A mentira que inventamos foi insana — comentei suspirando, sentindo o cheiro do seu perfume contra meu nariz, o conforto dos seus braços me abraçando.

— Não é de todo mal. É a verdade, temos uma filha. — Não contestei sobre isso. Ele havia simplesmente enfiado na cabeça que Yumi era minha filha e eu não iria contrariar. — E por mais que te doa admitir, vai ser assim que Yumi irá nos ver. Como pais. E ainda deixamos claro que nosso relacionamento tem um toque de proibido, mas que não ligamos para nada disso.

— A verdade seria mais tensa de admitir. Falar isso para um cliente é fácil, difícil é para todas as pessoas que conhecem a gente. — Ele suspirou e senti seu beijo contra meu ombro, me fazendo ficar entorpecida com seu toque. Onde ele tocava, deixava marcas.

Há alguns dias eu sentia que estava apenas me apaixonando.

Hoje eu tinha completamente certeza.

— Não é difícil quando a gente deseja — sussurrou. — Não é difícil lutar pela família, Helena. E vocês são a minha família.

Sorri, apertando-o mais firmemente contra mim e beijei um ponto do seu pescoço, ouvindo-o suspirar. Não mudaria nada. Na manhã seguinte seguiríamos sendo Enrico e Helena, apenas amigos.

— Viajarei na semana que vem — avisou. — Vou ficar duas semanas fora e espero que esteja tudo bem.

Afastei-me levemente para encará-lo.

— É claro que está tudo bem — concordei. — Eu e Yumi sabemos nos cuidar. — Mas eu ficaria com saudades dele, quis acrescentar, mas fiquei quieta, vendo-o engolir em seco e voltando a me encaixar contra seu peito.

— Mas eu vou sentir saudades de vocês — sussurrou beijando meus cabelos e amolecendo meu coração apaixonado. Aquele homem me faria cair. Pois mesmo quando eu me protegia, ele ia lá e quebrava minhas proteções.

Capítulo



HELENA PARK

Abri a porta do banheiro da empresa encontrando Letícia parada contra a bancada, respirando fundo e tão pálida que me deixou preocupada. Me aproximei, perguntando se estava tudo bem com ela. No fim, meu ciúme de Enrico com ela ainda existia, mas eu acabei vendo que a mulher era boa demais para me dar o trabalho de me sentir uma babaca.

— Sim. — Me encarou sorrindo. — Eu quase perdi minha aliança.

Levantou a aliança no ar me fazendo franzir o cenho.

— E você está noiva?

Letícia riu.

— Casada — corrigiu, mas não foi isso que me chamou atenção e sim o rosto pálido. — O que houve?

— Você está pálida — comentei e ela assentiu, se sentando na beirada do vaso sanitário. — Tudo bem mesmo, Letícia?

— Sim. Só os enjoos matinais me matando. — A encarei assustada. Não sabia nem que Letícia era casada, imagine tendo enjoos matinais.

— Eu nem sabia que você era casada, mulher! — exclamei e ela riu.

— Eu sou discreta. Não sou de falar muito da minha vida e você também é assim. — Corei levemente. — Mas sim, vou ter um bebê, não conta para ninguém. — Assenti rapidamente.

— Parabéns. — A abracei sorrindo. — Que venha com saúde. — Ela sorriu e eu me afastei, entrando em uma das cabines do banheiro. Havia se passado quase um mês desde a festa da Bernardi, e cada vez que o via tudo ficava ainda mais ridículo, pois era como se meu corpo só estivesse inclinado a se aproximar daquele homem e pedir que ele ficasse comigo.

O amor-próprio que construí em torno de mim por anos se foi.

Porém não podia me culpar. Ver um homem com a marra de Enrico se derreter por uma bebezinha de quase um ano era a coisa mais fofa do mundo e automaticamente meu útero ficava em festa.

Terminei no banheiro e retornei para o escritório de William, o vendo conversando com Enrico e quando peguei espaço na mesa que era minha, vi o olhar do mais alto me acompanhar. Fazendo meu rosto esquentar igual brasa.

Sua viagem havia se estendido por mais dias, porém ele havia ligado diversas vezes para saber como Yumi estava, mas não nos vimos.

— Bom dia, Helena — falou sorrindo em minha direção. William acompanhou a situação com um sorriso de orelha a orelha no rosto. O safado do nosso amigo gostava de se divertir às nossas custas.

— Bom dia, Senhor Bernardi. — Sorri vendo seu pomo de adão subir e descer. — Fez boa viagem?

Eu ainda ficava me questionando sobre a tal Brenda, e as vezes que ele não ligava, ainda pensava que ele estava com ela. Mas tentava afastar isso a todo custo, pois sabia que era um caminho de autodestruição fácil.

— Sim, sim. Foi uma boa viagem — falou desconcertado e encarou William. — Vamos almoçar?

— Ah, não vai dar. Preciso verificar outra coisa na equipe de marketing — falou e Enrico assentiu. — Mas por que não leva Helena? Ela ainda não saiu desta mesa hoje.

Enrico me encarou, pensativo sobre o que fazer.

— Eu acho melhor não — comecei e vi seu rosto mascarar uma rápida decepção, que foi tão rápida que não sabia se havia mesmo estado ali.

— Sim, sim, então vou almoçar com Nana — decidiu enfiando as mãos nos bolsos do paletó e pegando o celular. — Pode vir comigo até minha sala, Helena? Preciso que traga uns documentos para William.

Assenti, vendo-o sair da sala rapidamente. O ar que nem sabia que estava prendendo saiu do meu corpo e encarei William com raiva, o vendo encolher os ombros.

— Ainda está brava com ele? — indagou.

— Sobre o quê? — Fingi demência.

— Não vamos para este jogo. Vocês se comem com os olhos, e eu não sou idiota. Enrico não saiu com a modelo. — Encarei o melhor amigo de Enrico com certa decepção. — Ele só estava confuso.

— Se estivesse com alguém — comecei —, que tem medo do que sente, e toda vez que sente sua estabilidade ameaçada, fugisse para algo que fosse banal e colocasse tudo em risco, você também não ficaria bravo?

Vi William engolir em seco.

— Sim. Eu ficaria. — E a sinceridade dele me fez sorrir.

— Pois então. Enrico é dono de tudo, William, ele tem o mundo nas mãos. Eu sou louca por ele sim — falei. — Às vezes penso que poderia apenas pedir que ficasse comigo, sem me importar

com meu amor-próprio. Mas eu já passei por muita coisa, e coração partido não é o luxo do momento.

Ele assentiu e o vi sair da sala calado, desejando um bom almoço.

Limpei a lágrima teimosa que caiu e me levantei, mas não fui longe, vendo o dono do meu coração machucado ali. Enrico estava lindo. Mais do que quando viajou. Tinha os cabelos maiores, e que caía levemente em seu rosto, os ombros largos abraçados por um terno escuro e uma camisa por baixo, branca. Combinava com ele.

— Sobre o que falou... — começou, mas parou, fechando os olhos. — Sobre o que falou para William.

Não me importei em Enrico saber.

— Que eu às vezes não me importo com meu amor-próprio? — Ele me encarou de modo impaciente e prendi a respiração. — E, completamente louca por você — sussurrei com medo, vendo-o fechar a porta em suas costas, se aproximando lentamente. A respiração ficou mais difícil quando ele parou a um passo de mim.

— Por que não fala isso diretamente para mim?

Sorri e o encarei.

— Porque eu sei que você vai quebrar tudo dentro de mim.

Fechei os olhos, sentindo seus dedos contra minha bochecha, deslizando por minha pele até alcançar minha nuca, me segurando firmemente. Senti seus lábios quase tocando os meus.

— Eu às vezes acho que você tem razão, Helena.

Engoli em seco, sentindo meu coração bater tão rápido que pensei que acabaria desmaiando.

— Só que quando penso em você com mais clareza, vejo que não tem como. — Sua boca deslizou levemente sobre a minha, me fazendo estremecer. — Eu daria minha vida por você, amor. Acredite, eu não sei o que aconteceu. Só sei que aconteceu. Eu quero você e provavelmente vou fazer

alguma coisa errada, mas eu quero tanto que me torno egoísta em deixar você ir.

Suspirei, sentindo meu corpo se inclinar em direção à sua boca, beijando-o de modo esfomeado, como desejei insanamente nas últimas semanas.

Senti suas mãos em meu corpo, descendo pelo vestido rodado que escolhi hoje e suas mãos avançando por cada botão, desfazendo as casas e fazendo a peça se abrir.

— Não podemos. Não aqui. — Mas Enrico já estava me empurrando contra a mesa de trabalho e sabia que não tinha como me afastar dele quando senti suas mãos em minha pele, sua boca contra meu pescoço e soltei um gemido baixo quando sua boca alcançou meus seios, lambendo, mordiscando o monte entumecido, me fazendo circundar sua cintura com minhas pernas, puxando-o contra mim.

— Will nem vai suspeitar — falou contra minha pele e não segurei a risada, deixando minhas mãos puxar sua camisa para cima, deslizando o terno para fora do seu corpo. Ele se afastou, me beijando enquanto suas mãos deslizaram pelo cinto, desfazendo e jogando no chão, abaixando a calça, e sorri, deslizando a mão por seu pau duro, deslizando delicadamente pela cabeça, sentindo sua boca contra meu pescoço, mordiscando, lambendo o local, até que me afastei, inclinando meu corpo para retirar a calcinha.

— Enrico, alguém pode chegar — falei o vendo descer em minha frente, com o rosto entre minhas pernas. O sorriso safado em seu rosto fez minha intimidade encharcar, desejando e ardendo por um toque deste homem.

Senti sua boca se aproximar, deslizando a língua por toda a extensão e me fazendo fechar as pernas em um ato de reflexo, mantendo-o ali. Gemi, sentindo sua língua brincar com o espaço e seu dedo deslizar por minha entrada, movimentando-se dentro de mim enquanto me chupava. Deixei meu corpo cair para trás, ouvindo os barulhos do meu porta-caneta caindo no chão e arregalei os olhos, fazendo Enrico rir suavemente entre minhas pernas. Esta mesa não era tão grande quanto à dele e o espaço estava pequeno.

— Vem cá, amor — ele falou se levantando, segurando meu rosto e beijando minha boca. Deslizando a língua sensualmente contra a minha, me fazendo encaixar meu corpo contra o seu, passando meu braço em volta do seu pescoço e minhas pernas em sua cintura, o senti andar comigo até estarmos contra a parede. — Mais espaço para foder você — sussurrou contra minha pele, me fazendo estremecer e senti quando ele se afastou, entrando em mim sem aviso, alargando-me. Enrico era grande, de modo que me deixava tensa quando estávamos juntos. — Relaxa, amor, sua boceta quente aguenta meu pau.

Sorri com sua fala e me movi me acostumado com seu tamanho. Senti quando ele se mexeu, entrando e saindo dentro de mim rapidamente, me fazendo me perder em cada movimento, em cada curva, sentindo meu corpo entrar em um estado insano de prazer enquanto ele se movia e sua boca estava sobre a minha, me mantendo à sua mercê. Até que tudo se tornou uma névoa, estava fraca demais para pensar de modo coerente.

Ouvi a porta ser forçada para ser aberta e arregalei os olhos.

— Helena? Está aí?

— Vai embora, William. — A voz de Enrico saiu antes que eu conseguisse falar algo. Coloquei minha mão sobre seus lábios, o calando. William riu do outro lado.

— Ah, não, caralho, vocês estão transando no meu escritório. — Senti meu rosto esquentar com a rápida dedução do homem.

— William — Enrico falou saindo de dentro de mim, se afastando. Bati em seu ombro, mas senti suas mãos em meu cabelo, alinhando os fios com cuidado. — Vá embora antes que eu bata em você.

Ainda escutei William rindo, mas ele não chamou de novo.

— Meu sutiã — falei envergonhada.

Enrico sorriu e caminhou até a mesa, pegando o sutiã e a calcinha que ficaram abandonados

ali. Se aproximou, colocando a peça de baixo dentro do bolso, e me entregando a outra.

— O que você está fazendo? — Arregalei os olhos.

— Levando você para casa — respondeu decidido.

— Eu trabalho sabia? Não sou a CEO de uma empresa — debochei, vestindo o sutiã com seus olhos atentos sobre mim. Quando peguei o vestido, o coloquei em meu corpo e fechei os botões com cuidados. Senti a mão de Enrico deslizando lentamente pelo vale dos meus seios e estremeci.

— Vou levar você para casa. — Deslizou por minha barriga, me fazendo ficar atenta a cada movimento. — Alimentar você e depois ficar dentro de você o máximo de tempo que conseguir. William briga comigo depois por roubar a secretária dele.

— Nem quero ver como vou encarar o William. A culpa é sua. — Bati em seu ombro escutando sua risada sacana.

— Sua boceta não reclamou — falou beijando minha boca e se afastando, pegou sua camisa e vestiu, enquanto eu arrumava minha mesa. — Preciso ver Yumi. Mas a gente pega ela mais tarde lá na minha mãe.

— Ok — foi tudo que respondi, organizando os papéis amassados e senti sua mão novamente em meu pescoço, me fazendo encará-lo. Enrico estava parado, me observando. — Vai me dar minha calcinha?

Ele riu.

— Não. Mas quero que saiba que você não vai mais fugir de mim. — Senti minhas bochechas corando. — E que você é minha, Helena. — Sua mão deslizou por meus cabelos, segurando-os firmemente, me fazendo inclinar em sua direção, rendida. — Não adianta me dizer que não. Que é proibido. Você é a mãe da minha filha. A dona da porra do meu pau se quiser, e não pode me deixar para trás nesta história.

Sorri com suas palavras.

— Você fala de Yu e putaria na mesma frase, que coisa feia, Enrico — repreendi o vendo abrir um sorriso maravilhoso. Aquele homem já era lindo, e quando sorria ficava a coisa mais preciosa do mundo. — E eu acho bom... — falei, descendo minhas mãos sobre o volume em sua calça. — Que seja verdade. Senão você vai ficar sem.

Ele riu e se aproximou, beijando-me.

Capítulo 21



ENRICO BERNARDI

Helena entrou no apartamento da Rafaela, jogando os tênis de lado e colocando a bolsa sobre a mesinha de centro. Caminhei em direção à cozinha, colocando as sacolas de comida sobre a mesa e a vi seguir para o banheiro, enquanto eu preparava nosso almoço. Saímos rapidamente da empresa e o caminho todo Helena brigou comigo por causa da cena do escritório.

Balancei a cabeça em negação, me perguntando onde estava minha noção quando decidi fazer aquilo. Não era do meu feitio.

Segui para o quarto, vendo que Helena estava no banho e entrei ali, pensei em acompanhá-la, mas meu celular tocando me fez parar, vi o nome de William na tela.

— Oi — atendi me sentando na beirada da cama.

— Finalmente descobri quem desmarcou os encontros com Mina Park — falou me deixando ligeiramente tenso. — Você vai odiar.

Engoli em seco.

— Quem foi? — indaguei.

— Letícia. Está nos registros telefônicos, ela atendeu as chamadas de Mina há um ano e meio.

E a dispensou quando a mulher tentou contato vindo até a empresa. — Xinguei em pensamentos, me fazendo questionar o que Letícia queria com isso.

— Mas por quê? Letícia sempre foi uma ótima funcionária.

— Sei lá. Acho melhor você falar com ela — falou. — É um erro pequeno, mas, ainda assim, não é correto. Você e Mina podiam ter criado Yumi juntos, você podia ter a chance de ser um pai para ela.

— Eu sei — sussurrei e ouvi Helena sair do banheiro. — Nos falamos amanhã. — Finalizei a chamada e encarei a loira, vendo-a se aproximar me encarando de modo curioso e parou em minha frente.

— Ei, o que houve? — indagou e eu deslizei a mão em sua cintura coberta pela toalha, a puxando para meu colo. Helena veio sem reservas, passando o braço em volta do meu pescoço e beijando meus lábios suavemente. — Está irritado.

Sorri e encostei meu rosto na curva do seu pescoço.

— Eu descobri quem ignorou as chamadas de Mina — sussurrei e ela tencionou em meus braços. — E você não vai gostar.

Encarei os olhos azuis de Helena.

— Quem foi? — ela indagou, decidida.

— Letícia. — A resposta pegou Helena desprevenida, pois vi seu rosto chocado com a notícia. — Ela ignorou as chamadas e desmarcou os encontros. Eu não faço a menor ideia do porquê.

A vi engolindo em seco.

— Mas... — ela começou, confusa. — Ela parece uma pessoa tão legal.

Sorri.

— Também achava isso. — Beije seu ombro, deslizando minhas mãos para dentro da toalha,

sentindo sua pele contra a minha, abraçando a cintura franzina com firmeza.

— Você e ela já ficaram? Sei que ela é casada, mas não sei muito sobre Letícia. — Neguei rapidamente. Letícia se casou há um ano, porém nunca deu a entender que queria algo comigo. Sempre foi estritamente profissional.

— Não. Ela se casou há um ano, mas claro que nunca ficamos. — Ela balançou a cabeça. — Por acaso você pensa tão mal assim de mim? — falei apertando sua cintura a vendo sorrir.

— Não. Claro que não. — Balançou a cabeça em negação, segurou meu rosto e beijou meus lábios. — Só pensava em você como um CEO perversamente safado.

— Helena do céu — falei brincando, a girando e fazendo seu corpo cair contra o colchão, subindo em cima dela. — Vamos testar sua teoria — disse descendo meu corpo sobre o seu, beijando a pele delicada, a ouvindo suspirar, entregue aos meus toques.

O assunto sobre Letícia foi esquecido com ela algum tempo em meus braços e quando finalmente retornamos para a cozinha, Rafaela estava sentada à mesa, nos encarando com um olhar divertido enquanto comia um sorvete.

— Ei, você chegou — Helena falou, envergonhada, puxando o roupão com mais firmeza contra seu corpo.

— Sim, eu ouvi algumas coisas — Rafa começou e vi o rosto de Helena corando. — Achei melhor ficar aqui. — Ela sabia que estava envergonhando Helena e sorria disso. A loira escondeu o rosto entre as mãos, batendo em meu peito em um movimento reflexo.

— Culpa do Enrico — falou ela se sentando ao lado da amiga. — Você não deveria estar comendo algo descente? — indagou abrindo as sacolas de comida. — Trouxemos lasanha, pega um prato para comer conosco.

— Não se preocupem. Eu comi a caminho daqui — falou a morena se levantando e colocando a taça de sorvete vazia na pia. — Aproveitem, eu vou sair agora com papai. Nos vemos depois. —

Beijou a cabeça de Helena e se distanciou, fazendo a outra suspirar.

— No meu apartamento, não teríamos este problema — comecei vendo-a me encarar de modo irritado.

— Eu não vou para lá — resmungou se servindo. — Nana me odeia, eu não vou passar por nada disso.

— Ah, e como vou ficar com minha namorada? Por favor, Helena, não podemos ser imaturos. — Ela arqueou a sobrancelha em minha direção. — Sim, namorada.

— Ninguém me pediu em namoro. — A danada balançou os ombros, me fazendo rir. Puxei sua cadeira levemente em minha direção, aproximando meus lábios dos seus.

— Você já tem um anel, é só aceitar ser minha namorada, Helena Park.

— Isso não é um pedido, Enrico Bernardi — sussurrou sem se afastar, abrindo um sorriso.

— Sim, mas se quiser, podemos fazer outro tipo de pedido, comigo dentro de você e... — Ela colocou suas mãos na minha boca, me impedindo de falar. Sorri.

— Cala a boca. Rafaela vai ouvir você, seu tarado — resmungou, me fazendo beijar a palma da sua mão. — E sim, se calar sua boca, eu sou sua namorada.

— Nada como a pressão em nome do amor. — Beijei seus lábios quando ela se afastou, negando com a cabeça. — Mamãe e Yumi vão ficar juntas a tarde toda. Enquanto o papai e a mamãe se divertem.

Ela negou com a cabeça.

— Somos ótimos pais — debochou, me fazendo sorrir. — O que pensa em fazer em relação a Letícia?

Suspirei, me servindo.

— De verdade? Eu ainda não faço a menor ideia — confessei. — Letícia tem que ter um bom

motivo para fazer isso. Eu não suporto a ideia de que seja um motivo egoísta. Gosto do trabalho dela.

Helena concordou.

— Infelizmente, já espero pelo pior — falou ao levar uma garfada à boca. — Não me parece algo de boa índole isso.



Acordei com alguém me chamando e virei a cabeça, encontrando os olhares de mamãe e Yumi sobre mim. Eu estava dormindo com o rosto afundado nos cabelos de Helena, e seu corpo contra o meu, em uma situação completamente comprometedora, com apenas um lençol branco sobre nós. Yumi sorriu ao me ver, como se entendesse alguma coisa, e a expressão dela era parecida com a de dona Alessandra.

— Vão me explicar como vocês viraram um só? — ela indagou, risonha, e me sentei, devagar, ainda confuso com aquela situação. A encarei, sem saber o que falar. — Posso ficar contente ou você vai cortar minha vibe?

— Que horas é? — perguntei encarando o relógio que havia sobre a mesinha de cabeceira. — Minha nossa, quase sete horas. Desculpa, a gente perdeu a hora.

Não podia me levantar, pois estava nu, e mamãe estava na minha frente, e eu não podia pegar o cobertor, porque deixaria Helena pelada.

— A senhora pode esperar na sala? — indaguei vendo que ela mantinha um sorriso de gato no rosto, mas concordou saindo dali, me fazendo suspirar aliviado. Me levantei buscando minhas roupas e me vesti rapidamente, vendo que tinha que ir ao apartamento, pois não tinha roupas limpas aqui. — Amor... — Me aproximei de Helena, tirando algumas mechas do seu cabelo do rosto ela resmungou. — Yumi chegou, mamãe está na sala. — Beijei sua bochecha a escutando suspirar, mas não acordar.

Ví que não tinha jeito e saí dali, encontrando mamãe com Yumi nos braços, ainda com um sorriso de orelha a orelha.

— Boa noite — ela falou olhando-me. — Finalmente tenho uma nora?

— Acredito que sim. — Me sentei ao seu lado, vendo Yumi se jogar em meus braços, coloquei minha filha em minhas pernas, beijando seus fios escuros. — Sim, Helena e eu estamos juntos.

Ela ficou calma.

— Finalmente, eu estou feliz por vocês. — Sorri e fiquei feliz com isso. Alessandra Bernardi sempre foi uma mulher pratica, mas era uma mãe carinhosa. Porém com a morte do meu padrasto ela havia ficado cada dia mais distante, até que Yumi chegou em nossas vidas. — Estava conversando com Rafaela sobre a festa de aniversário de Yu.

Sorri e encarei Yumi.

— Ah, verdade, hein danadinha, vem aí seu primeiro aninho. — Pincelei seu nariz fofinho, vendo-a se levantar, mostrando os dentinhos já crescido. — Coisa mais gostosa do papai. — Beijei sua bochecha, completamente rendido por ela. Como eu podia amar alguém tanto assim?

Yumi chegou do nada e agora ela era tudo.

Ela e Helena.

— Ei. — A voz de Helena chamou atenção e a vi caminhar em nossa direção, vestindo um moletom velho e shorts. Parecia ter tomado banho, pois os cabelos estavam presos no alto da cabeça. — Qual o nível de vergonha que eu tenho que enfrentar? — falou sentando-se no sofá e mamãe riu.

— Ela viu a gente juntos — comuniquei e Helena escondeu o rosto entre as mãos. — E ficou rindo. Observando.

— Ai, isso não deve ser bom — falou a loira, encarando Yumi. — E você, dona Yu... — Se aproximou da filha, ficando ajoelhada em nossa frente e beijou a bochecha de Yumi. — Saudades, amor. A culpa é do seu pai por eu sumir, brigue com ele.

Yu tocou o rosto da tia.

— Ma-ma-mã! — exclamou sorrindo, colando a boca na bochecha de Helena, fazendo minha namorada arregalar os olhos, assustada. — Mamama... — Yu continuou estendendo os bracinhos e pedindo colo.

Helena a pegou, sentando-se no chão e encarando a sobrinha de modo assustado.

— Ela falou isso o dia todo — mamãe falou. — Acho que você foi promovida a mamãe, Helena.

A loira encarou Alessandra assustada.

— Mas eu não sou a mãe dela — sussurrou.

— Mãe é quem cria, Helena — falei acalmando-a. Yumi ficou de pé, ela já fazia isso, se segurando nas superfícies. — E Yumi tem você como mãe. — Vi que Helena chorava quando a lágrima caiu dos seus olhos, encarando a bebê de modo desacreditado.

— Mina ia amar ouvir isso — murmurou. E me aproximei dela, abraçando seu corpo de lado e beijando os fios loiros, a confortando. — Ela falou mamãe. Está quase andando. Mina ia ficar tão orgulhosa.

Sorri e a apertei em meus braços.

— Ela está — falei atraindo sua atenção. — Com toda certeza ela está orgulhosa de você e Yumi.

Ela sorriu e encostou rosto no meu ombro, observando Yu dar passinhos trôpegos pela casa, se segurando firmemente contra o sofá, como se sua vida dependesse disso.

— Ela esses dias quase falou papai — Helena falou me encarando. — Eu ganhei. — Sorriu, me fazendo bufar, fingindo indignação.

— Ela vai falar papai logo. — Dei os ombros. — É só questão de tempo.

— Mas eu acho que ela ama mais a mamãe — mamãe falou colocando lenha na fogueira.

— MAMÃE! — repreendi fazendo-a rir, ela estendeu a mão para impedir que Yumi caísse no chão, mas não teve jeito, sua bunda caiu sobre o tapete e automaticamente seu rosto ficou vermelho com o susto, ameaçando a chorar.

— Ei... — Helena se aproximou. — Não chora, não chora. Olha que linda, andando você, uma mocinha já — falou abaixada, sorrindo para a filha. Que riu das palavras da mãe. — Isso, sorriso, dá um sorriso para a... mamãe. — Fez uma pausa e eu sabia que as vezes era difícil para ela aceitar que a irmã ia perder fases importantes para Yumi.

Porém Helena tinha que entender. Ela era a mãe de Yu.

A coisa mais preciosa da minha vida estava naquela sala. Há menos de dois meses eu achava que a única coisa que importava era a Bernardi, até que Helena e Yumi chegou e eu sabia que não podia deixar nada machucá-las, pois perderia tudo.

— Yu daqui um tempo vai precisar de irmãos — mamãe jogou o verde, fazendo Helena olhar assustada em sua direção. — E eu preciso casar um filho, estou ficando idosa. No fim da vida já.

Helena abriu um sorriso.

— Eu não acho que esteja no fim da vida, senhora Bernardi. É perfeitamente saudável e muito bonita — elogiou, fazendo mamãe corar como uma garota de dezessete anos.

— Sim, mas vocês não vão me fazer esperar até estar no fim da vida para casar meu filho, né? — Colocou a mão sobre o peito. — Isso é maldade com uma pobre senhora.

Rimos, pois o drama com toda certeza estava em dia.

— Um passo de cada vez, mamãe — falei observando Helena, não querendo assustá-la. Mas, sim, eu também queria isso. Um casamento, uma casa grande e todos os filhos que viessem para compor o time junto a Yumi.



Acabei marcando a reunião com Letícia para o primeiro horário da manhã e enquanto a via

sentada na minha frente, me questionei se alguma vez ela deu algum sinal de que não era uma boa funcionária. Mas nada me veio à mente.

— O que precisa de mim, senhor Enrico? — indagou abrindo a capa do tablet.

— Falar sobre Mina Park — falei atraindo sua atenção. — Sobre as visitas marcadas por ela, sobre as ligações, os encontros interrompidos. — Ela franziu o cenho. — Sobre o fato dela ser a mãe da minha filha e você ter feito ela esperar por meses.

— Mas eu... — começou.

— Não. Tem tudo, Letícia. Gravações de chamadas, registros no livro da empresa. — Apontei em direção as informações que William me entregou. — E o motivo eu quero saber, por que, Letícia? Você era uma ótima funcionária.

— Você sempre dizia que não atendia suas paqueras aqui. — Encolheu os ombros me fazendo olhá-la de modo irritado.

— Sim, mas ela disse claro em várias chamadas que estava grávida. Se havia a possibilidade de ter uma criança minha no mundo, você deveria ter me contado, Letícia. Me dado a notícia que eu tomaria uma decisão, não sair fazendo isso sozinha. — Ela engoliu em seco. — Acho que o que me irrita mais é não saber o motivo. Sempre acreditei que você era a pessoa perfeita para este cargo. Quero a maldição de um motivo.

Ficamos em silêncio por alguns minutos, nos observando.

— Eu amava você — falou me fazendo olhar assustado. — Muito, por anos.

— Que merda... — comecei vendo-a pedir uma pausa.

— Eu sei que é ridículo usar como desculpa e quero que saiba que não sinto mais isso. — Encolheu os ombros. — Até pouco tempo depois de Mina aparecer, tudo que eu desejava era que você me notasse.

— Mas não explica.

— Sim, não. Eu fiz uma coisa horrível e eu sinto muito. — A sinceridade me fez vacilar. —

Mas eu era idiota, e apaixonada. Porém isso passou quando conheci meu marido e vi que eu não podia ficar esperando para sempre que você me notasse.

Suspirei e cocei minha cabeça, confuso.

— Está é só sua desculpa? — Ela assentiu. — Eu entendo o que me disse, Letícia, mas eu realmente preciso de uma pessoa que confie no cargo. E infelizmente não confio mais em você.

A vi morder o lábio, chorosa.

— Mas posso passar uma carta de recomendação, talvez assim alivie os danos. — Ela não reclamou, aceitando o que eu estava propondo. Eu respeitava o trabalho de Letícia e até entendia seu ato impensado por um amor mal explicado, mas não podia mais continuar com ela.

A confiança de um cargo tão grande pesava quando estávamos trabalhando. E infelizmente não confiava nela.

Assim que Letícia saiu da sala, suspirei aliviado, vendo a porta se abrir e Helena passar por ela, me olhando curiosa. Sorri e a chamei com a mão, vendo-a caminhar em minha direção e sentar no encosto da minha cadeira.

— E como foi? — indagou deslizando as mãos por meus cabelos. Gesto tão corriqueiro que já me deixava tranquilo.

— Horrível — defini o momento em uma única palavra, a escutando rir suavemente, parando quando comecei a contar sobre a desculpa de Letícia.

Capítulo 22



HELENA PARK

O fim do expediente chegou me deixando cansada. A semana havia sido corrida, pois desde que Letícia foi despedida no começo da semana, eu havia assumido o posto de secretária de Enrico e William ao mesmo tempo e isso estava me matando.

— Helena — meu namorado me chamou, parando na porta da sala e levantei o olhar, sorrindo. — Venha aqui. — Assenti e coloquei minha bolsa de lado, caminhando até ele. Entrei no escritório e fechei a porta em minhas costas, sentindo Enrico próximo e sua mão na minha, me puxando em direção à mesa. Ele se sentou e eu fui rapidamente puxada para seu colo, me acomodando ali e passando o braço em volta do seu pescoço.

— O que houve com você? — indaguei deslizando a mão pelos fios que insistiam em cair em seu rosto.

— Não vou poder ir com você, vai acontecer uma reunião de última hora. — Suspirei assentindo.

— Precisa que eu fique?

— Não, pegue uma carona com William, ele vai sair mais cedo. Eu pego Yumi lá na mamãe

quando for. — Assenti e beijei seus lábios, deslizado os dedos pelos fios negros.

— Preciso passar lá na Rafa, a chamei hoje.

— Ah, passe por lá. William está disponível. — Hoje combinamos fazer um churrasco adiantado para a comemoração do aniversário de William, já que ele viajaria no dia em que comemoraria seus trinta e cinco anos.

— Ok, vou indo — falei me levantando, mas sua mão firmou minha bunda em seu colo, segurando meu rosto e beijando minha boca, desta vez demorado, resvalando as mãos por minhas costas e deslizando a língua em minha boca, me fazendo me inclinar mais próxima ao seu peito.

— Preciso ir... — sussurrei buscando ar.

— *Uhum* — ele concordou sorrindo, sem se afastar. Neguei com a cabeça, voltando a beijá-lo, mas a batida na porta me fez pular, mas não a tempo de William não nos ver nesta posição.

Meu chefe abriu um sorriso insolente ao nos ver.

— O escritório está animado nos últimos meses — falou entrando ali e me levantei, puxando minha saia para baixo, sentindo minhas bochechas tão quentes que pensei que acabaria pegando fogo. — Melhor parar de falar, apreço que a Helena vai morrer de tão vermelha que fica. — Vi Enrico lhe lançar um olhar irritado e ele encolher os ombros. — Já vamos? — Se virou para mim.

— Sim, vou pegar minha bolsa. — Saí da sala e deixei ambos para trás. Um só me colocava em situação de vergonha e o outro adorava rir, não sabia se ia sobreviver a este relacionamento.

Estava no estacionamento aguardando William quando o vi se aproximar, com os óculos de grau no rosto, a imagem era realmente do que Enrico o chamava. De um nerd. Fofo e bonito, que fique bem claro.

— Vamos que eu estou com fome — falei para ele, entrando no carro.

— Vamos comer algo, Enrico vai ter no mínimo uma hora de reunião.

Suspirei, descontente.

— Onde conseguimos um bolo? De chocolate? — indaguei meio chorosa.

— Pensei que você estava com fome de comida de verdade, Helena — me repreendeu.

— Bolo é comida.

— Não, é doce. Você até adquiriu o biquinho de Yu — falou me fazendo rir.

— Ah, estou com vontade, Will, por favor. — Juntei as mãos em piedade o escutando suspirar.

— Ok, vamos ali mais na frente. Tem o melhor bolo desta cidade. — Franzi o cenho com seu exagero e quando paramos em frente uma doceria, fiquei ainda mais confusa. Para um homem da classe social de William, aquele não parecia o tipo de lugar que ele frequentaria. — Para de julgar e vem — falou saindo e abrindo a porta para mim, o acompanhei, observando tudo com curiosidade.

— Que lugar é esse? Maria Bonita? — Franzi o cenho lendo a placa bonitinha na entrada. Era simples, mas bem-organizado.

— Sim — falou puxando uma das cadeiras das mesas do lado de fora. — Sente-se, bolo de chocolate certo?

— Sim. — Me sentei vendo-o entrar no local. O observei parar no balcão, se inclinar para beijar a bochecha de uma senhora de cabelos grisados e rir quando ela lhe falou algo. Ele agia como se conhecesse a todos, o que me deixava ainda mais curiosa.

Ele retornou com uma bandeja, e dentro dela havia um prato branco, com o pedaço de bolo de chocolate de três camadas mais lindo que já vi na vida. E do lado um bule, o que me faz franzir o cenho.

— Especialidade do Maria Bonita — falou colocando a bandeja sobre a mesa. — É o bolo de chocolate mais molhadinho do mundo.

— Você está fazendo tanta propaganda — falei sorrindo, buscando o talher quando vi ele derrubar a calda de chocolate que estava dentro do bule sobre o bolo. — Calda quentinha. Delícia.

— Sim. É um dos meus preferidos, eu e Enrico praticamente inventamos o acompanhamento da calda — explicou enquanto cortava um pedaço do bolo e levava à boca, gemendo ao ver que era realmente perfeito. Meu Deus amado, eu não sabia que estava desejando tanto um pedaço de bolo como naquele momento.

— Isso é perfeito — comentei. — Como conhece esse lugar?

— É da minha mãe — explicou me fazendo arquear a sobrancelha. Não sabia muito sobre a vida de William fora da sua amizade com Enrico. — Ela sempre amou cozinhar e fazia os melhores bolos do mundo.

— Como inventaram isso? — Coloquei mais calda sobre o bolo. — É perfeito, eu não sabia que precisava tanto de um bolo até comer um bolo.

— Eu e Enrico ficamos sozinhos na cozinha, quando mamãe tinha acabado de fazer a calda. Em vez de esperar, jogamos no prato quente, quase pelando, e desde então, não comemos diferente. — Sorri com isso.

— Como vocês se conheceram, hein? — Nunca havia ouvido a história completa.

— Na escola, mas nossas mães já se conheciam há muito tempo, aí a amizade ficou mais forte com o tempo. — Vi a senhora com quem William falou se aproximando da mesa. Ele se levantou ao vê-la. — Mainha, está é Helena, a namorada do Enrico.

Ela sorriu e me levantei para cumprimentá-la, mas ela ignorou minha mão, me dando um abraço breve.

— Bem-vinda, menina. Sou Marta. É bom saber que um deles encontrou alguém. — Ela não foi sutil ao olhar para William de modo que julgava até sua alma. — Mas o que você faz andando com a namorada alheia?

William sorriu.

— Enrico está em reunião e me pediu para deixá-la no apartamento. Helena estava desejando

um bolo, e eu não podia levá-la a outro lugar. — Eu estava bem distraída com meu doce.

— Desejando, é? — a mãe de Will indagou arqueando a sobrancelha e engoli em seco ao ouvir isso.

— Acho que tenho um novo lugar preferido. — E isso pareceu fazê-la mudar de assunto, me deixando mais confortável.



Entrei no apartamento me sentindo mais leve, porém agora com uma barriga cheia do bendito bolo do Maria Bonita. Havia sido ótimo conhecer a mãe de William, ela foi tão simpática comigo que me deu a sensação de ser abraçada por um sentimento desconhecido de estar em casa.

Conversamos pouco, mas havia sido o suficiente para simpatizar por ela.

Entrei no quarto buscando algumas roupas para Yumi, pois com toda certeza não voltaríamos para casa hoje. Porém senti meu corpo tenso quando ouvi passos em minhas costas e me virei, vendo a imagem de Guto na porta.

— O que faz aqui? — indaguei segurando as peças com mais firmeza.

— Pensou que iria acabar com a minha vida e ficar por aquilo mesmo? — Se encostou na porta, me observando da cabeça aos pés. Desta vez, sair se tornou uma missão mais difícil, pois não tinha como passar para o corredor sem passar por ele. — Eu sempre te observei de longe, Helena. A mocinha. A delicada. Um pouco chata, mas quem não é.

Engoli em seco, sentindo minha mão descer em direção ao meu bolso, procurando meu celular, mas não estava ali. Deixei no carro de William.

— Acredito que você fez a escolha certa, sentar no milionário é mais proveitoso, né? — Deu um passo em minha direção, me fazendo recuar. Tremi. Meu coração batia tão forte que eu não achei ser possível.

Eu só tinha uma experiência com esse tipo de medo.

E era aterrorizante.

Eu preferia sofrer outras dores.

Mas nunca a de estar de frente com alguém totalmente desequilibrado.

Da minha boca não saía nada.

— Mas vadias como você — me alcançou, deslizando a mão por meu rosto, me fazendo virar na direção contrária —, só servem para isso. É o que ele vai fazer quando se cansar da sua bocetinha. — Segurou a barra da minha blusa, me fazendo tensionar de medo, tremendo, tentei sair, mas sua mão segurou mais forte, cravando a unha em minha pele.

Gemi.

— Não vai fugir desta vez, sua vaca — falou e senti quando os dedos puxaram a blusa, com tanta força que a partiu no meio. A exposição do meu sutiã contra alguém desconhecido me fez soltar as peças de roupa de Yumi e me cobrir. — Sim, lutar deixa tudo melhor. Mas no fim. — Segurou meu rosto pelos cabelos, me fazendo encará-lo. — Você não vai se livrar. — Desceu suas mãos por minha cintura, alcançando minha calcinha por dentro da saia e senti a bile subir quando ele me tocou, me fazendo gemer desesperada, me debatendo em seus braços.

Mas a batida da minha cabeça contra a parede fez meu corpo amolecer.

Não desmaiei. Só bagunçou meus sentidos e senti quando ele ia mais além, tocando-me.

— Não — sussurrei ouvindo sua calça se abrir. — Não.

— Calada — sussurrou e tornou a me bater, desta vez o tapa em meu rosto foi forte, fazendo-me sentir o gosto de sangue. Senti quando ele me apertou contra a parede, imobilizando meus movimentos e se esfregando contra mim.

As lágrimas desciam, a dor se tornou mais forte quando ele tornou a me bater, me deixando lenta, atordoada. Quando pensei que estava caindo, algo saiu de cima de mim. E meu corpo automaticamente caiu no chão, sem forças.

— Helena. — A voz da Rafaela me fez chorar.

De alívio, me fazendo segurar sua mão.

— Rafa — sussurrei. — Ele. Ele...

— William está com ele. — O barulho de algo se batendo me fez chorar mais. Eu não queria ser fraca, mas eu só sentia dor. A física. A dor no coração. — Vem, deixa eu ajudar você — ela falou me ajudando, forcei meus olhos a se abrir e vi que William falava algo a Guto, o pressionando contra a parede.

Rafaela conseguiu me fazer chegar na cama. Senti o gosto de sangue na boca e algo quente descendo em meu pescoço. Passei a mão, vendo meus dedos sujos de sangue.

— Desculpa, Helena, desculpa — Rafaela falou se abaixando em minha frente. Eu queria dizer que ela não tinha culpa, mas estava fraca. Meu mundo estava girando. Então deixei só meu corpo pender para o lado, permitindo a dor ser maior que a coragem.



Rafaela

Encarei Guto sendo segurado por William e vi quando o amigo de Enrico me encarou por cima do ombro, vendo meu olhar de desespero em direção a Helena desmaiada. As pernas dela estavam cobertas pela saia, mas o busto estava exposto, o rosto marcado e acredito que tenhamos chegado a tempo de ir tudo longe demais.

William o soltou correndo em direção à loira, e se abaixou.

— Precisamos levar ela para o hospital — falou. — E chamar Enrico. Ele vai enlouquecer.

— Primeiro o hospital — decidi me levantando e encarei Guto, vendo que ele ainda observava a cena em um determinado tipo de choque.

— Você fez algo além com ela, porra? — William indagou me fazendo virar. Ele estava com

Helena nos braços e encarei as pernas sujas de sangue. Sangramento. Não devia haver sangramento ali.

— Não — Guto falou engolindo em seco.

— Leva ela, William, eu já desço — falei preocupada.

— Não. Você vem junto — decidi olhando em minha direção, firme, deixando claro que não mudaria de decisão. Suspirei e concordei, seguindo para fora. — Acho bom você fugir. Ou eu mesmo mato você — William falou para Guto, me fazendo segurar seu braço com força, fazendo-o continuar andando.

As coisas saíram do controle muito rápido. Num instante eu estava entrando no apartamento quando encontrei William na portaria, dizendo que a amiga dele estava demorando muito. Subimos juntos. E a cena que encontramos foi o pior cenário possível.

A culpa de Guto machucar Helena me consumia. E me preocupava ainda mais com a forma que havia sangue, tinha muito para alguém que estava consciente quando chegamos.

Que ela fique bem.

Que ela fique bem.

Foi tudo que consegui pensar, enquanto seguia William para o carro.

Capítulo 23



ENRICO BERNARDI

A chamada da Rafaela fez meu corpo somente pular para frente e só conseguir pensar com clareza quando estacionei em frente ao hospital particular que ficava mais próximo do apartamento onde Helena dividia com a amiga. E quanto mais tempo demorava para vir alguma notícia, mais angustiado eu ficava.

— Sim, estou no hospital — falei com mamãe do outro lado.

— Mas como isso aconteceu? — ela indagou e escutei Yumi chorar de fundo. Já passava das oito da noite, e vi quando o médico se aproximou, parando em nossa frente. Afastei o celular da orelha, me aproximando dele.

— Como Helena está? — questionei agitado. Eu sentia uma raiva tão grande daquele filho de uma puta que era bom ele não aparecer na minha frente nunca mais.

— Vocês sabiam que ela estava esperando um bebê? — ele indagou, me fazendo encará-lo assustado. Um bebê? Meu Deus. Helena sabia disso? Estava? No passado?

Senti minhas pernas ficarem bambas e pensei que ia cair.

— Calma, cara. — Will veio em meu socorro e senti a mão da Rafaela em meu ombro, em

sinal de conforto. — Ela está bem?

— Desculpe, ela está bem sim. Foi apenas ferimentos superficiais, mas ela ficou em choque — falou explicando a situação. — E teve um início de aborto, acredito que a situação de estresse. Recomendo que façam a iniciação de todo o procedimento padrão o mais rápido possível.

Helena estava grávida.

Ela estava gerando um filho nosso.

— Ela... — Engoli em seco. — Ele está bem?

— Sim, a sorte de tudo foi impedir a tempo. Ela perdeu muito sangue. — Assenti, vendo-o se distanciar, dizendo que em breve poderíamos vê-la. Senti meu corpo cair contra a cadeira da sala de espera do hospital e encarar o chão, em choque.

Será que Helena sabia sobre isso?

— Helena sabe? — Encarei sua amiga, ela poderia me dar uma resposta mais ampla.

Rafaela encolheu os ombros.

— Não, eu acho. Ela andava tendo alguns enjoos, mas nada demais. — Fechei os olhos, xingando baixinho. — Ela falaria para você, acredito que seja novidade para ela também.

— O desejo — William completou, arregalando os olhos.

— Desejo de quê? — indaguei confuso.

— Ela quis comer bolo de chocolate, parecia criança — explicou me fazendo franzir o cenho. — Fomos até mamãe e depois para casa.

Suspirei, descontente com o caminho das coisas. Não conseguia ficar tranquilo sem poder ver Helena, saber pessoalmente se ela estava realmente bem. A notícia chegou tão de repente e bagunçou tudo, me deixando com a mente toda agitada.

Eu queria sim nosso filho, mas pensar que estivemos a um passo de perdê-lo me colocava em

estado de preocupação total. Sem falar que Helena era jovem, e sabia que ela tinha muitos projetos que não envolvia principalmente criar uma família, não sabia como ela iria reagir.

— Você não sabe usar a porra da camisinha, né? — William debochou se sentando ao meu lado.

— Cala a boca, William — Rafaela resmungou lhe lançando um olhar irritado. — Você só fala em momentos errados.

— Estou falando com Enrico, não com você — ele rebateu como uma criança.

— Claro, afinal, só ele para aguentar você. — O encarou sorrindo de modo debochado. — Sabia que você é um enorme pé no saco? — Franzi o cenho com a dinâmica deles. — Ele está preocupado e você falando merda.

— Vocês se conhecem há quanto tempo? Cinco minutos? — falei, confuso.

— Há uns três anos — William falou, sorrindo para ela. — A chata aí é filha de Richard.

— Ah, verdade — lembrei deste detalhe. — Não sabia que conhecia Rafaela.

— Conhecer é uma palavra muito forte. Eu o suporto — ela rebateu, mexendo no celular. — Guto foi encontrado, está na delegacia — ela falou mostrando a mensagem do policial que é um amigo de William, foi ele quem moveu tudo para encontrar o tal homem.

— A briga de vocês me alivia os pensamentos, pode continuar — falei me encostando contra a parede. Sim, se eu tivesse a chance de ficar cara a cara com o filho da puta do Guto, iria criar alguns machucados para descontar os que ele havia feito na minha mulher.

Só de pensar que podia ser muito pior me deixava em choque.



Consegui entrar no quarto uma hora mais tarde, ela estava dormindo, segundo o médico, haviam aplicado sedativo para acalmá-la. Helena tinha um ferimento no lábio, o rosto estava

marcado e com toda certeza ficaria roxo por alguns dias. Me aproximei, sentando-se na beirada da cama e deslizei meu indicador por seu rosto delicado, sentindo a lágrima fininha cair dos meus olhos, percebendo o quanto a ameaça dela machucada me deixava sem chão.

Eu nunca chorava.

Mas eu estava ali, deixando a fraqueza se apossar do meu corpo.

Deslizei a mão para seu ventre coberto pela roupa hospitalar e sorri de canto, sabendo que nosso pequeno milagre estava ali, e estava seguro agora. Pois eu não deixaria nada acontecer com a minha família.

— Oi. — A voz atordoada me fez encará-la. Helena piscou, se acostumando com a claridade e eu sorri.

— Oi, amor, como você se sente? — Peguei sua mão, beijando o dorso.

— Envergonhada e meio imprestável. — Neguei com a cabeça, não querendo ouvir isso. — Nem soube me defender.

— Eu sei, mas você não tem por que ter vergonha ou se culpar. — Alisei sua testa. — Ele é o culpado, só ele. — A ouvir suspirar. — Você está bem mesmo? Quer que eu chame um médico?

Ela negou.

— O médico falou algo sobre um bebê — sussurrou. — Que bebê, Enrico? — Senti o ar faltar, pois ela me olhava assustada, quase suplicante.

— Você estava grávida. — Apertei sua mão na minha, vendo seu rosto em choque, congelado no ar. Vi quando ela puxou uma respiração profunda, fechando os olhos e engolindo em seco. — Houve um início de aborto. Perdeu muito sangue.

— Ele... — Ela balançou a mão na frente do rosto, e vi quando a lágrima desceu dos seus olhos, me deixando tenso. — Ele está bem, Enrico? — Os olhos chorosos me fizeram vacilar e me aproximar, beijando sua testa com carinho. Senti suas mãos em minha camisa, apertando o tecido

entre os dedos. — Diz pra mim, não me deixa assim.

— Oh, amor, se acalma. — Beijeí sua testa, apertando sua mão contra meu peito.



HELENA

A dor.

Eu não sabia o que era o desespero de sentir que estava perdendo algo até ouvir Enrico falar que eu *estava* grávida. É claro que eu não esperava por isso, nem em um milhão de anos imaginava que estaria grávida, havia tão pouco tempo, mas quando ele disse isso, de forma tão triste, senti meu coração se apertar, ficando tão pequeno que pensei que morreria sufocada.

— Calma, Helena, por favor.

O encarei, assustada e desci a mão sobre minha barriga, não sentia nada, estava plana.

— Ele está aí, foi revertido, está tudo bem — Enrico falou segurando meu rosto. — Vamos ter um filho.

Engoli em seco, sentindo as lágrimas vir com mais força, desta vez de alívio. Em menos de vinte e quatro horas tudo mudou e eu estava me sentindo cansada de pensar nas soluções.

— O que foi, amor? Por que está chorando? — O tom de preocupação na voz dele me deixava ainda mais preocupada e chorosa.

— Eu sei que a gente deveria ter se cuidado — O encarei. — Mas doeu quando deu a entender que havia perdido ele.

Enrico me abriu um sorriso.

— Eu sei, nem sabia que ele existia e senti meu chão ir quando o médico fez a mesma coisa. — Sentou-se ao meu lado e eu encostei a cabeça em seu peito. — Fiquei com medo de assustar você. — Enlaçou minha mão na sua. — É jovem, ainda estamos começando e...

— Eu sei. Desculpe. Deveria ter me cuidado, nos cuidado melhor. — Ele balançou a cabeça em negação. — Mas eu quero isso. Não sabia também. Mas não tem como não querer ele. Ou ela.

Ele sorriu.

— Sim. — Beijou meus lábios. — Eu preferia descobrir de outro modo, sem todo esse susto e medo, mas é a esperança do futuro. Nosso futuro. — Sua mão sobre a minha na minha barriga acelerou meu coração. — Eu, você, Yumi e nosso bebê.

Sorri. Eu havia passado por muita coisa, desde pequena a vida foi meio cadela comigo sim, mas eu não podia reclamar, afinal, havia sempre momentos felizes. Havia as partes da vida que valia a pena você lutar para ter.

— Acho que Yu vai ter que dividir o berço em breve — brinquei sorrindo. — Deve ser recente, eu não senti quase nada, apenas alguns enjoos.

Meu rosto estava encostado em seu peito.

— Sim, acredito que seja. — Sua mão passava sobre minha barriga despretensiosamente. — Mas mudando de assunto, a polícia pegou Guto. Ele está na delegacia, vamos precisar de depoimento.

Suspirei, apertando a camisa de Enrico entre os dedos ao lembrar da cena do apartamento. O medo. O pavor. Graças a Deus Rafaela saiu a tempo daquele relacionamento, ela tinha tido algumas marcas sim, mas graças a Deus foram coisas externas que poderiam ser curadas.

— Quero que faça acompanhamento na gravidez. De perto — ele falou em tom protetor. — E psicológico também, ah, vai mudar para meu apartamento.

— Mais alguma coisa, senhor dono de tudo? — indaguei brincando.

— Sim, você vai se casar comigo — falou com tanta naturalidade que me fez rir. — E Rafaela e William brigam horrores, eles definitivamente se odeiam. — O encarei assustada com essa informação.

— Como assim?

— Rafaela conhece William, ele é amigo do pai dela. — Arregalei os olhos. — E eles te ajudaram, porém começaram a brigar assim que viu que você estava estável.

Sorri de canto, deitando-me em seu peito novamente.

— A gente também brigava — lembrei-o.

— Sim, mas eles é mais. A gente brigava por causa de Yumi, eles é por que não se suportam. — Sorri com isso. Era só o que me faltava. Já considerava William um dos meus melhores amigos, e agora teria que aguentar Rafaela reclamando dele.

— Sobre o negócio do casamento, e de me mudar para sua casa, sabe que não tem como, né? — comecei, descendo por seu peito em um carinho suave. Ele bufou em resposta, já preparando seu discurso do porquê deveríamos fazer isso.

— Não tem a menor chance de você continuar morando longe.

— Mas e Nana, a situação vai ficar ridícula. — Ele beijou minha testa.

— Se eu me caso, acho que ela vai embora. — Bati em seu peito, rindo. — Mas é sério, Helena, não tem chance de você ficar lá. Não com nosso filho e você correndo perigo. Sem falar, que preciso da minha família comigo.

Suspirei.

— Quando você se tornou tão perfeito? — indaguei sorrindo.

— Quando eu preciso convencer a mulher que amo a todo instante que ela está em perigo, que longe de mim coisas ruins podem acontecer. — Balancei a cabeça em negação, aceitando que sim, não tinha como fugir.

A porta se abriu e Rafaela entrou, de modo tímido, sendo seguida por William.

— Ei, como você está? — Will foi o primeiro a indagar, parando no pé da cama.

— Bem melhor — falei sorrindo, me lembrando de como eles me salvaram. — Obrigada, aos dois. Vocês são os melhores amigos que eu poderia ter. — Rafa sorriu e se aproximou, pegando minha mão e apertando entre as suas.

— Desculpe — ela falou e eu neguei com a cabeça, sabendo bem ao que ela se referia. Rafaela neste momento estava se culpando por algo que não estava ao seu alcance. E nossa amizade era assim. Eu me sentia levemente aliviada por não ter sido com ela, pois minha amiga se quebraria.

— Não, não me peça desculpas — falei tocando seu rosto. — Fico feliz em saber que ele não tocou em você daquela forma. Me machuca só em pensar nisso. — Enrico se afastou e ela me abraçou, escondendo o rosto na curva do meu pescoço.

— Eu senti ódio dele, Helena. Ele não tinha o direito.

— Sei, amor, eu sei. Mas aconteceu, fica calma. — Ela assentiu. — Estamos bem, viu? Vamos ficar bem. E no fim temos uma notícia boa. — Ela se sentou na beirada da cama, me encarando.

— Eu sei, vou ser tia de novo. — Olhou para Enrico com um sorriso debochado. — O seu CEO não sabe usar a camisinha. — Ele bufou com a fala da Rafaela, e William riu dos dois.

— Ele é meio pastel — brinquei ainda segurando a mão da minha amiga. — E eu fiquei sabendo que vocês se conhecem. — Apontei dela para William e dele para Rafaela.

— É, eu tive o azar de conhecer ele há três anos — bufou, indignada me fazendo rir. Coisas ruins sempre iriam acontecer, e se a gente não soubesse sorrir e seguir em frente, íamos ficar presos apenas nisso e esquecer que a vida passa. E por isso, queria que o episódio de hoje, ficasse o mais longe possível da minha vida. Da minha família. Pois hoje tudo mudou, eu tenho uma família. Quero que eles fiquem bem independente de tudo.

Capítulo 24



ENRICO BERNARDI

Yumi sorriu em minha direção, mostrando os dois dentinhos em cima e em baixo, fazendo meu coração explodir com tanta fofura. Ela estava enorme e hoje completava um ano, e nunca pensei que diria isso, mas uma criança de um ano de idade me tinha na palma da mão. Quando sorria era como se tudo estivesse bem, e quando chorava meu mundo desmoronava.

E eu sabia que estava ficando cada dia pior, pois a pequena barriga de Helena carregava mais uma. Nossa segunda filha, que havia sido descoberto há pouco tempo de que seria uma menina e já me fazia imensamente feliz.

— Ei. — Me aproximei dela, vendo Helena segurando um pratinho com o bolo de chocolate de Marta. A loira estava linda, vestia algo rodado, leve no corpo, marcando a cintura e onde carregava nosso filho. — Feliz com seu bolo?

Ela me encarou com a sobrancelha arqueada.

— Você me irrita às vezes — falou colocando o prato de lado. Os desejos de Helena eram engraçados, e ela estava cada dia mais irritada com as coisas.

— Mamã! — Yumi falou, estendendo os bracinhos e Helena riu, pegando-a no colo. Tinha

dois meses desde que tudo aconteceu, Guto havia sido preso por toda a situação com Rafaela e Helena, Yumi e Helena estavam morando oficialmente no apartamento comigo e não havia nada fora do controle.

Olhei ao redor, vendo os amigos mais próximos conversando entre si. Havia sido uma comemoração pequena, nossa Yumi tinha os cabelos escuros soltos, pois hoje eles já davam para fazer pequenos penteados, e um vestido rosa clarinho estilo princesa.

— Ei, amor — Helena me chamou e eu a encarei, nervoso, vendo que o momento se aproximava. Eu havia escolhido esse dia há algum tempo, dando espaço para que nossa vida voltasse ao normal e desejando apenas oficializar as coisas. — Rafaela chegou, traz ela para cá. — Apontou em direção à amiga, que foi interceptada por William e revirou os olhos diante a abordagem.

— Vou resgatá-la — brinquei beijando o topo da cabeça de Helena e caminhando até nossos amigos. Mamãe conversava com Marta animadamente, e Nana estava mais atrás.

Ela havia se mudado no começo, logo quando Helena decidiu ficar. Voltou a morar com a minha mãe e isso deixou um espaço no meu coração, que estava acostumado a ter minha avó por perto. Mas eu sabia que era melhor desta forma.

— Ei, Rafa — falei ao lado da moça, que era melhor amiga de Helena. — Vem comigo? — William me lançou um olhar matador, enquanto me via levá-la para longe.

— Obrigada, às vezes ele me deixa doida — falou caminhando lado a lado comigo. — Lena, Yu — disse já abraçando minha namorada e beijando a bochecha da minha filha em seguida. — Parabéns, bebê da madrinha. Coisa mais gostosa do mundo. — Ela segurava o rostinho de Yumi e a menina ria, atenta a cada palavra.

— Papá! — ela exclamou, batendo palmas e me fazendo arregalar os olhos em direção a Yumi, que me encontrou com o olhar. — Papá, papá... — E estendeu os bracinhos pedindo colo. A peguei rapidamente, sentindo meu coração falhar quando a menina se segurou em minha camisa,

repetindo a palavra como se fosse seu novo som preferido.

Ela nunca havia falado.

Ela...

— Eu parabenizando-a, aí Yumi vai e chama o pai — Rafaela bufou, fazendo Helena sorrir.

Enquanto eu continuava bobo, encarando minha filha com muita admiração.

Ela era perfeita, pensei beijando sua cabeça com cheirinho de bebê.

— Você ganhou seu papai — Helena falou se aproximando e sorri, beijando sua bochecha.

— Eu acho que tenho um novo som preferido. — Repousei minha mão livre em sua barriga.

— E quero só ver quem nossa menina vai chamar primeiro. Papai ou mamãe.

Ela me abriu um sorriso.

— Com toda certeza vai ser mamãe — provocou, me fazendo puxá-la em minha direção, beijando seus lábios. A festa de Yumi foi simples e acabou rápido, pois era uma criança de um ano que passava de braço em braço se divertindo com toda aquela atenção. E quando finalmente ficamos só nós, senti meu corpo cansado se aproximar de Helena deitada com a nossa filha sobre a cama, com uma Yumi segurando a mamadeira de modo folgado, pois estava quase pegando no sono.

— Vai dormir em cinco minutos — Lena falou me vendo sentar na beirada da cama, observando-as. — O que houve? Ficou pensativo.

Sorri.

— Queria te falar uma coisa. — Vi os ombros da mulher tensionar com a menção. — Não é nada ruim, amor. — Deslizei a mão em seu rosto, e me aproximei, beijando seus lábios.

— Mas fale logo, homem. — Sorri com sua pressa e não me afastei.

— Quero que se case comigo — falei, me afastando para ver sua reação. — Já temos um anel, dois filhos e nossa casa. Só preciso que seja minha. Oficialmente.

A vi engolir em seco, me encarando com os olhos assustados.

— Isso é um pedido? — Senti o alívio sobre mim quando ela abriu um sorriso debochado. —

Ou uma ordem?

— Os dois. Preciso que se case comigo. Quero que seja minha. Aceita casar comigo, senhorita Park? — indaguei brincando, a vendo sorrir e balançar a cabeça em confirmação.

— Sabe que sim — respondeu e eu me aproximei, beijando sua boca com Yumi entre nós. — Você não me dá muitas escolhas, senhor Bernardi. — Se afastou, alisando meus cabelos. — Amar você me faz ficar.

— Tem todas as escolhas do mundo, Helena. — Beijeii sua testa. — Mas não pode me deixar sozinho. Preciso de vocês.

E o sorriso dela acalmou meu coração. Eu precisava disso, a dinâmica atual era boa, mas eu gostava da ideia de ela ser minha esposa, de me casar com a mulher da minha vida.

— E quero me casar com você o mais rápido possível — falei me levantando para ver se Yumi havia dormido. A mamadeira havia acabado, mas ela continuava sugando como se fosse um ato reflexo. — E quem sabe, comprar uma casa com quintal para Yumi e o bebê crescer com mais espaço. — Indiquei deslizando a mão em seu ventre e a ouvi suspirar.

— Eu acho perfeito. — Sorriu.

— E você voltar para a faculdade, já que queria tanto. — Ela suspirou.

— Podemos deixar isso para depois do bebê nascer? Não sei se dou conta. — Eu queria que Helena seguisse seu caminho profissional, pois via o quanto ela amava estar em torno da Bernardi, como minha secretária. Já que acabei roubando-a de William.

— Da forma que você achar melhor, amor — concordei, pegando nossa filha adormecida e levando-a para o quarto. O nosso relacionamento explodiu na mídia pouco tempo depois da descoberta da gravidez, em uma manchete horrível, falando coisas sem sentido, mas tudo foi

solucionado com a ajuda de William e Rafaela, que tinham contatos no meio. E finalmente a paz veio.

Atualmente, todos sabiam sobre a origem de Yumi, e o papel de Helena em sua vida. Não era um segredo. E houve julgamentos, mas ignoramos tudo isso. A vida era nossa, ninguém tinha que dar opinião.



Senti meu celular vibrar sobre a mesinha de cabeceira enquanto vestia meu pijama. Enrico estava no escritório trabalhando, pois não havia ido esta manhã para a Bernardi. Me aproximei do celular e ao estender a mão, meu olhar pegou o anel em meu dedo. Anteriormente eu o usava mais por significar muito para mim, mas agora era oficial, eu iria me casar.

— Oi — atendi o telefone ao ver que era Rafaela.

— Como está a noiva mais linda do mundo? — ela perguntou me fazendo franzir o cenho.

— Você sabia? — indaguei me sentando na beirada da cama. Era nove horas da noite ainda.

— Sim. Ele perguntou como pedia para você se casar com ele, se precisava de algo grande ou mais íntimo, falei para ir por algo mais simples. Sem grandes exageros. — Sorri com minhas bochechas doendo, pois era tudo que eu fazia desde que ele havia perguntado se eu queria me casar com ele.

Não que ele havia perguntado. Talvez fosse mais uma ordem do que um pedido.

— Ah, eu estou ótima. Eu vou me casar! — exclamei assustada. — Há pouco tempo eu nem tinha uma família, Rafaela.

— Cuidado com a parte que me toca — resmungou me fazendo rir. — Sim, mas agora tem uma. E é enorme. Vai me pedir para ser madrinha da bebê quando, hein?

Sorri.

— Você deveria aprender a ser mais sutil, ou mais paciente.

— Eu não sou nenhum dos dois e você sabe disso — resmungou. — Só quero deixar claro que sou madrinha de Yumi e quero ser do seu filho também. E se você escolher outra pessoa para isso, eu provavelmente vou te matar.

Neguei com a cabeça e conversei mais um pouco com Rafaela até ver Enrico parado na porta, me observando. Coloquei o celular de lado, observando meu futuro marido maravilhoso com peito desnudo, com a calça moletom pendurada na cintura, deixando à mostra as tatuagens que eu amava observar.

— Não me olha assim — repreendeu, abrindo um sorriso de canto.

— Não estou olhando de forma nenhuma. — Devolvi o sorriso, vendo-o fechar a porta, caminhando em minha direção, parando em minha frente. Enrico ainda tinha o mesmo poder sobre mim de quando o vi a primeira vez. Eu ainda olhava para ele, parecendo uma boba, observando o quão lindo ele era.

— Está sim. — Segurei meu rosto, me fazendo encará-lo. — Com cara de safada, que se eu virar sua bunda para cima, vou encontrar sua boceta pronta para mim.

Engasguei com suas palavras.

— Safado — murmurei vendo-o sorrir ainda mais, porém entrei em seu jogo, deslizando a mão por seu peito, parando na barra da calça e puxando o tecido para baixo, revelando o membro sem cueca, já duro. — Você anda muito ligado — falei, com meu dedo tocando sua base. Ele suspirou.

— Estou sempre assim quando se trata de você, Helena. — A resposta me deu confiança para deslizar minhas mãos mais em torno do pau endurecido, sentindo-o crescer em minha mão. Brinquei com Enrico, deslizando para cima e para baixo várias vezes, passando a língua algumas vezes pela cabeça e senti quando seus dedos tocaram minha boca, separando meus lábios, me fazendo inclinar a

cabeça para encontrar seu rosto.

— Boquinha perfeita para me chupar. — Sorri, e me afastei, ficando de joelhos em sua frente e o levando para meus lábios. O gemido de Enrico me fez ir mais fundo, mas não o suficiente. Nunca era. Continuei brincando com seu membro, sentindo minha boceta molhar, conforme ele se movia contra minha boca, gemendo meu nome. Até se afastar, gostando rapidamente e alcançando meu rosto. — Ah, caralho. — Ele se aproximou segurando meu rosto e colando a boca na minha, puxando meu short para baixo, me deixando parcialmente nua em sua frente. Me levantei, sem me afastar de Enrico, sentindo sua mão segurar minha perna e seu pau me invadir em um único golpe, se enterrando dentro de mim, me fazendo gemer, enlouquecida.

Enrico saiu de dentro de mim, depositando um beijo rápido em meus lábios.

— Fica de quatro para mim, amor — pediu e apenas atendi, empinando a bunda em sua direção. Senti quando seu membro voltou para dentro de mim, me alargando, me segurando, enquanto meu corpo era preenchido por ele. Minha pele queimava, meu corpo tensionava em um prazer descomunal, e quando tudo acabou, senti minhas pernas instáveis e virei para o lado, caindo sobre a cama.

Vi Enrico deitar-se ao meu lado e o encarei, vendo o homem respirar fundo.

— Eu amo você — sussurrei estendendo a mão para tocar a sua. Entre nós dois, Enrico era quem geralmente mais falava isso. Não que ele fosse meloso, mas acredito que ele tenha aceitado o sentimento primeiro.

Ele sorriu.

— Também. — Se aproximou, passando o braço em volta do meu corpo e me puxando em sua direção. Eu estava vestida da cintura para cima, e isso me fez sorrir, me inclinando para frente para retirar a peça de cima do pijama. — Assim não vamos dormir, Helena, não tem como ficar calmo com seus peitos na minha cara. — Me deitei ao seu lado, encostada contra ele e passei a perna por

cima do seu corpo, me esfregando nele.

— Não precisamos dormir mesmo. Está uma noite linda para ficar acordado. — Apontei em direção a janela aberta, o escutando rir. E sua mão contra a minha barriga me acalmou. Me fazendo ver que essa era a melhor realidade possível.

Capítulo 25



HELENA PARK

Os dois meses que se passaram foram perfeitos. Eu seguia trabalhando na Bernardi, depois de um acordo com Enrico sobre continuar trabalhando até onde a gravidez me permitir. Com isso, eu seguia sendo secretária de William, pois não deu muito certo trabalhar vinte e quatro horas com Enrico.

Ele roubava muito minha atenção.

Yumi estava cada dia mais esperta, aprendia novas palavras, já tinha dentes demais dentro daquela boca e estava pior que onça quando via carne. Minha pequena era tão linda que ficava difícil dizer não para aquele rostinho adorável. E tornava tudo pior quando ela era mimada por todos da família.

De uma forma estranha, Rafaela e William se aproximaram, em uma dinâmica que tinha mais briga do que amizade, ele foi o ponto mais forte dos últimos meses. Principalmente no que se tratava do trauma da Rafa em relação a Guto.

Ela ainda sentia muito medo. E constantemente William dormia no apartamento dela, para acalmá-la. A amizade mais insana que você vai ter o prazer de conhecer.

Alessandra se aproximou segurando Yumi nos braços enquanto Enrico estava próximo à churrasqueira, conversando com William. Era um almoço de família, e com a aproximação dos clientes da Bernardi, Antonella e Giulio Fontana, a Enrico ambos estavam presentes. A melhor parte era que não precisávamos mentir sobre o relacionamento.

Minha futura sogra parou ao meu lado e vi que Yumi segurava um pedacinho de carne minúsculo entre os dedos, com tanta força que quase sumia.

— Carne a essa hora, dona Yu? — indaguei encarando o vestido rosado que ela tinha no corpo.

— *Uuuuh* — ela respondeu, sorrindo, e fazendo um biquinho em seguida. Estava com as bochechas sujas, e não havia nada mais lindo do que minha filha.

Eu finalmente aceitei isso. Yumi era minha, e eu sabia que Mina não se sentiria mal por protegê-la, por amá-la desta forma. No fim, sabia que tudo seria melhor se minha irmã estivesse aqui, mas infelizmente não era assim. E eu não podia deixar nossa pequena sofrer.

— O pai de Enrico me ligou hoje — Alessandra falou atraindo minha atenção. — Ele está de volta na cidade e disse que vai passar aqui para ver o filho.

Senti meu coração acelerar e encarei Enrico por cima dos ombros, com medo. Eu não sabia muito sobre a relação de Enrico com o pai, mas sabia que o homem nunca foi realmente bom para ele.

— Isso não é legal. Eles não têm uma boa relação, né? — Ela negou.

— Falei para Mariano que não adianta querer ser pai depois todos esses anos. Enrico não precisa de um pai agora, é um homem de trinta e cinco anos — bufou. — Mas ele não me ouviu. — A campainha tocou a deixando inteiramente tensa. Vi Enrico levantar a cabeça, indagando quem era, pois nossos amigos estavam todos ali.

Rafaela conversava com Antonella, enquanto Nana estava ao lado de Giulio.

— Eu vou atender — Alessandra falou sorrindo para o filho. Bebi um gole do meu suco e caminhei até meu noivo, parando ao seu lado. Enrico cuidava da churrasqueira e estava tão leve que nem parecia que ficava maior parte do tempo dentro de um terno formal.

— Vai dar comida para sua futura esposa? — falei, me encostando em seu ombro. Ele riu e pousou a mão sobre minha barriga, nossa filha pareceu sentir e o movimento dela dentro de mim o fez abrir um sorriso ainda maior. — Sua filha está com fome.

— Vocês estão sempre com fome, hein?! — brincou se afastando para cortar a carne, e enquanto fazia isso, ouvimos vozes de Alessandra e um homem. Enrico se virou, a tempo de encontrar o olhar com o do pai, um senhor alto, de cabelos brancos e semblante aberto. Meu noivo não desviou o olhar, em choque.

— Bom dia a todos! — Mariano falou sorrindo.

Nana levantou o olhar e desviou para o neto, assustada com a chegada repentina.

— O que ele faz aqui? — Enrico indagou em direção à mãe, espetando o pedaço pequeno de carne num garfo e estendendo em minha direção. Aceitei, colocando a mão em seu ombro em sinal de apoio.

— Ele teimou em vir, disse que queria ver você — Alessandra explicou, parecendo nervosa.

— Eu não o quero aqui, mamãe. Não por mim — decidiu, se virando e vi o pai dele se aproximando, com as mãos no bolso, olhando de modo quase suplicante para minha sogra, mas ela apenas deu de ombros e se afastou, levando Yumi junto.

— Bom dia, Enrico — Mariano falou e vi os ombros de Enrico tensos. O pai dele me olhou, abrindo um sorriso de canto. — Fiquei sabendo que está noivo. E tem uma filha.

Enrico o encarou, finalmente, lhe lançando o olhar mais frio que conseguia.

— Não deveria estar aqui — foi a primeira coisa que falou.

— Sou seu pai, Enrico, quero uma aproximação. — Enrico riu.

— Eu não o quero aqui. Estamos em uma reunião de família e você não faz parte desta. —

Senti meu coração apertado, pois vi no semblante de Enrico o quanto aquela situação o machucava.

— Deveria ter desejado uma aproximação quando eu tinha dez anos, não agora. Então por favor, se retire.

Mariano suspirou e vi Nana se aproximar, ficando ao lado do homem.

— Enrico tem razão, Mariano — falou, e surpreendentemente concordei com ela. — Você não deveria estar aqui.

Ele suspirou. Mariano me lembrava do meu noivo, o mesmo formato do rosto, os olhos castanhos e o porte alto, mas a diferença era clara nos cabelos, pois os de Mariano já estavam brancos pela idade.

— Eu pensei que a gente poderia tentar. — Mariano encarou o filho. — Seus irmãos deveriam ter aproximação com você. Você tem uma família deste lado também.

Enrico sorriu e senti suas mãos em minhas costas, puxando levemente em sua direção.

— Quando você se foi, Mariano — encarou o pai com firmeza —, mamãe ficou. Minha avó ficou. E eu aprendi que elas eram a minha família. Então quando e finalmente estou feliz, não me venha com isso. Você não tem lugar aqui.

Ele assentiu e vi se distanciar com Nana o levando para fora. Os convidados pareceram perceber a tensão, mas ninguém comentou nada.

Me virei para Enrico, segurando seu rosto.

— Você está bem? — Ele sorriu e beijou minha mão.

— Sim, tenho você. — Sua resposta com fuga me fez bufar.

— Enrico — repreendi e ele suspirou.

— Mariano está com a empresa na corda bamba — explicou. — Se divorciou da esposa e ela o deixou numa pior. Acredita que se aproximar pode ser a solução.

— Por isso mandou ele embora? — Franzi o cenho e ele negou.

— O mandei, pois ele nunca foi um pai. — Beijou minha testa. — Está tudo bem, amor, eu estou bem. Ele não tem poder de me machucar. Não mais. — Sorri e ouvi o chamado do outro lado.

— PAPÁ! — Era Yumi, chorando e estendendo os bracinhos enquanto a avó dela caminhava em nossa direção. — *Tarne. Tarne.* — Apontou para a churrasqueira. Enrico riu e voltou-se para a comida, cortando pedaços pequeninhos para Yumi.

— Enrico — Alessandra o chamou e ele encarou a mãe, entregou o pedaço de carne à filha, que levou à boca, mordendo, sugando, a forma que ela achava mais adequado. — Desculpe.

Ele sorriu.

— Tudo bem, mamãe. Mas não o deixe voltar — avisou. — Comigo ele não tem vez, mas a senhora tem coração muito mole.

Alessandra bufou.

— Eu sou escaldada das armadilhas do Mariano. — Enrico riu, relaxado e vi William se aproximando, pegando mais uma cerveja no frigobar. — Will, e sua mãe? Ela disse que vinha hoje. — A mãe dele se distraiu seguindo William.

— Cansada? — Ele indagou beijando minha testa e deslizando por minha barriga de cinco meses. Estava cada dia mais pesada, e eu conseqüentemente mais cansada.

— Um pouco. Sua filha é pesada — brinquei, encostada em seu ombro e senti seu beijo em meus cabelos. Sua mão enlaçada na minha e ficamos ali, observando nossos amigos. Nunca pensei que a decisão de invadir a vida de um homem como Enrico, anunciando que ele tinha uma herdeira, teria este final.

Foi totalmente surpreendente.

— Ele já foi. — Nana retornou e Enrico sorriu, agradecido. — Posso falar com você, Helena? — Fiquei rapidamente tensa com a indagação, mas concordei, a seguindo para a cozinha.

Olhei sobre o ombro, mas ele apenas encolheu os ombros. — Senta-se, menina. — Apontou em direção à banqueta do balcão. Obedeci, deslizando a mão pelo meu vestido, me sentindo rapidamente nervosa.

— O que a senhora deseja? — indaguei, confusa.

Nana sorriu.

— Queria te pedir desculpas por tudo que disse antes. — Senti meus ombros tensionar, confusa. Enrico sempre disse que Nana quase nunca pedia desculpas. — Me enganei sobre você. Deveria ter falado antes, mas espero que me perdoe.

Sorri.

— É claro que sim, Nana — falei, não era uma pessoa muito boa em seguir brigas sem sentido.

— Você faz Enrico feliz como nunca vi. E tem Yumi. E o bebê. — Apontou para seu bisneto em meu ventre. — Eu quero fazer parte da vida deles.

Assenti e fiquei surpresa quando ela se aproximou, passando o braço em volta do meu corpo em um abraço.

— Só não conta para ninguém que pedi desculpas — sussurrou sem me soltar. — Perder a pose não é bom. — Não segurei a risada quando ela disse isso e logo se afastou.

A vida conseguia mesmo surpreender.



Ficamos só Enrico, William e Rafaela no fim, com Yumi sentada no chão, brincando com umas pecinhas de montar. Viemos para o apartamento depois do almoço com Alessandra e Nana, e eu ainda estava pensativa no súbito pedido de perdão da mulher.

— Você está pensativa — Enrico falou com as mãos em meus cabelos, e meu rosto em seu

peito. Rafaela e Will competiam uma partida de videogame e constantemente xingavam um ao outro.

— Eles esquecem que tem criança na sala.

Sorri e vi quando Yumi se levantou, segurando-se na mesinha de centro, ela já andava pela casa, mas só se segurando. Pois no instante que se soltava, caía no chão e abria o berreiro.

— Vamos ver — sussurrei para Enrico, observando-a soltar as mãos e voltar a segurar, parecendo indecisa sobre o que fazer. E quando Yumi se soltou, dando passos sozinhas, o ar faltou e eu não conseguia desviar o olhar, sentindo a mão de Enrico apertar a minha entre as suas.

— Ela está andando — Rafa falou, desviando o olhar da televisão.

Sorri.

— Sim. E não caiu — comentei admirada. Os pezinhos minúsculos, que davam para rechear um pão, se firmavam no chão do apartamento e mantinha a estrutura baixinha de Yumi.

— Papá — ela falou olhando sobre o ombro. Enrico rapidamente sentou-se no chão, sorrindo para a filha.

— Sim, filha, vem cá no papai. — Abriu os braços, a chamando. Yumi sorriu, dando passos trôpegos em sua direção, e quando o alcançou, Enrico a pegou, beijando sua bochecha. — Amor, você andou, viu? Yu, do céu, você está uma mocinha já.

Ela riu da animação dele, sem fazer a menor ideia do por que toda aquela alegria.

— Ai — Rafaela fungou e eu a encarei, assustada quando a vi chorar. — Pegamos ela no colo, Helena, e agora ela está andando. — Sorri da minha amiga.

— Sim, daqui a pouco vamos pegar a dona aqui na maternidade — falei deslizando a mão sobre meu ventre. Ainda não havíamos escolhido o nome dela, então ela seguiria sendo a bebê até que isso fosse definido.

— Vocês precisam escolher o nome desta menina logo — William falou, ganhando da Rafaela no vídeo game, aproveitando que ela se distraiu. Ela o chutou enquanto brigava com ele, parecendo

duas crianças no jardim de infância.

— Realmente — falei para Enrico. — Precisamos de um nome.

Ele suspirou.

— Que tal Penélope? Igual aquele livrinho que você lê para Yumi — falou me fazendo sorrir.

— Hum, gostei. Pen. Apelido legal. — Me sentei ao lado dele no chão, encarando Yumi. —

Que tal, amor? Penélope para sua irmã? — Levantei a blusa, revelando meu ventre. Yumi o tocou, sorrindo em minha direção.

— Mamã — ela sussurrou para minha barriga, pois havia adquirido o hábito de usar mamã para irmã e para mãe desde que começamos a falar sobre a bebê perto dela.

— Acho que é a irmã Penélope da Yumi — sussurrei sorrindo, adorando a nova fase da minha vida. Eu tinha duas filhas maravilhosas. E um futuro marido ainda melhor.

Nenhum cenário poderia ser melhor.



ENRICO BERNARDI

Oito meses depois

A decisão por um casamento na praia veio alguns meses depois. Esperamos Penélope nascer para nos casar, pois Helena escolheu desta forma e quando a vi entrar na tenda da praia do Rio de Janeiro, com o braço junto ao de William, meu coração vacilou.

Senti meu corpo todo travado e meus olhos ardendo. Tudo estava perfeito, mas Helena era a coisa mais maravilhosa que eu já vi, com os cabelos loiros descendo em uma cascata em seus ombros, o rosto bonito e delicado bem maquiado, com o sorriso aberto enquanto meu amigo a trazia até o altar.

E quando ela me alcançou, senti a mão de William em meu ombro, me fazendo encará-lo.

— Ela é como uma irmã, cuida dela. — Sorri com suas palavras, mas eu sabia que ele falava sério. William e Helena haviam criado uma amizade que beirava a uma irmandade, os dois se defendiam e eu sabia que perdia meu amigo a cada dia para minha mulher.

— Eu cuido dela — falei olhando para a loira. — Sabe disso.

Ele se afastou e pude me aproximar, passando o braço em volta da sua cintura e beijando sua

boca. Helena era minha salvação. Ela disse uma vez que eu a salvei quando ela chegou na casa da minha mãe, mas estava errada. Ela me deu um motivo para continuar.

— Eu amo você — falei antes de nós aproximarmos do juiz de paz, segurando seu rosto entre os dedos e vendo o sorriso pequeno em seus lábios. — E nossa família. É mais do que eu preciso. Mais do que eu imaginei ter.

Ela sorriu e se aproximou, beijando meus lábios e encostando a testa na minha.

— Eu amo você, Enrico Bernardi. E nossas filhas, e nosso futuro. — Sorri, a encaixando em meu braço, encarando Penélope nos braços de mamãe, enquanto Yumi estava no colo de Nana.

Realmente, não tinha nada que eu amava mais do que minha família.

Eles eram tudo. E de frente a imensidão do mar, com o pôr do sol nos banhando, selamos o compromisso de cuidar um do outro. Para sempre.



Helena

Penélope estava nos meus braços, sorrindo para o pai bobo dela, que brincava na frente da filha, enquanto segurava a mais velha com o outro braço, impedindo que Yumi saísse correndo pelo salão. E senti meu coração transbordar de felicidade, absorvendo cada detalhe da minha nova realidade.

Eu adorava as manhãs insanas com Yumi invadindo nossa cama, nos chamando para levantar e ver sua irmã no berço. Adorava que sempre tinha que me sentar com Enrico e nossas filhas por uma hora para conversar antes do trabalho, e os fins da tarde, quando Yu chegava da escolinha e contava sobre seu dia.

Eram pequenos momentos.

Que valiam a eternidade.

— Olha, babando dona Pen — Enrico falou, limpando seus lábios e sorri. Penélope o lembrava, na aparência, com um sorriso fácil e doce, porém os cabelos eram claros, bem loirinhos como os meus. E tinha uma real adoração pelo pai.

Eu sabia que no fim, a primeira palavra da nossa caçula seria papai. E eu já estava me preparando para isso.

— *Mamãee!* — Yumi chamou atraindo sua atenção.

— Sim, amor? — indaguei sorrindo. Ela estava no auge dos seus um ano e oito meses e já começava a falar pelos cotovelos pequenas palavras, encantando todos ao seu redor.

— *Tomida.* — Apontou para o prato. — *Atabou.*

Sorri, colocando Pen nos braços do pai e pegando minha mais velha nos braços.

— Vamos colocar comida para a Yu — falei, caminhando em direção ao buffet. E enquanto ela escolhia, eu via pequenos gestos de Mina na minha menina. Ela crescia e cada vez mais me lembrava minha irmã.

Eu via nisso que Mina me deixou, mas se foi deixando um anjinho ao meu lado. E por causa de Yumi, eu encontrei minha felicidade.

— TITIA! — ela exclamou, correndo em direção a Rafaela, que a pegou nos braços, beijando sua bochecha. E cheguei à conclusão de que a vida podia sim te fazer muito triste, te tirar as pessoas mais importantes, mas ela dava suas recompensas.

E garanto que às vezes, valia muito a pena.

— Feliz, senhora Bernardi? — Rafa indagou sorrindo.

Balancei a cabeça, sem conseguir conter o sorriso.

— Imensamente feliz — respondi, vendo os outros pedaços do meu coração conversando com Alessandra. Enrico mimava Penélope e era apegado a filha, pois dizia que em breve ela crescería e não pararia mais em seu colo, como foi com Yumi.

Rafã me abraçou de lado, beijando minha bochecha.

— Feliz por você. — Apertei sua mão junto a minha, pois ela era parte de tudo.

FIM.

Gostou do livro?



Gostou do livro? Não se esqueça de deixar sua avaliação me contando o que achou. Caso queira enviar sua opinião diretamente a autora, clique [AQUI](#).

Próximos lançamentos



Para sempre ao seu lado *Relançamento



Para sempre você *Relançamento



Para sempre nós dois *Relançamento





É estudante de pedagogia, nascida no sudeste do Pará, se apaixonou por livros ainda na adolescência por meio das fantasias de Rick Riordan e Cassandra Clare, mas acabou encontrando seu refúgio em romances dramáticos. Começou a escrever por meio de *fanfics* e quando viu já estava desejando

criar seu próprio livro. Com mais de dez títulos lançados, adora boas histórias que juntam: drama, comédia e suspense.

Outros títulos:

Nove meses depois

Raio de felicidade

Minha escolha

Para sempre ao seu lado

Para sempre você

Para sempre nós dois

Amor Maior

Quando te encontrei

Um amor inesperado

Nosso recomeço

Encontrei você

Louisa

Camilla

Luana

Nosso bebê inesperado

Coração calejado

A herdeira do CEO